

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

JOSSELEM CONTI

**MARGENS ENTRE PESQUISAR E ACOMPANHAR:
O QUE FAZEMOS EXISTIR COM AS HISTÓRIAS QUE
CONTAMOS?**

RIO DE JANEIRO - NITERÓI

2015

JOSSELEM CONTI

**MARGENS ENTRE PESQUISAR E ACOMPANHAR:
O QUE FAZEMOS EXISTIR COM AS HISTÓRIAS QUE
CONTAMOS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora: Prof. Dra. Marcia Moraes

RIO DE JANEIRO - NITERÓI

2015

Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central do Gragoatá

C762 Conti, Josselem.

Margens entre pesquisar e acompanhar: o que fazemos existir com as histórias que contamos? / Josselem Conti. – 2015.

106 f.

Orientadora: Marcia Moraes.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia, 2015.

Bibliografia: f. 102-106.

1. Psicologia aplicada. I. Moraes, Marcia. II. Universidade Federal Fluminense. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia. III. Título.

JOSSELEM CONTI

**MARGENS ENTRE PESQUISAR E ACOMPANHAR:
O QUE FAZEMOS EXISTIR COM AS HISTÓRIAS QUE
CONTAMOS?**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Aprovada em _____ de _____ de _____.

Banca Examinadora

Prof. Dra. Silvana Mendes Lima – UFF

Profa. Dra. Analice de Lima Palombini – UFRGS

Profa. Dra. Márcia Oliveira Moraes – UFF

AGRADECIMENTOS

“...porque a vida é mutirão de todos, por todos remexida e temperada.”
(Guimaraes Rosa)

À professora e amiga Marcia Moraes, pelas alegrias, partilhas, conversas, parceria de tantos anos... Somados são 8 anos em que nos inquietamos e seguimos com a aposta de ficar com o problema, de levar mais longe o que aprendemos no encontro com o outro. Levo comigo um ensinamento, herança de sua mãe: “O que se leva da vida é a vida que se leva”;

À professora Silvana Mendes, por me ensinar o caminho da ética dos encontros. Com as sutilezas de uma mulher apaixonada pelo Mia Couto, experimentei um outro tempo das coisas, nas conversas, na presença boa, que a gente nem “precisa de saber o porquê é que é”, a gente vive;

À professora Analice Palombini; pela leitura cuidadosa, pelos encontros por meio da escrita. A escrita nos fez mais perto, e este momento é a ocasião para estarmos juntas novamente seguindo uma aposta ética-política-clínica de acompanharCom;

Ao BoaCia, Camila, Diana, Yuri, Vitor e Leandro, pela amizade que dá sustentação para se viver a aventura que é a clínica;

À equipe Perceber Sem Ver, Marcia Oliveira Moraes, Camila Alves Araújo, Raffaella Petrini de Oliveira, Beatriz Pizarro dos Santos Lopes, Juliana Pires Cecchetti Vaz, Lia Paiva Paula, Luana de Assis Garcia, Larissa Ribeiro Mignon, Thais Amorim Silva, Thiago José Bezerra Cavalcanti, Louise Goransson Savelli, Carolina Sarzeda Reis Couto, Lucas Nogueira Calvet, Alexandra Justino Simbine, Dandara Chiara Ribeiro Trebisacce e Gabrielle Chaves. Vocês fazem toda a diferença!!! Pessoas incríveis com as quais aprendi a pesquisarCom e a levar este verbo mais longe, para a mureta da Urca, para o chocolate quente depois das Oficinas, para as conversas entre Rio e Niterói, pelas conversas no whatsapp, facebook, email, pelos textos que escrevemos a muitas mãos... PesquisarCom é AmarCom, aprendi com vocês!

Às minhas queridas mulheres do Grupo Entre-laços: Ruth, Silvana, Livia (e Tales), Williana, Ingrid, Polyana, Carlinha (e Zoé) e Mariana, pelas andanças performáticas alegres e afetuosas que sempre poderemos experimentar;

Aos meus queridos pais, Sonia e Francisco, pela vida e sustentação para eu ser. Pelo incentivo em sempre continuar, pelos ensinamentos e pela coragem em povoar o mundo com 4 filhos;

Aos meus irmãos, Thays, Geraldo e Felipe, por sempre poder contar com vocês;

Ao Guilherme, companheiro amoroso na construção de uma saúde. Pelos vinhos, risadas, choros, sonhos, planos, paciência, pela rosa desenhada no papel, pelas conversas, pelas músicas e dancinhas malucas. T'amo juntos;

À Flor, Lucky, Romeu, Bóris, Willows, Yune, Grandona, Brenda, Brendow, Teca, Tico e tantos amigos da raça canina que tive a alegria de ter na vida, com vocês aprendi a criar uma comunicação pela via do afeto;

Ao professor e amigo Eduardo Passos, um cavalheiro na clínica me acompanhando e dando passagem ao meu devir clínica;

À RODA, pela simplicidade de seu acolhimento;

À Karen, pelo meu espaço de cuidado;

À Lia Paiva, menina índia, com um sorriso que me alegra tanto. Grata pela amizade, disponibilidade e pela revisão do texto em português;

À Juliana Cecchetti, pela disponibilidade em traduzir para o inglês o resumo e a conversa entre Butler e Sunaura;

À Luciana Franco, pelas leituras, partilhas, incentivos e cartas trocadas. Pelo seu olhar e pela chance de tê-lo comigo nas fotografias que faz do nosso cotidiano;

À Thaisinha, pela cumplicidade das trocas que tecemos juntas;

À Marília Silveira, ALICE, pelas poesias dos dias difíceis e dos alegres também. Pelas trocas sempre potentes;

À Nira Kaufman, pelas caronas, pelas partilhas, conversas e criação de um espaço de supervisão para o nosso fazer;

Ao grupo de orientação PesquisarCom, Marcia Moraes, Cristiane Bremenkamp, Marília Gurgel, Luiza Teles, Talita Tibola, Luciana Franco, Carolina Manso, Maria Rita Campello Rodrigues, Eleonora Prestrelo, Marília Silveira, Elis Teles, Alessandra Rotemberg, Maria Aparecida dos Santos, Cristiane Knijnik, Nira Kaufman, Camila Alves, Alexandra Simbine, Gabrielle Chaves, Amanda Muniz, pela leveza com que compartilhamos nossos textos, leituras, salada de frutas...

À Catarina Resende, pela boa herança;

À Ester Murta e à Farofa, pela alegria que é o nosso encontro;

À Williana Louzada, por tantos anos de parceria e sintonia;

À Maria Thereza, Eduardo Passos, Ester Murta, Cristiane Cardoso e Mônica, pelo espaço da casa Umari que é um lugar de muita potência;

À Adrielly Selvatici, pela alegria que você coloca no mundo e os sabores deliciosos que faz com tanto carinho. Agradecida também pela leitura do texto da qualificação;

À Izabel Taveira, pelas trocas das nossas experiências na vida;

À Ronald Arendt, pela generosa tradução para o português dos textos escritos pela Despret;

À Regina Rodrigues, amiga-irmã desde a 5^o série e para a vida toda;

Às pessoas que acompanhei e que me acompanharam. Com vocês aprendi a me surpreender, a viver com o não saber e fazer dele um trunfo. Aprendi que o encontro se tece junto, nas casas, nas ruas, na cidade, nas oficinas, nas conversas...

À CAPES, pela bolsa de estudos concedida.

RESUMO

Nesta dissertação, buscamos práticas e narrativas que permitam problematizar as únicas histórias acerca da deficiência e da loucura. Propomos uma tomada de posição: histórias únicas em detrimento das únicas histórias. Através das práticas de acompanhar e pesquisar e de articulações com autoras como Haraway, Moraes, Despret, Stengers, Favret-Saada, dentre outras, marcamos nosso posicionamento por versões e não por concepções hegemônicas de deficiência como incapacidade e de loucura como doença mental. Entrelaçando as experiências de acompanhamento terapêutico e de pesquisa, surgem três verbos: acompanhar, equivocar e cuidar. Estes verbos nos fazem responder a uma metodologia que afirma uma escrita situada, local e encarnada. O pesquisarCom (Moraes,2010) nos lança no desafio de desfazer e refazer certas fronteiras, numa aposta de construção de um mundo comum e heterogêneo. Histórias singulares, locais e situadas tem a força de multiplicar as versões, tem a força política de refazer o que conta e o que não conta no mundo. Contar histórias, muitas histórias, nos faz compor um mundo mais rico e denso.

Palavras-chave: acompanhar, equivocar, cuidar, pesquisarCom, narrar, normatividade.

ABSTRACT

In this dissertation, we look for practices and narratives that allow problematizing the single stories about disability and madness. We propose to take a stand: histories which are single instead of the single stories. Through the practices of accompany and research and through the articulations with authors such as Haraway, Moraes, Despret, Stengers, Favret-Saada, among others, we mark our positioning in versions and not hegemonic conceptions of disability as incapacity and of madness as mental illness. Intertwaving experiences of therapeutic accompaniment and research, three verbs arise: to accompany, to equivocate and to take care. These verbs make us respond to a methodology that affirms a situated, local and embodied writing. The researchWith (Moraes, 2010) launches us into the challenge of unmake and remake certain borders, in a bet on building a common and heterogeneous world. Singular stories, local and situated have the strength of multiply the versions, have the political strength of rebuild what counts and what doesn't count in the world. Telling stories, many stories, makes us compose a richer and denser world.

Key-words: to accompany, to equivocate, to take care, researchWith, to narrate, normativity.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
<i>ENTRE</i>.....	19
CAPÍTULO UM: DO COTIDIANO FEZ-SE TEXTO.....	20
ARTICULAÇÃO: MARGENS.....	21
PRIMEIRA MARGEM: A PESQUISA PERCEBER SEM VER.....	22
SEGUNDA MARGEM: ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO.....	27
ARTICULAÇÃO: CAMPO-TEMA.....	31
TERCEIRA MARGEM: PENSAR PELO MEIO.....	32
LAMPEJO METODOLÓGICO.....	36
<i>ENTRE</i>.....	38
CAPÍTULO DOIS: HISTÓRIAS COM.....	39
ARTICULAÇÃO: VENDADOS FICAMOS CEGOS?.....	39
PROPOSIÇÃO: VERSÕES.....	40
ARTICULAÇÃO: AQUELE-QUE-SÓ-DIZ-OBRIGADO.....	43
PROPOSIÇÃO: SER AFETADO.....	46
ARTICULAÇÃO: FEITO À MÃO.....	48
PROPOSIÇÃO: FAZER UM CORPO.....	50
ARTICULAÇÃO: FICAR COM O PROBLEMA.....	54
PROPOSIÇÃO: FRESTAS.....	56
ARTICULAÇÃO: OFICINA COM.....	58
ARTICULAÇÃO: UMA VERSÃO DE AT.....	60
ARTICULAÇÃO: ESTAR COM NA DIFERENÇA.....	61
ARTICULAÇÃO: CANDEIA.....	63

PROPOSIÇÃO: MODOS DE ORDENAR A DEFICIÊNCIA.....	67
ARTICULAÇÃO: HESITAR.....	69
PROPOSIÇÃO: EQUIVOCAR.....	71
ARTICULAÇÃO: DIFERENÇA.....	72
PROPOSIÇÃO: FIAR UMA NORMATIVIDADE.....	72
ARTICULAÇÃO: CONEXÕES.....	78
PROPOSIÇÃO: INTERAGÊNCIA.....	79
ARTICULAÇÃO: COMPOR MUNDOS.....	82
ARTICULAÇÃO: PING-PONG.....	83
ARTICULAÇÃO: ACOLHER.....	84
PROPOSIÇÃO: CUIDADO COM DISSENSO.....	85
<i>ENTRE</i>.....	87
CAPÍTULO TRÊS: PROPOSIÇÕES DE MÉTODO E CONSIDERAÇÕES FINAIS TEMPORÁRIAS.....	88
ARTICULAÇÃO: E AGORA?.....	88
PROPOSIÇÃO: UMA POLÍTICA PARA O COTIDIANO.....	88
PROPOSIÇÃO: TESTEMUNHAR.....	92
PROPOSIÇÃO: CIÊNCIA NO FEMININO.....	95
PROPOSIÇÃO: RASTRO.....	99
BIBLIOGRAFIA.....	102

INTRODUÇÃO

O que conta quando contamos uma história? Nesta dissertação, vou contar histórias únicas, histórias que vivenciei ou que escutei ao longo da minha formação como psicóloga e pesquisadora. Para começar, contarei uma que ouvi através de um vídeo na internet. Ela nos indicará um sentido importante a ser seguido durante toda a escrita.

Em julho de 2009, Chimamanda Adichie¹, uma escritora nigeriana e contadora de histórias, participou de uma palestra organizada pelo TED (Technology, Entertainment, Design). A proposta desta organização é disseminar ideias por meio de palestras que duram em torno de 18 minutos ou menos. Adichie, naquele dia, veio nos falar sobre o perigo das histórias que se tornam esteriótipos.

Adichie cresceu em um campus universitário no leste da Nigéria e começou a ler e a escrever muito cedo. Os livros a que tinha acesso eram britânicos e americanos e serviram de inspiração para suas primeiras histórias. Seus personagens eram brancos de olhos azuis, comiam maçã, brincavam na neve e falavam sobre o tempo, tal como nos livros estrangeiros.

Ela nunca havia saído da Nigéria, lá não tem neve, eles comem mangas e o tempo não era assunto para as conversas. Acreditava que todos os livros eram assim, ou deveriam ser assim, com coisas que ela não podia se identificar.

As coisas mudaram quando ela conheceu os livros africanos. Eles eram difíceis de encontrar e não havia muitos, mas foi através deles que seu modo de olhar e ler a literatura mudou. Ela descobriu que meninas como ela, com a pele negra e cabelos que não formavam um rabo de cavalo, também faziam parte da literatura e ela começou a escrever sobre coisas que reconhecia. Com os livros britânicos e americanos, apenas, ela se convencera de que os livros deveriam ser estrangeiros. Ela diz que escritores africanos a salvaram de ter uma única história sobre o que os livros são.

¹ A palestra de Adichie está disponível em http://www.ted.com/talks/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story?language=pt-br

Adichie vem de uma família de classe média, seu pai é professor, sua mãe administradora e em sua casa havia empregados que vinham de aldeias rurais. Quando ela tinha 8 anos, um menino chamado Fide foi trabalhar em sua casa. A única história que ouvia sobre ele era de que sua família era muito pobre e sua mãe enviava comida e roupas usadas para eles. Adichie sentia pena da família de Fide. Em um final de semana, ela foi visitar a aldeia de Fide e sua mãe mostrou um cesto lindo de ráfia que o irmão de Fide havia feito. Ela se impressionou, nunca pensara que alguém daquela família pobre pudesse realmente criar alguma coisa. Tudo que ela ouvira era de como eram pobres, era impossível para ela vê-los de outra maneira. Era uma única história.

Os anos se passaram e Adichie voltou a pensar nisso quando, aos 19 anos, deixou a Nigéria para ir para uma Universidade nos Estados Unidos. Sua colega de quarto americana ficou chocada quando viu que Adichie falava tão bem o inglês, queria saber onde ela tinha aprendido. Ela não sabia que o inglês é a língua oficial na Nigéria. Ficou mais confusa ainda quando pediu para ouvir músicas tribais e Adichie colocou para tocar a sua fita da cantora Mariah Carey. A colega de quarto tinha uma única história sobre Chimamanda, antes mesmo de tê-la conhecido. Ela tinha uma única história sobre a África.

Quando o assunto era sobre a África todos perguntavam para Adichie e foi nos EUA que ela assumiu a identidade africana. Não que isso não fizesse parte dela, mas para poder tomar parte, para poder contar outras histórias. Histórias sobre ela, sobre seu povo, sobre a África.

Ao passar dos anos vivendo como uma africana na América, Adichie começou a entender a visão de sua colega de quarto. Se ela não tivesse crescido na Nigéria e se tudo o que ela conhecesse sobre a África viesse das imagens populares, ela também pensaria que a África é um lugar de lindas paisagens, lindos animais e pessoas lutando em guerras, morrendo de AIDS, esperando serem salvos por algum estrangeiro gentil.

Essa única história vem de um modo de contar a história, vem de uma literatura ocidental. Sua colega de quarto deve ter ouvido diversas versões de uma única história. Como um professor que disse que seu romance não era “autenticamente africano” e lhe deu nota baixa por isso. Mas afinal, o que seria “autenticamente africano”? A crítica de seu professor era de que seus personagens se pareciam muito com ele, um homem

educado de classe média. Os personagens de Adichie dirigiam carros, não estavam famintos e por isso, pela visão do professor, não eram africanos.

Ao contar estas histórias, Adichie se posiciona, não fica de fora na questão da única história. Alguns anos atrás ela visitou o México e nos EUA, naquela época, estavam acontecendo debates sobre imigração e isto se tornara sinônimo de mexicano, pessoas passando pelas fronteiras, sendo presas.

No seu primeiro dia andando pelas ruas de Guadalajara viu pessoas rindo, indo trabalhar, conversando, fumando e Adichie ficou surpresa, mas logo veio um estranhamento. Percebeu que estava repleta do que a mídia dizia sobre os mexicanos e que eles haviam se tornado uma única história para ela.

Ela se recorda da palavra “nkali” quando pensa nas estruturas de poder do mundo, é uma palavra da tribo Igbo que significa ‘ser maior que o outro’. Ela diz que as histórias também são construídas pelo princípio de nkali. "Como são contadas, quem as conta, quando e quantas histórias são contadas, tudo realmente depende do poder. Poder é a habilidade de não só contar a história de outra pessoa, mas de fazê-la a história definitiva daquela pessoa" (Adichie,2009). Únicas histórias criam estereótipos e são incompletas. É importante falar sobre as outras histórias.

E se Adichie tivesse acompanhado o debate sobre as imigrações de ambos os lados? E se existisse um canal de TV que transmitisse as histórias africanas para todo o mundo? E se sua mãe tivesse contado que a família de Fide era trabalhadora, para além de dizer que era pobre somente? E se sua colega de quarto soubesse do seu editor nigeriano que acreditou que as pessoas podiam ler e tornar os livros acessíveis?

Adichie nos faz pensar sobre o perigo das únicas histórias, histórias que perdem suas conexões, histórias desconectadas dos lugares onde foram feitas e que produzem os efeitos das definições, categorizam e se tornam universais.

O objetivo desta escrita é apostar em práticas e narrativas que permitam problematizar as únicas histórias. A partir da experiência em duas práticas na Psicologia, uma intervenção como acompanhante terapêutica e uma intervenção no campo da reabilitação com pessoas cegas e com baixa visão através da Pesquisa Perceber Sem

Ver, equivocaremos as velhas categorias de loucura como doença mental e de deficiência como incapacidade.

Faz diferença o modo como escrevemos: Única história ou história única? Há uma ambiguidade aí. Se colocarmos o adjetivo antes da história, teremos uma só história carregando o sentido de uma história pré-concebida. Escolhemos, neste texto, continuar usando este adjetivo, mas posicionando-o de uma outra maneira. Se é “única”, é em um outro sentido, de singular. Propomos uma tomada de posição: histórias únicas em detrimento das únicas histórias.

Ao nos falar sobre o perigo de uma única história, Adichie mostra também a força que os encontros podem ter para destituir histórias hegemônicas. O encontro com os mexicanos vivendo suas vidas, o encontro com sua colega de quarto, o encontro com os livros africanos provocaram um deslocamento no modo de contar e escrever suas histórias. O encontro com o outro faz com que uma nova versão possa ser contada. E é nesta dimensão do encontro que esta dissertação será tecida.

Eu venho de uma cidade que se chama Volta Redonda, pois o Rio Paraíba faz uma volta, uma curva redonda quando passa pela cidade. Foi lá que eu cresci e vivi durante 17 anos. Quando fui aprovada no vestibular me mudei para Niterói, onde fica a Universidade Federal Fluminense. Experimentei outro ritmo de andar, outra geografia, outras paisagens, texturas e temperaturas. Fui notando que outras composições se faziam em mim, me tornava outra a cada momento, a cada encontro.

No primeiro período da graduação em Psicologia assisti às aulas de epistemologia ministradas pela professora Marcia Moraes, e ficava intrigada pelo modo como ela equivocava a construção do conhecimento na Psicologia. Me impressionava também a destreza em decifrar as dúvidas que nós estudantes de primeiro período trazíamos de casa. E foi em um desses caminhos para suas aulas que avistei um cartaz para a seleção de sua Pesquisa, a Pesquisa Perceber Sem Ver. Me interessei não só por gostar da professora, mas porque se tratava de um pesquisa no campo da deficiência visual e o trabalho envolvia a experimentação do corpo.

Como uma tarefa para a seleção, assisti a um filme sobre cegueira e depois participei de uma oficina de corpo. O projeto de pesquisa Perceber Sem Ver realizava Oficinas de Experimentação Corporal com crianças e adolescentes cegos ou com baixa

visão no Instituto Benjamin Constant. Este foi o meu primeiro contato com este tema, e naquele dia, eu mal sabia que este contato continuaria por mais oito anos. Fui selecionada para participar da pesquisa, um mundo de textos, conversas, inquietações e encontros se abria.

Foi também durante a faculdade, no sétimo período, ao começar a experimentar o fazer da clínica que uma outra possibilidade de clínica me interessou. O Acompanhamento Terapêutico (AT) chegou para mim como um convite lançado em uma roda de estagiários da abordagem transdisciplinar da clínica na UFF, supervisionada pelo Professor Eduardo Passos. Levantei a mão como quem está aberta a experimentar algo novo. Foi neste momento que comecei a buscar textos sobre acompanhamento terapêutico, sem me dar conta de que isso já se fazia em mim, seja nos atendimentos do Serviço de Psicologia Aplicada da UFF, seja no Caps da Rede de Saúde Mental do RJ onde eu fazia estágio, seja na Pesquisa, mas isso eu só perceberia tempos depois ao contar as histórias dessas experiências. Um modo de acompanhar foi sendo construído, um acompanhar que se interessa pelas mediações, pelas conexões que nos fazem cotidianamente.

Ao acompanhar no AT e na Pesquisa, encontrei histórias que não se encerravam em uma versão de deficiência como déficit ou ineficiência e nem de loucura como uma doença a ser superada. Construí junto com a professora Marcia Moraes, com o professor Eduardo Passos, com meus colegas de equipe, com os textos que liamos e que escrevíamos, com as conversas antes ou depois dos atendimentos, etc, um modo de acompanhar que se faz COM e não sobre o outro (Moraes, 2010). Um acompanhar que se aproxima, que se afeta, que se inquieta, que intervém, que interfere, que cuida e que equivoca.

Acompanhar e pesquisar neste texto se misturam. Acompanhamos pesquisando e pesquisamos acompanhando, pois a maneira como pensamos esses dois verbos é no sentido de uma ação que se faz, se refaz e se desfaz em várias outras ações: afetar, escutar, diferir, agenciar, articular, disseminar e outras tantas. Trata-se, portanto, mais do que de definir algum significado para o pesquisar e para o acompanhar, de fazer proliferar os seus sentidos e de multiplicar as suas derivas.

Deste modo, buscamos disseminar, proliferar histórias que se enlaçam e que equivocam o sentido de única história. Produzir aberturas, frestas, naquilo que parece ser dado ou tomado como não-problemático e assim, povoar o mundo com outros pedaços de história, outras versões. Um mundo mais rico, mais denso. Segundo Despret (2012a), a disseminação requer um corpo sensível ao encontro com o outro. Um corpo sensível ao mundo no qual e com o qual aprendemos a sentir e a pensar. Esse posicionamento provoca uma descentralização do lugar de sujeito da pesquisa, o que poderíamos associar ao princípio de “nkali” lembrado por Adichie (2009). Experimentar a disseminação requer um modo de relação que se faz com o outro, que cria um *entre* que permite um corpo se tornar vetor para prolongar e renovar a história.

Parece-nos que disseminar está indissociável de um modo de estar e movimentar. O corpo se torna vetor, um mediador, “transporta novas propostas de vida, de natureza e de beleza” (Despret,2012a, p.4). Deste modo, não somos os únicos autores dos nossos projetos de pesquisa. “O artista não é nunca o único autor, pois obedece à indução que lhe dirige aquilo que pede para ser realizado. Ele é aquele que acolhe, recolhe, prepara, explora a forma da obra” (idem,ibidem,p.4).

Neste movimento relacional, somos capazes de produzir conhecimento com aquilo que interessa ao outro. Os encontros cotidianos são solos férteis para fazer proliferar outras versões de realidade e outros, novos, arranjos de produção de conhecimento. As concepções mais clássicas de método de pesquisa trazem a realidade como dada, pronta, despolitizando suas práticas (Haraway,1995). O modo de produzir conhecimento que defendemos aqui afirma que a política de pesquisa é local, situada e performativa².

O presente texto se fará a partir da leitura dos diários de campo dessas duas experiências, a Pesquisa e o Acompanhamento Terapêutico, e o que esses encontros nos trazem como questão. Interessante compartilhar que a leitura dos diários de campo tocou em memórias e estas precisaram ser escritas durante a feitura deste trabalho.

² Para ler mais sobre isto, indicamos os textos de Mol (2008) e Haraway (1995).

...a memória quente e incorporada, uma memória que destaca hábitos e intimidades, uma memória que traduz um processo de “tornar-se com” aquilo a que nos dirigimos, o que nos coloca a trabalhar, o que nos metamorfoseia e através do que se aprende as linguagens do mundo, do espaço e do tempo. Uma memória de modos de ser, de ritmos, de estilos, de propagação, de combinações [...] Uma memória que impõe e que resume um gesto particular: aquele de “compor com” (idem,ibidem,p.4).

Percebemos que esta memória faz parte do processo de disseminação, pois é uma memória que provoca uma recomposição das coisas e que principalmente nos faz pensar, reinventar usos e maneiras de fazer.

Fazer uso dos diários de campos escritos ao longo dos encontros, na Pesquisa e no AT, preserva a memória das coisas e provoca a produção de novos usos, pois novas relações são criadas, novas articulações, que inventam outras memórias e estas se juntam e prolongam a primeira. Essas memórias transportam sempre uma parte da vida, são sempre parciais, que colocadas lado a lado compõem um mundo mais denso, mais articulado, feito por essas re-COM-*posições*.

Seguindo este caminho, gostaríamos de pactuar com você, leitor(a), que este trabalho será feito sempre de um modo local e situado. Dito de outra maneira, neste texto marcaremos onde as questões foram feitas, com que elementos foram tecidas, pois conhecemos sempre a partir de algum lugar, com alguém, num certo tempo e espaço, com certas mediações e não outras. Esta dimensão marcada nos permitirá equivocarnos as únicas histórias que são descorporificadas, que são de lugar nenhum (Haraway, 1995). Todo o pensamento do que é o acompanhar será feito a partir das cenas dos diários de campo que nos fizeram pensar sobre elas.

Antes de finalizar essa introdução, é preciso uma explicação sobre a tática de escrita que fabricamos. Diante de experiências em campos diferentes optamos por não separá-los, pois apostamos que as experiências podem se entrelaçar e construir uma escrita afeita às questões do cotidiano, e que criam atravessamentos tanto na prática de Pesquisa quanto na prática de Acompanhamento Terapêutico. Desta forma, optamos por organizar a escrita em *articulações* e *proposições*. As articulações seriam trechos dos diários e experiências em campo, bem como as memórias destas, e as proposições, discussões a partir da obra de autores e artistas, assim como minhas próprias observações.

A escolha por organizar a escrita deste modo, em proposições e articulações, denota um posicionamento por versões e não afirmações definitivas das coisas. A escolha pelo que é local e pelo que aceita negociar-se para fazer novas composições. Assim, nossas proposições estarão sempre acompanhadas por suas articulações.

Hora e outra os pronomes eu e nós se combinarão no texto, pois como dissemos acima, não existe um único autor. Este trabalho se faz com muitas articulações. Os diários de campo escolhidos para compor este trabalho também não são de um único autor, eles fazem parte de um trabalho coletivo, feito em equipe para fabricar uma memória quente e incorporada. Assim, marcaremos quem escreveu o diário e que articulações foram feitas a partir da leitura dele.

Os nomes das pessoas que acompanhamos, neste texto, são fictícios. Com algumas pessoas tivemos a oportunidade de construir uma política para os nomes, abrindo a proposta da nossa escrita e a própria pessoa escolheu o nome que gostaria de ser chamada no texto. Outras pessoas receberam nomes escolhidos por nós, o que não quer dizer que ficaram de fora da política da pesquisa, pois foi no dia-a-dia que fomos tecendo essas pactuações. Construimos um modo de fazer pesquisa que pactua e negocia as decisões com aqueles que fazem parte dela.

Deste modo, numa aposta ética e política, a escrita se torna heterogênea, povoada por diários, textos, discussões com os grupos, conversas, textos literários, memórias e tantas outras coisas que surgirão ao longo desta trajetória e que entrarão neste texto porque nossa política de pesquisa nos leva a marcar os atores humanos e não-humanos que nos fazem pensar. Sem eles, o conhecimento seria desencarnado, deslocalizado, sem as conexões que o fizeram.

ENTRE:

A Paixão de dizer³

Marcela esteve nas Neves do Norte. Em Oslo, uma noite, conheceu uma mulher que canta e conta.

Entre canção e canção, essa mulher conta boas histórias, e as conta espiando papezinhos, como quem lê a sorte de soslaio.

Essa mulher de Oslo veste uma saia imensa, toda cheia de bolsinhos. Dos bolsos vai tirando papezinhos, um por um, e em cada papelzinho há uma boa história para ser contada, numa história de fundação e fundamento, e em cada história há gente que quer tornar a viver por arte de bruxaria. E assim ela vai ressuscitando os esquecidos e os mortos; e das profundidades desta saia vão brotando as andanças e os amores do bicho homem, que vai vivendo, que dizendo vai.

Eduardo Galeano

³ Esta história chegou para mim no meio de muitas outras e me encantou. Está no livro *Mulheres* de Eduardo Galeano, presente de Guilherme. Grata por trazer a lembrança dos retalhos que tecem a vida.

CAPÍTULO UM: DO COTIDIANO FEZ-SE TEXTO

Antes de começar este capítulo me pus a experimentar⁴ o meu corpo para encontrar os sentidos que me levam a este fazer. Como contar histórias? Que práticas nos permitem colher versões para além das únicas histórias? E o pesquisador, como fica nesta história? Acreditamos que os lugares que ocupamos importam, e principalmente, as conexões e as articulações, locais e encarnadas, que nos fazem ocupar o lugar de um jeito e não de outro, pois é a partir daí que é possível interferir nas únicas histórias.

Este contato atento me faz contar histórias que vivenciei, algumas que não estavam escritas, e que por vezes pareciam até esquecidas. Quando experimento as articulações do meu corpo, percebo que são mais do que junções ósseas. Os movimentos que fazem são resultados de muita experimentação. Quero dizer que experimentar as articulações do meu corpo faz com que um espaço seja conquistado. E digo articulação em pelo menos dois sentidos que ela possa ter: as conexões entre os ossos do meu corpo, e também o que me faz agir, o que me faz mover: as pessoas, os lugares, os textos, as conversas, os diários de campo e tudo o que mais produzir conexão entre-mundos. Descobrir as minhas articulações é perceber tudo o que as compõem e as fazem ganhar espaço, ganhar movimento. Assim também com as articulações do texto.

Nesta investigação que nos propomos a fazer é importante considerar, também, o corpo de quem pesquisa e as articulações que o fazem respirar, mover, pensar e que fazem o percurso ganhar fluidez. O pesquisador ganha presença e fica atento ao que ouve, ao que sente, ao que vê e principalmente, ao que faz.

Criar um corpo sensível ao movimento e um corpo sensível que se movimenta são tarefas de um pesquisador-acompanhante. Quando trabalho com o corpo, ou seja,

⁴ Escrevo aqui uma experimentação que você, leitor(a), pode fazer também: Fique de pé, sinta seus pés no chão, observe se estão firmes ou rígidos! Não trave as suas articulações, elas precisam de mobilidade, deixe que os seus músculos trabalhem e tragam o tônus necessário... Deixe a sua bacia móvel e a sua caixa torácica também... elas são recheadas de órgãos preciosos! Deixe o seu corpo e a sua alma pulsarem...Continue respirando e sinta os seus braços, os ombros podem relaxar, os cotovelos, os pulsos e todos os dedos também. Experimente os micro-movimentos e uma massagem nas suas próprias mãos! Siga para o pescoço, esse canal de comunicação, deixe a boca relaxada para o som sair e limpar esses tubos! Faça uma massagem na base do crânio e em toda a cabeça, faça caretas... Se der vontade de rir, ria, se der vontade de bocejar, boceje. Aproveite e solte um som, mas esteja em contato com você.

quando experimento com ele variadas formas de estar no mundo, é possível perceber as variadas maneiras de afetar e ser afetado e de inventar outras possibilidades de conhecer.

Este trabalho foi feito a partir de um emaranhado de conexões que nos habitava, e que ao longo do processo de escrita foram sendo tecidas compondo os caminhos que escolhemos seguir nesta dissertação. A escrita que colocamos à prova aqui é efeito dos encontros.

ARTICULAÇÃO: MARGENS

Quando Marcia e eu chegamos a Belém do Pará⁵, deixamos nossas malas no hotel localizado no centro da cidade e pegamos um táxi para ir ao Museu Paraense Emílio Goeldi. Pelo caminho perguntei ao motorista o que tinha para fazer na cidade e ele começou a falar dos pratos típicos, do tempo que se levava para fazer uma maniçoba⁶. Ficamos surpresas com tantos detalhes do prato narrado durante a viagem de taxi. Perguntei, quando o taxista terminou de explicar como se fazia este prato: o que tem do outro lado do rio? Pela janela do carro víamos um rio largo, do tamanho de um mar. Fomos mais uma vez surpreendidas pela simplicidade da resposta: A outra beirada! - ele disse.

Lembro-me de um conto de Guimarães Rosa chamado *A terceira margem do rio*. É a história de um pai que de um dia para o outro decidiu construir uma canoa, sem explicar motivo algum. O mistério da canoa não foi resolvido nem quando ela ficou pronta. O pai a empurrou até o rio e lá ficou, bem no meio, sem falar com ninguém o motivo de tal ato. Na beira do rio se aglomeravam pessoas tentando entender este feito. Seria promessa? Seria uma premonição de grande chuva que estava porvir? Não adiantava perguntar. O filho, que quando viu o pai partindo rumo ao rio pediu para ir junto, entendia menos ainda. O tempo foi passando, a irmã se casou, o tio foi cuidar das terras, a mãe foi morar com a irmã, o outro irmão mudou de cidade, só ele ficara. Levava comida e algumas roupas para o pai, mas reparava que ele quase não mexia nas coisas, pegava uma quantidade de comida que nem dava para matar a fome. O menino foi envelhecendo, os fios de cabelo branco já ocupavam a cabeça e ele ainda não entendia o

⁵ Nesta ocasião participamos do VI Encontro Norte e Nordeste de Psicologia.

⁶ Maniçoba é também conhecida como feijoada-paranaense (apesar de não usar feijão na receita), é um dos pratos típicos da culinária brasileira de origem indígena. É feita com folhas de mandioca e leva cerca de quatro dias para ficar pronta.

sentido da ação do pai. Pensando que o pai já estaria velho demais, foi para a beira do rio e chamou-o, gritou que ficava em seu lugar, que podia voltar. O pai acenou, foi a primeira vez que isso aconteceu. O susto com a figura do pai o fez voltar, correu para longe. O pai voltou para o meio do rio. Depois deste dia nunca mais o viram. Já perto do fim da vida, o menino que agora já era velho pediu perdão e disse: Coloquem-me numa canoa no rio. Esse seria o momento em que ele poderia cumprir a promessa feita ao pai.

Me parece que a resposta dada pelo taxista à minha pergunta também poderia responder a pergunta que fizeram por tanto tempo. O que o homem foi fazer lá no meio do rio? Foi ser beirada, uma terceira margem. Se não conhecemos um rio podemos pensar que o homem ficou lá parado, mas não. Se ficasse parado a correnteza do rio o levaria para longe. Habitar o meio do rio, o entre uma margem e outra, exige esforço, um trabalho para ficar ali. O homem habitava o entre se tornando mais uma margem do rio, entrando em relação com a correnteza, com a mudança de tempo, com o sol, o vento, com o filho... Ele navegava, fazendo dali um lugar de encontro e também de deriva. Deriva no sentido de colocar em suspensão tudo o que poderia ser pensado. Era louco? Era um vidente? Era uma outra beirada, não qualquer uma, mas a terceira. (Escritos no caderno de anotação, 2015)

PRIMEIRA MARGEM: A PESQUISA PERCEBER SEM VER

Já faz muito tempo que eu escrevi o meu primeiro texto para a Pesquisa. Depois de assistir ao documentário *Janela da Alma*⁷, como parte do processo seletivo eu precisava escrever um texto relacionando a experiência de assistir o documentário e o meu interesse em participar do projeto. Lembro-me de escrever que eu não tinha muito contato com pessoas com deficiência visual e que imaginava uma experiência de feitura de uma colcha de retalhos, como se os sentidos fossem se juntando, lado a lado e dali uma experiência era possível.

No dia marcado, eu e mais 22 pessoas do curso de Psicologia da UFF fomos para a sala onde conheceríamos a equipe da Pesquisa Perceber Sem Ver e seria o dia da

⁷ *Janela da Alma* é um documentário dos diretores brasileiros João Jardim e Walter Carvalho. O filme é composto de 19 depoimentos de pessoas com deficiência visual, da miopia até a cegueira. Entre os entrevistados estão Hermeto Pascoal, José Saramago, Marieta Severo, Manoel de Barros, Eugene Bavcar, Agnès Vaeda, Oliver Sacks e Wim Wenders. O vídeo encontra-se disponível no youtube no link https://www.youtube.com/watch?v=56Lsvci_gwg.

seleção de mais 4 integrantes. A proposta daquele encontro era vivenciarmos uma oficina, tal qual era realizada no Instituto Benjamin Constant (IBC). A pesquisa Perceber Sem Ver, orientada pela professora Marcia Moraes oferecia oficinas de experimentação corporal para os jovens cegos e com baixa visão matriculados no ensino fundamental da Instituição. O IBC é referência nacional no campo da deficiência visual. Um ano depois, este trabalho seria oferecido para o setor de reabilitação, mas disso falarei em breve.

Na oficina, eu não sabia bem o que fazer, reparava nas pessoas a minha volta e seguia o pedido das coordenadoras para sentirmos o nosso corpo no espaço, sentir a música, sentir as pessoas... Eu ficava com dúvida se estava fazendo certo. Em alguns momentos achava que deveria demonstrar isso e fazia uma cara que dizia “estou sentindo tudo”. Estar numa situação de seleção não era nada trivial, e mal sabia eu que o que contava ali era a experimentação. Apenas, e tudo isso.

Saí de lá reparando nas coisas, no caminho que eu fazia até em casa, na temperatura do dia, em como meu corpo se movimentava, eram as reverberações daquela oficina. A boa notícia chegou dias após este encontro: fui aprovada! Eu estava iniciando o segundo período da faculdade de Psicologia e tive a oportunidade de ouvir muitas histórias, não só dos encontros com os participantes das Oficinas, mas também do que se cria em um grupo que se interessa em pensar os modos de fazer pesquisa.

Foi em 2004 que a Marcia fez seu primeiro contato com o IBC. Ela convidou algumas alunas que faziam dança e teatro e juntas pensaram um modo de estar no IBC. Começaram a participar das aulas de teatro, intervindo na preparação dos personagens da peça de teatro do final do ano. A equipe da pesquisa era composta pela Marcia e três alunas e participavam do teatro crianças e adolescentes cegos ou com baixa visão, matriculados no ensino fundamental. Foi na experimentação de criação de cada personagem que o dispositivo da pesquisa Perceber Sem Ver, a Oficina de Experimentação Corporal, foi sendo construído.

Como explicar para um menino cego como era um palhaço de molas, daqueles que saltam de uma caixa quando dela se retira a tampa? Neste momento da pesquisa, este menino, que estava com 12 anos, havia acabado de perder definitivamente a visão. E ele disse que quando enxergava nunca havia visto uma mola, e perguntava: "Como é

que uma mola balança?” Foi na experimentação de diversas molas, de vários tamanhos e tensões e de palhaços de molas em caixa que ele foi construindo o seu palhaço de molas. Todo o grupo experimentou também. O menino tocava as molas, puxava-as e com as mãos observava os efeitos que seu toque produzia na mola. Ele foi tirando as suas conclusões desta experimentação. Percebeu que as molas maiores movimentavam mais do que as pequenas. “Quanto mais ele se articulava com as molas, mais ele se tornava sensível a um mundo-mola, mais o seu corpo ia se afetando pela elasticidade da mola” (Moraes, 2008, p.12).

O menino começou a deixar o seu corpo se afetar pela mola, balançava o corpo e todo o grupo experimentava junto a construção de um palhaço de molas, experimentando as molas, contando histórias de circo. E surgiu o palhaço daquele menino, inteiramente singular.

Intervir entre o ver e o não ver é colocar-se o desafio de intervir com e não sobre o grupo. A feitura do palhaço de molas se deu através de um processo de transformação, afetação e participação de todos os presentes na Oficina. As intervenções verbais nas indicações do que cada personagem fazia não eram suficientes para que cada um tivesse a experiência de criação da peça. As intervenções passaram a ser pactuadas com o grupo, negociadas a cada encontro. Seguindo as pistas que nos davam, íamos propondo novas experimentações, agora não mais ligadas ao teatro, mas às atividades do cotidiano na Oficina.

Em cada Oficina, experimentávamos modos de pesquisar, de experimentar o corpo e também construir com eles as questões da pesquisa. Do interesse em conhecer como se dava a percepção, nos interessamos pelos mal entendidos⁸ que aconteciam nas oficinas, momentos em que éramos interpelados de volta por eles, fazendo com que rearranjássemos o modo como até então pensávamos e agíamos.

E foi numa destas experimentações que cheguei à pesquisa. Já estamos no ano de 2007, em uma oficina em que a proposta era experimentar e conhecer os ossos do corpo. Uma das coordenadoras indicava cada osso que compõe a nossa perna e pedia

⁸ Tomamos o mal entendido tal como Despret nos inspira. Nas palavras da autora, mal entendido é o "que produz novas versões disto que o outro pode fazer existir (...) O mal entendido promissor, em outros termos, é uma proposição que, da maneira pela qual ela se propõe, cria a ocasião para uma nova versão possível do acontecimento" (Despret, 1999, p. 328-330).

que todos massageassem a perna para sentir. Cheguei em silêncio, a oficina já havia começado, me sentei em um banco que estava por perto e fiquei observando.

Geraldo era um adolescente de 14 anos de idade, cego congênito e que sabia tudo sobre o corpo humano. Quando a coordenadora perguntou quem sabia o nome do maior osso do corpo humano, Geraldo logo respondeu “o fêmur!!!” E quando foi convidado a tocar esse osso, disse que não tinha. Como não? A coordenadora se aproximou e com sua mão apertou a sua coxa e ele se surpreendeu, sentiu o osso. Ele que sabia todos os ossos do corpo, soube naquele momento que tinha um fêmur. Um não, dois! A matéria sobre corpo dada em sala de aula ficava muito distante da experiência corporal e a oficina se tornou um espaço para descobertas.

Encerrada a atividade cada um foi juntar as suas coisas para ir embora. Geraldo se aproximou de mim e ao procurar o seu tênis no chão, encontrou o meu pé. Quando cheguei eu não anunciei a minha presença, tirei a minha sandália para não sujar o chão e nenhum dos alunos sabia que eu estava ali. Geraldo me descobriu ali! Apresentei-me a ele e enquanto conversávamos sua mão continuava no meu pé. Ele apertava e dizia o que havia descoberto naquele dia. Eu sentia seu toque, as mãos um pouco quentes ainda depois de tanta massagem e naquele momento eu fazia parte da Oficina, eu senti também os ossos do meu pé.

Ao longo daquele ano, participei das oficinas na escola e, em cada oficina, pelo menos uma de nós ficava responsável por tomar notas, em forma de diário de campo, do que fazíamos ali e o que acontecia. Esta maneira de colher dados na pesquisa foi se modificando na experimentação da escrita durante as oficinas. O diário de campo foi se tornando mais que um lugar de registro, mas um dispositivo importantíssimo de pesquisa, onde registrávamos as narrativas que colhíamos durante a Oficina e onde nos incluíamos na escrita.

No ano seguinte, por conta de uma questão na grade de horários dos alunos da escola tivemos que encerrar nossas atividades. Começaria agora o nosso contato com a Reabilitação do IBC. O Setor de Reabilitação recebe pessoas adultas que perderam a visão ou estão em vias de perdê-la e que buscam o serviço a fim de reaprender a viver, agora sem a visão. Ali existem aulas de Braille, de orientação e mobilidade, atividades da vida diária, aula de informática, oficina de cerâmica, dentre outras.

O nosso trabalho passou a estar vinculado a este público, com idades diferentes, com questões diferentes das colocadas pelas crianças. Passamos a oferecer duas Oficinas de Experimentação Corporal, nas segundas e sextas -feiras, numa parceria direta com os professores de orientação e mobilidade que encaminhavam alunos que achavam que seria interessante um trabalho corporal antes de aprender a usar a bengala. Seria um trabalho para o corpo aprender a se articular com esse novo objeto, com a rua, com os obstáculos que encontraria durante o seu percurso, com os sons, com a atenção. Para a pessoa que perde a visão é uma condição de autonomia⁹ o aprendizado do uso da bengala, processo que envolve uma reordenação dos sentidos, já que a perda da visão demanda um redirecionamento da atenção para os demais sentidos. Participam das oficinas pessoas com idades entre 20 e 86 anos, a maioria perdeu a visão em idade adulta, ou por alguma questão de saúde, está em vias de perdê-la.

O objetivo da Oficina é propor atividades que fomentem e multipliquem as conexões do corpo com elementos díspares e heterogêneos: sons, lixas, elásticos e outros objetos são utilizados como mediadores (Latour, 2008) do processo de experimentação do corpo e de reorganização dos sentidos. Seguimos as pistas da época das oficinas na escola e demos continuidade com o modo de fazer a oficina. As atividades a serem realizadas nas Oficinas são planejadas e executadas a partir dos impasses e das questões que os reabilitandos experimentam no cotidiano do viver sem ver.

Nas experimentações com eles experimentamos também a construção de um método de pesquisa, o PesquisarCom (Moraes,2010), que leva em conta o que acontece nos encontros entre pesquisador e os participantes das oficinas. A pesquisa se faz com e não sobre o outro, e é nesta estreita relação com o fazer que pensamos modos de produzir conhecimento e intervir no mundo.

⁹ Entendemos autonomia não no sentido comum de independência ou “fazer sozinho”, mas tomamos autonomia como conexão. Apostamos que quanto mais conexões a pessoa fizer mais autônoma poderá ser, porque se articulará a mais e mais elementos.

SEGUNDA MARGEM: ACOMPANHAMENTO TERAPÊUTICO

Acompanhar é uma palavra que faz parte do nosso cotidiano. Acompanhamos a novela na TV, as notícias no jornal, a conversa entre vizinhos, acompanhamos com o olhar alguém que passa do outro lado da rua, acompanhamos alguém a algum lugar... Mas, e quando este verbo está relacionado a uma prática de cuidado? Então, o que seria acompanhar?

Foi na época dos estágios na graduação que me aproximei desta relação. Por um tempo conciliei dois estágios: um na Rede de Saúde Mental do Rio de Janeiro, estagiando em um Caps (Centro de Atenção Psicossocial) e em um hospital psiquiátrico; e outro no Serviço de Psicologia Aplicada (SPA) da UFF, integrando a equipe do professor Eduardo Passos, que segue uma abordagem transdisciplinar da clínica, atendendo às pessoas que procuravam o serviço para atendimento psicoterapêutico.

No dia a dia desses estágios, circulava por muitos espaços, acompanhava os movimentos que compunham a rotina desses serviços, acompanhava um usuário até o ponto de ônibus, sentava com alguns na entrada do Caps para conversar, escutava as suas histórias.

A supervisão dos estagiários da clínica Trans acontecia nas quintas-feiras a tarde logo após o Limiar¹⁰, um grupo de estudos aberto para pensar a clínica e seus atravessamentos. Estes espaços eram também uma ocasião de acompanhamento deste momento em que iniciávamos nossa prática na clínica. Todas as supervisões começavam com os novos casos que chegavam pelo plantão da quarta feira, depois cada um podia pedir a vez para trazer um caso que estava atendendo. Em roda, os afetos e as sensações circulam por todos nós. Ao acompanhar o movimento de um estagiário que traz o caso podemos nos afetar, e isso que nos afeta pode ajudar a pensar o caso e a construir uma direção terapêutica.

¹⁰ O Limiar é um grupo autogestivo aberto que acontece semanalmente na UFF. Um espaço de leitura e discussão de textos que nos ajuda a pensar a clínica em sua abordagem transdisciplinar e de encontro.

Foi neste contexto que um convite diferente chegou. O Edu anunciou um pedido para Acompanhamento Terapêutico. Soubemos ali que era para um rapaz de trinta e poucos anos que não saía de casa e sua família pedia que o AT fosse para todos os dias da semana. Camila, Diana¹¹ e eu que já tínhamos uma sintonia na roda de supervisão levantamos a mão nos oferecendo para receber este caso.

Éramos estagiárias ainda, não sabíamos como fazer. Tudo foi uma experimentação. Sublocamos algumas horas de um consultório no centro da cidade de Niterói e chamamos os pais para conversar, ali soubemos mais sobre Pablo. Ele tinha 34 anos e passava os dias desenhando, jogando ping-pong e andando na esteira. O pedido para todos os dias da semana, passaram para três, foi uma negociação que fizemos e caso sentíssemos que fosse necessário, recontrataríamos os dias combinados.

Começamos a ler alguns textos que falavam sobre a experiência de AT¹². Encontramos sua história, sua interferência nos modelos institucionalizados de cuidar do outro. Palombini (2009) costuma dizer que o AT se dá entre lugares, o que pode significar: “entre um dentro e um fora”, “entre a casa e a rua”, “entre o acompanhado e sua família”. Mas, por mais que lêssemos sobre o assunto, o AT guarda um grau de imprevisibilidade. É só acompanhando que saberíamos algo sobre o acompanhar. Ler sobre a prática de AT foi muito importante para nós, nos deu um chão que nos permitia ir até os lugares. E assim, durante os acompanhamentos fomos tecendo uma experiência acerca do que é esta prática.

No outro lado da Baía de Guanabara, no Rio, eu experimentava a primeira experiência de crise junto a uma usuária do Caps. Aquele dia começou como todos os outros. Como eu era nova ali, os usuários me faziam perguntas como “Quem é você? Onde você mora? O que você vai fazer aqui?” O que faria ali era também uma pergunta que eu me fazia. As pessoas chegavam, pegavam o suco e o biscoito na cozinha, alguns se sentavam na sala para ver TV e outros iam para o lado de fora. Meus movimentos

¹¹ Camila Andrade e Diana Lazera são grandes parceiras neste percurso. Camila, sempre interessada pelos movimentos que acontecem em uma roda de supervisão, escreveu sua dissertação intitulada “Supervisão coletiva: uma clínica da clínica” defendida no PPG em Psicologia da UFF no ano de 2014. E Diana atenta ao que se dá no encontro, hoje residindo em Macaé, fez a pós em Terapia através do Movimento na Escola e Faculdade Angel Vianna. Agradeço toda a acolhida e generosidade nas partilhas vividas.

¹² Indico a leitura de Araújo, 2005; Gonçalves Benevides, 2007; Palombini, 2007,2006.

eram pequenos, me apresentava para um e para outro enquanto muitos observavam a minha presença.

Uma moça chegou e eu acompanhei seus passos até o outro lado da sala. Nada além da rotina que eu via desde o início da manhã. De repente, gritos e socos no ar, a moça estava tendo uma crise. Levantei da cadeira e pensei: O que vou fazer? As pessoas que estavam a minha volta se apressaram e gritaram pela enfermeira. Eu fiquei ali, parada. Quando tudo se acalmou, a moça estava ofegante jogada no sofá e eu me sentei novamente. Ela de um lado da sala e eu do outro. A psicóloga conversava com ela até que me chamou para conhecê-la. Seu nome era Joana, falamos que tínhamos o mesmo apelido, Jô, e esse foi o início da nossa conversa. De tarde, sua tia veio buscá-la, e como disse, a rotina continuava até que... outra crise, gritos e socos no ar. Desta vez estava junto dela, tentei segurá-la para que não batesse a cabeça no vidro. Ao ir para casa não tinha como não sentir os movimentos que aconteceram no dia. No segundo momento do “o que fazer?”, eu a segurei. Minha atitude não foi de contenção, mas de cuidado.

Ir e estar no Caps modificou o que estudei sobre Reforma Psiquiátrica e Saúde Mental. Entrar no Caps como estagiária, me colocou o desafio de uma experimentação no âmbito da saúde mental onde pude construir uma via de comunicação que atravessasse as concepções hegemônicas de loucura expressas, igualmente, por meio dos diagnósticos escritos nos prontuários. Para além de tais concepções dominantes pude construir novos modos de contato com a loucura.

A prática de acompanhar o cotidiano de um serviço substitutivo permitia colocar em risco e arriscar todo o projeto de um suposto saber sobre a loucura, e experimentar um modo de cuidar que se faz nos encontros diários, junto com os pacientes, a equipe, a casa. Um conhecimento situado que dá importância para as conversas de corredor, os encontros na rua, as crises, os risos e choros, as músicas escolhidas para cantar.

Em Niterói, chegou o dia do meu primeiro encontro de AT com Pablo. Era sábado e foi importante me sentir acompanhada naquele dia. Camila que havia conhecido Pablo naquela semana estava lá para fazer a nossa apresentação. Quando cheguei ele estava jogando ping-pong, reparei que ele jogava sozinho e no meio da mesa havia uma madeira servindo como uma parede, onde a bolinha que ele jogava batia e voltava para ele bater novamente. Chamei-o pelo nome e me apresentei. E ele

me chamou para jogar ping-pong. Tirou a madeira do meio da mesa, agora tinha alguém para ocupar o outro lado da mesa.

Tentei puxar papo e ele não respondia nenhuma pergunta que eu fazia. Pablo é ambidestro e tem uma destreza com as mãos, a bolinha batia em sua raquete indo para o meu lado, a minha mão não alcançava e ela caía no chão. Quando acertei a bola e a mandei para o seu lado, ele sorriu e falou “Isso! Tá ficando bom”. Eu sorri também, comecei a entender o jogo. Era importante ouvir a batida da bola do lado de cá, e depois do outro lado. O que estava em jogo ali não era acertar a bolinha no sentido de fazer ponto, era importante enviar a bola para o outro lado, pois isso indicava que estávamos ali. Durante o jogo conversamos sobre o que ele gostava de fazer, sobre a paisagem que dava para ver das janelas, sobre as cores das árvores e montanhas.

Saindo de lá mandei um SMS para Camila e Diana comentando sobre aquele dia com Pablo. Esta seria uma das maneiras de trocarmos as experiências com Pablo. Nos encontros de supervisão percebemos que cada encontro seria singular. Mesmo que nós três acompanhássemos uma mesma pessoa, os relatos seriam diferentes porque cada encontro é diferente. Fomos construindo, então, uma maneira de acompanhar três acompanhantes.

Nas trocas entre nós três, entramos em contato com um outro trio, este formado por homens. Na época, Vitor, Yuri e Leandro¹³ acompanhavam Laura. Decidimos nos juntar, dando início assim ao BoaCia¹⁴, uma equipe de acompanhantes terapêuticos. Com isso novas histórias foram chegando com pedidos para acompanhamento.

A pergunta “O que é acompanhar?” nos acompanha até hoje. Acredito que seja de propósito que não fechamos uma única resposta para esta indagação. A cada pedido de AT encontramos uma nova história que exige de nós uma disponibilidade para estar lá e tecer um vínculo, um laço de confiança para o cuidar. Aprendemos a ocupar o entre.

¹³ Vitor Gripp, Yuri Jahara e Leandro Cunha foram grandes parceiros também nas aventuras do AT.

¹⁴ A Equipe BoaCia é um grupo autogestivo de supervisão e estudo sobre a prática de Acompanhamento Terapêutico criada por nós seis. Inquietávamos-nos com este modo de cuidar.

ARTICULAÇÃO: CAMPO-TEMA

Uma das questões que esteve presente nas orientações do meu projeto de pesquisa de mestrado foi: Os campos vão ficar juntos ou separados? É importante dizer que inicialmente eu pensava em escrever somente sobre a prática de AT, mas com as conversas com a Marcia, percebi que as duas ações, pesquisar e acompanhar, se entrelaçavam. Qual é a dimensão do acompanhar na Pesquisa? E qual é a dimensão do pesquisar no AT? Agora com dois campos precisaria encontrar um modo de escrever que não os separasse, já que em nós essa separação não fazia sentido. Poderíamos dizer que são separados porque são práticas diferentes, acontecem em lugares diferentes, mas a experiência nessas duas práticas nos faz pensar na possibilidade de relação entre as duas.

Nas leituras do meu texto nos encontros com o grupo de orientação a pergunta insistia em ser feita. Foi então que Elis¹⁵ me sugeriu um texto do Peter Spink (2003), *Pesquisa de campo em Psicologia Social: Uma perspectiva pós construcionista*. É um texto que já havia lido logo nos primeiros meses com o grupo de pesquisa Perceber Sem Ver, mas que com o tempo tinha ficado esquecido. Ao relê-lo encontramos uma definição de campo que nos ajuda a pensar um modo de responder a esta pergunta, um jeito de fazer esta articulação. Campo, para Spink (2003), não é um lugar específico, mas uma processualidade de temas situados.

Spink (2003) propõe um novo enunciado: campo-tema, que não se restringe ao local onde o pesquisador busca os sujeitos de sua pesquisa, mas abrange os múltiplos elementos que a constituem, como os textos estudados, as discussões em grupo, as conversas e as apresentações em congressos, um filme, a escolha de um objeto para a Oficina, e tantos outros exemplos. Nas palavras do autor:

Campo, entendido como campo-tema não é um universo ‘distante’, ‘separado’, ‘não relacionado’, ‘um universo empírico’, ou um ‘lugar para fazer observações’. Todas essas expressões não somente naturalizam, mas

¹⁵ Elis Teles veio de Londrina para cursar o mestrado em Psicologia na UFF. Companheira de mestrado se interessa pelo cuidado, pelo corpo, por metodologia, por política e pelo feminino. Para pensar mexe os quadris. Além de Psicóloga, é dançarina do ventre.

também escondem o campo; distanciando os pesquisadores das questões do dia-a-dia. (...) O campo-tema, como complexo de redes de sentido que se interconectam, é um espaço criado. (idem,ibidem,p.28).

Espaço criado semana a semana, feito pelo local onde vamos, pelas bolinhas que usamos para sensibilizar os pés, pelo jornaleiro que fica no caminho para o horti-fruti, pelo sorvete que tomamos na esquina, a conversa difícil que nos conta um acontecimento triste, a conversa alegre anunciando um casamento, o forró escolhido quando dizem que querem aprender a dançar, a inquietação que fica após uma pergunta que não estávamos esperando ouvir, a bengala, o ombro do colega que serve de guia pelos corredores do IBC, o porteiro do IBC, o porteiro do prédio, o ponto de ônibus, as narrativas que escutamos... Todos esses elementos entram nesta composição como materialidades, porque produzem efeito no nosso dia, no encontro. A inclusão desses elementos no texto opera uma ampliação deste campo, produzindo desvios, fazendo-o adquirir consistência. Compõe uma rede de conexões que aumentam a nossa capacidade de articulação e de diálogo. E faz com que marquemos onde o conhecimento foi construído e com que elementos e atores.

Assim, podemos dizer que o campo-tema desta pesquisa de mestrado é lançar a experiência de pesquisa à sua vizinhança com o AT, tomando o movimento de acompanhar na sua dimensão intensivo-afetiva, capaz de seguir as histórias únicas acerca do viver com a cegueira e com a loucura. Ouvir e narrar histórias faz parte da feitura deste texto e faz parte também da vida cotidiana. Como pesquisadora-acompanhante, estou também incluída neste campo reparando no que há em volta como possibilidade de criação de novos modos de fazer, fazerCom.

TERCEIRA MARGEM: PENSAR PELO MEIO

“... nessa água que não pára, de longas beiras: e, eu, rio abaixo, rio a fora, rio a dentro — o rio.” (Guimarães Rosa)

Seguir pelo meio, esta é a pista que herdamos de Guimarães Rosa. Se retraduzirmos esta pista em termos que nos acompanharam por entre as duas margens,

encontraremos duas direções que atravessam a ação de acompanhar: Uma delas é a ação de Equivocar, um modo de comunicação pelas diferenças; e a outra é Cuidar, como um fazer contínuo para manter junto a heterogeneidade do viver.¹⁶ Por entre esses verbos, experimentamos e acompanhamos um percurso que se faz no corpo. “Pensar pelo meio” requer tempo não só para entendermos que ambiente é esse, mas para habitá-lo.

No grupo de estudos e orientação, eu não era a única que me inquietava com isso. Combinamos de assistir a conferência chamada *Fronteiras do Pensamento* em que Mia Couto¹⁷ fazia uma exposição intitulada “Repensar o Pensamento, redesenhando fronteiras”. Nossa inquietação naquele dia era em nos aproximarmos desse território limiar, tateá-lo a partir das experiências que trazíamos com nossas pesquisas e pensar o que este lugar nos faz fazer, que questões nos faz pensar.

Couto (2012) inicia sua fala equivocando o nome da Conferência dizendo que acreditamos, logo de partida, que o pensamento não tem fronteiras, que foi feito para superar limites. Mas a vida tem fome de fronteiras, ele diz, e completa: “Porque essas fronteiras da natureza não servem apenas para fechar. Todas as membranas orgânicas são entidades vivas e permeáveis.” Essas fronteiras delimitam ao mesmo tempo em que negociam. A questão é que o nosso pensamento muitas vezes se encerra nele mesmo. Fabricamos fronteiras que nos deixam sozinhos. “Vivemos em estado de guerra com a alteridade que mora dentro e fora de nós”. (Couto, 2012)

Retomando a origem da palavra, Couto (2012) nos indica os sentidos que a palavra fronteira foi tomando. Fronteira nasceu como um conceito militar e significava “frente de batalha”. Mas o que marca a fronteira e que muitas vezes nem é suposto, é a sua porosidade. É o que faz passar, o que se negocia neste entre. Um fato curioso aconteceu nesses tempos de guerra: um oficial do exército inventou um código de gravação de mensagens em alto-relevo, pequenos pontinhos no papel. Durante as noites de combate, este código servia para que os soldados pudessem se comunicar em silêncio e no escuro. Mais tarde, este código se tornaria o sistema de leitura Braille, um meio de

¹⁶ A montagem do meio em três verbos: Acompanhar, Equivocar e Cuidar surgiu em mais um Grande Encontro com a Professora Silvana Mendes. Parceira na escrita da monografia de conclusão da graduação, como supervisora e orientadora, aceitou compor a banca de mestrado. No encontro de qualificação, com sua leitura atenta e generosa, nos deu estes verbos para costurar a escrita. Silvana, com você aprendi muitos verbos e os conjugo todos os dias. Gratidão!

¹⁷ Disponível no youtube <https://www.youtube.com/watch?v=ahb9bEoNZaU>.

comunicação para as pessoas com deficiência visual. Neste instante, mesmo que a fronteira fosse a frente de batalha, criou-se algo que superava este sentido limitador.

O sentido que queremos seguir neste texto é de fronteira não como limite, pois limite demarca o fim de um território, por exemplo. Ao contrário, fronteira, para nós, é o plano mesmo da política, tomada no sentido da composição – sempre negociada- de um mundo. Quem conta neste mundo? Eis uma questão de fronteira.

Quando reparamos o que há entre a Pesquisa e o AT, o meio ganha relevo, opera desdobramentos. O que há de comum entre estas duas práticas é um modo de habitar as fronteiras através de uma ação: o Acompanhar. A pesquisa tem uma dimensão de acompanhamento que não é óbvia e nem dada a priori, e no AT, onde o acompanhamento está no nome, é importante perguntar como ele se constrói: que tensões e conexões surgem ao acompanhar? O que pretendemos é investigar o acompanhar em ação.

Buscando a etimologia deste verbo descobrimos que acompanhar vem do latim *companio*, de *cum panis*, aquele com quem se repartia o pão. Há nesta ação uma experiência sensível de partilha entre acompanhante e acompanhado. Partilhamos esperas, inquietações, retornos, saídas, escuta, descobertas, amizade, afetações, sensações, pausas, hesitações.

Em diálogo com Rancière (2005), no texto *A partilha do sensível*, podemos entender a partilha como um duplo movimento de criação de um comum e de partição (ação de tomar parte neste processo). Há uma atitude de incluir e tensionar as margens. Para o autor, a partilha do sensível requer uma tomada de posição (política) e uma distribuição de certas relações. A política determina o que se vê, quem vê e quem está autorizado a falar no campo. Assim, se pensamos o Acompanhar como uma maneira de habitar as fronteiras é necessário defendermos novas relações, novas distribuições do fazer entre acompanhante e acompanhado, que constituem maneiras de pensar o que conta no mundo. Compreendemos, nesse sentido, que colocar o *fazer* em discussão é interferir nos modos de se pensar a relação de agência no entre (pensar no meio). A relação é mais distribuída, mais articulada, do que apenas dizer: uma pessoa acompanha e a outra é acompanhada.

Nosso foco se insere em uma margem relacional e é, portanto, colocar o mundo na ação de acompanhar. Em quais termos o acompanhamento pode ser posto em ação?

Quem acompanha quem? A gente chama de paciente-terapeuta, psicótico-neurótico pra delimitar uma diferença que nos conforta! Mas o que ocorre é que no encontro, de fato, não há conforto, e muitas vezes é difícil dar nome!(...) Neste processo de acompanhar, um plano comum se constitui. E aí eu já não sei mais se quando os tantos Zés e Marias, eles que não tem dente nenhum na boca e falam de forma completamente embolada, se quando falam comigo eu de fato entendi, ou se criamos juntos, no encontro, aquela fala. O fato é que nos comunicamos, muitas vezes sem fala. Um gesto, um olhar, um toque... (Diário de campo de Livia Cretton)¹⁸

O meio é permeado de negociações, faz com que criemos um jeito do corpo se mexer, estar e sentir com. Que corpo fazemos a cada encontro? E o que fazemos com as histórias que acompanhamos?

Acompanhar, equivocar e cuidar são verbos performativos que vamos seguir. Eles fazem algo existir e nos fazem agir. Carregam mundos, trazem fronteiras com suas tensões e porosidades. São verbos que nos indicam um sentido-direção. Verbos que nos fazem responder a uma política que quer uma escrita situada, local e encarnada¹⁹ e que se faz sempre a partir de suas articulações. Escolhemos seguir estes três verbos com a intuição de construir uma sensibilidade para povoar o mundo com muito mais histórias.

¹⁸ Este é um trecho de um diário de campo de Livia Cretton e que fez parte da performance-desefa da minha monografia intitulada Entrelaçamentos com o invisível: da contenção ao contato, na UFF, orientada pela Professora Silvana Mendes. A dissertação de Livia intitulada O Hospício como morada: capturas e resistências nas práticas de cuidado em Saúde Mental, defendida em 2014 pelo programa de mestrado em Psicologia Social da UERJ, está disponível em http://www.btdt.uerj.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=7013

¹⁹ Dizer “uma escrita situada, local e encarnada” significa dizer que é capilarizada, tem em si a capacidade de fazer conexões e de proliferar, interferindo nas únicas histórias.

LAMPEJO METODOLÓGICO

Com: preposição que nos faz pensar, nos faz sentir e nos faz questionar algo²⁰.

Aprendi com Marcia Moraes que pesquisar é um exercício de estar com o outro. Há uma feitura que acontece a cada encontro, com o campo, com nossos colegas, com textos, com perguntas, etc.

Nos encontros da Pesquisa viemos pensando maneiras de exercitar o corpo para trabalhar com o outro, e estamos construindo²¹ o PesquisarCom(Moraes,2010). A grafia com a preposição bem juntinho do verbo diz do exercício diário de construir uma prática de colocar isto em questão. A preposição COM se refere aquilo ou aqueles com quem pensamos juntos, que nos fazem agir e pensar.

O pesquisarCom envolve alguns movimentos como:

a) o outro com o qual se investiga não é tomado por passivo, mas como sujeito potente e que interessa por seu fazer; b) os mal entendidos são de grande relevância e, se seguirmos suas pistas, novas versões de mundo podem surgir; c) pesquisar e intervir não podem ser desvinculados, visto que pesquisar é fazer existir certos mundos, é contornar fronteiras, questioná-las, alargá-las. (Franco, 2014, p.39)

Pensamos a partir dos arranjos que são feitos localmente, em cada história e o corpo não pode ser entendido longe de suas conexões. O fazerCom acompanha o entre, entre dentro e fora da casa, entre acompanhante e acompanhado, entre pesquisadora e participante-da-oficina, entre pesquisadora e acompanhante-terapêutica, entre um texto e sua leitura, entre quem escreve e quem lê. Entram tantos outros entres quanto forem as relações entre as pessoas com as coisas e com outras pessoas.

²⁰ Anotação, no caderno de notas pessoal, feita no Grupo de Orientação com a Professora Marcia Moraes, ano 2014.

²¹ O verbo está no gerúndio porque não tomamos o PesquisarCom como encerrado. A cada ida e vinda do campo ele vai se compondo com diferentes sensações, diferentes encontros, diferentes concepções de mundo. O método PesquisarCom se faz na trajetória, e nunca desconectado de suas articulações.

Donna Haraway (1995), no texto *Saberes localizados*, nos faz pensar em como os conhecimentos são construídos. A autora pontua que só conhecemos o mundo através de mediações, ou seja, só conhecemos a partir de um lugar, através das relações e conexões que criamos com pessoas, objetos, lugares, etc.

Ao contrário de conhecimentos não localizáveis, Haraway (1995) é a favor do conhecimento situado e corporificado. Nas palavras da autora, “precisamos do poder das teorias críticas modernas sobre como significados e corpos são construídos, não para negar significados e corpos, mas para viver em significados e corpos que tenham a possibilidade de um futuro” (Haraway, 1995, p.16).

Desta forma, podemos narrar²² o mundo de uma maneira mais rica, mais densa com histórias sempre parciais e locais. A discussão do fazer com o mundo, torna a experiência mais vasta e múltipla e abre problemas que são tensos. Se você faz pesquisa com o outro, se este outro não é mais o objeto, que dimensão de partilha se pode experimentar ali? O que escolhemos partilhar?

Neste texto escolhemos partilhar experiências corporificadas e mediadas de equívocos e de cuidado, pois, para nós, é uma forma de povoar o mundo.

²² Haraway (1995) diz que precisamos de melhores relatos do mundo. Os relatos são performativos, podemos refazê-los. Assim, temos a chance de recompor o que conta na loucura e na deficiência.

ENTRE:

E os dias nos fizeram caminhar. E eles, os dias, nos fizeram. E assim nos fizeram nascer, a nós, os filhos dos dias, os verificadores, os pesquisadores da vida. E se nós somos filhos dos dias, não é estranho que de cada dia brote uma história. Porque os cientistas dizem que somos feitos de átomos, mas a mim um passarinho me contou que somos feitos de histórias. E agora eu vou lhes contar algumas dessas histórias nascidas dos dias.

Eduardo Galeano, tradução de Marília Silveira²³

²³ Marília Silveira se tornou uma parceira fundamental no ato de pensar e escrever. Com ela, e com muitos outros, experimentei o EscreverCom. Neste “com” fazem parte as trocas de mensagens durante o dia e a noite, as indicações de textos, as marcações em posts no facebook. Este texto do Galeano chegou para mim assim: “Marília Silveira marcou você em uma publicação”. Agradecida, estas marcas fazem a escrita respirar.

CAPÍTULO DOIS: HISTÓRIAS COM

ARTICULAÇÃO: VENDADOS FICAMOS CEGOS?

O objetivo daquela oficina era contar histórias a partir dos sons de alguns materiais. Que relação esses sons tem com o nosso cotidiano? O som de sacos plásticos sendo amassados parecia com o barulho de chuva, o sacudir de caixas de fósforo parecia uma bolsa de moedas balançando dentro da bolsa de uma mulher, o som do rasgar de uma caixa de pasta de dente parecia o som de um homem comendo nozes. A cada som vinha um novo sentido. Nos dividimos em grupos para criar as histórias.

Neste dia, Miguel, Amanda e uma das coordenadoras estavam usando uma venda nos olhos desde o início da oficina.

Miguel tirou e colocou a venda, segurou na mão, balançou no ar, amarrou no braço de um dos colegas. Amanda tirou a venda, contou a história que pensou e colocou novamente. Miguel também a colocou novamente.

Um dos grupos inventou a história de um samurai, o outro uma história sobre nozes. No fim das apresentações, uma roda foi feita para conversar sobre a atividade. Entre as sensações que ficaram sobre as histórias, perguntamos o porquê de Miguel e Amanda terem tido vontade de usar a venda naquele dia. (Miguel e Amanda tem baixa visão).

Neste momento, Arlequim que havia chegado atrasado e até então não sabia que ali havia pessoas vendadas, disse se mostrando contrariado:

"Que mania do cara que enxerga e que quer ficar cego..."

Amanda responde dizendo que seu professor que enxerga disse que queria saber como é ficar cego. Ela quis colocar a venda para poder saber melhor o que é não enxergar, já que ela vê um pouco.

Arlequim diz que não faz nenhuma diferença ficar de venda. Ficar de venda não é como ser cego, porque ele enxergou por 12 anos e agora não enxerga mais.

"Quando você fica cego você muda de vida, muda de amigos. A minha cegueira é real, não é uma brincadeira."

E como foi quando você ficou cego? - perguntamos.

"Foi muito duro quando fiquei cego" - respondeu. "Eu estava vendo televisão, de repente foi ficando tudo embaçado, tudo branco e eu parei de ver. Nunca mais eu vi. A cegueira não é uma brincadeira, porque o vidente coloca a venda e acha que sabe o que é ser cego, mas ele não sabe. Porque ele tira a venda e volta a ver. A venda que eu tenho nos olhos quem é que vai tirar? Ela não sai, é pra sempre."

Arlequim diz que lá fora, no mundo, ninguém bota venda para saber como é ser cego, ninguém lá fora quer saber de cego. Diz que sabe que nós nos interessamos por eles, mas diz que ninguém mais quer saber do cego. Ele diz que um vidente pode ensinar alguma coisa para o cego, mas que o cego também pode ensinar alguma coisa para o vidente, só que ninguém quer saber disso.

"Eu ainda estou me acostumando com este mundo. Lá em casa quando eu tropeço nas coisas e minha mãe briga comigo, eu digo: Pô mãe, eu sou cego."

Ao final do grupo, estávamos todos de pé falando juntos. Arlequim disparou uma enorme discussão e colocou-nos no centro do debate: afinal, uma de nós estava vendada. Qual é o nosso modo de pesquisar? O que fazemos ali? Com as vendas tocamos mais uma vez no real da cegueira. Tentamos justificar o uso das vendas por nós do grupo dizendo que isso é importante para percebermos se nossas orientações no grupo estão fazendo sentido. Muitas vezes percebemos que na hora de coordenar o grupo damos instruções que não fazem sentido para quem não enxerga.

E Arlequim diz:

“É, mas não precisa colocar a venda para saber do cego. Se você quer saber do cego, pergunte a ele. Pergunte para mim que eu te digo como é. Se você falar vai para ali, ou para lá, eu vou dizer: para lá onde? Eu entendo isso tia, mas lá fora ninguém coloca venda, ninguém quer saber como o cego é. E eu tenho que viver lá fora...”

A oficina termina e ficamos todas atônitas. Não discutimos o texto, falamos sobre o ocorrido e nos perguntamos o que vai ser do nosso trabalho daqui para frente. Fomos todas tomadas pelo real da cegueira – estávamos preparadas para isso? (Diário de campo, 2007)

PROPOSIÇÃO: VERSÕES

No texto *V como versões*²⁴, Despret (2012b) nos convida a colocar questões a partir do encontro com o outro, nos convida a fazer perguntas interessantes ao outro. Através dessas perguntas poderemos construir e conhecer outras versões da realidade, poderemos narrar outras histórias e interferir nas narrativas que parecem ser únicas.

²⁴Tradução feita por Ronald Arendt, a quem agradeço a generosidade de compartilhar através do português estes mundos.

Despret é uma filósofa e psicóloga belga e tem uns estudos fascinantes sobre etologia. Ela diz que precisamos aprender a fazer boas perguntas para os animais, negociar com eles, pois eles têm muito a nos ensinar, eles nos permitem repensar o nosso humano. E neste texto que citamos, ela traz uma curiosa cena para nos ajudar a pensar a responsabilidade que temos quando vamos a campo.

Ela nos conta sobre um artigo que foi publicado no National Geographic onde uma chimpanzé fêmea morreu e seus criadores tiveram a iniciativa de expor o seu corpo morto para os outros chimpanzés. Estes ficaram em silêncio diante da chimpanzé morta, fato inédito entre esses animais que são muito barulhentos. Então, surge a hipótese de que os macacos tinham a mesma forma de luto que os humanos. Mas seria mesmo? Esta é uma controvérsia²⁵ e, portanto, é necessário colocar algumas questões.

Seria "o luto tal qual acontece com os humanos?" ou "a que isto nos engaja de considerá-lo como tal?" Estas duas perguntas são feitas de modos diferentes. A primeira é movida por um tema, o luto. É uma questão fechada, nos faz permanecer no mesmo. A segunda é construída através de uma operação de tradução, a versão. Este modo nos faz pensar, faz multiplicar as definições, as histórias contadas, ou seja, produz novas versões.

Fazer uma pergunta temática nos faz comparar a uma equivalência os humanos e os macacos. "Pode-se passar de um mundo ao outro sem sobressalto, com a condição de fazê-lo em linha reta, sem deformação" (idem, ibidem,p. 233). De outro modo, a tradução pela figura da versão nos leva a uma multiplicidade de sentidos possíveis, nos leva a outras histórias daquela experiência.

Traduzir, diz [Eduardo Viveiro de Castro], é presumir que uma equivocação existe sempre; é comunicar por diferenças, diferenças na sua língua - sob o mesmo termo quantidade de coisas podem reivindicar responder a este termo -, diferenças na língua do outro, e diferenças na operação mesma de tradução - pois as duas equivocidades não se superpõem. É o que conduz Viveiro de Castro a dizer que "a comparação está a serviço da tradução", e não o inverso. Não se traduz para comparar, compara-se com o único fim de ter sucesso na tradução. E comparam-se diferenças, equívocos, homônimos. A

²⁵Controvérsia no sentido de impasses que provocam pontos de bifurcação, que são para nós oportunidades de negociações.

equivocação é o desdobramento das versões. [...] A tradução em versões [...] consiste em unir juntas relações de diferenças. (Despret, 2012b,p.236 e 237. Tradução Ronald Arendt)

Perguntar se vendados ficamos como uma pessoa cega é fazer uma pergunta temática. Se seguirmos as pistas de Arlequim, Despret, Viveiros de Castro e outros autores que acompanhamos, podemos nos reposicionar e perguntar: Que versões de deficiência carregamos? Ou, que concepção de deficiência estamos ajudando a fazer existir? Se pararmos o trajeto no “como um cego” encerramos aí as diferenças que nos constituem.

Este arranjo articulado pelas vendas foi um mal entendido. Precisamos parar, pensar e repensar a nossa prática. Foi no momento em que Arlequim equivocou a nossa pergunta e nosso modo de agir que uma pista se abriu. O mal entendido que vivemos estava em consonância com aquilo que Despret (1999) denomina de mal entendido promissor. O mal entendido promissor, para a autora, é aquele:

que produz novas versões disto que o outro pode fazer existir. O mal entendido promissor, em outros termos, é uma proposição que, da maneira pela qual ela se propõe, cria a ocasião para uma nova versão possível do acontecimento. (Despret, 1999, p. 328-330)

Pesquisar com o outro não é toma-lo como “alvo” de nossas intervenções e nem esperar que respondam o que pensamos. O outro não é tomado como um ser respondente, um sujeito qualquer que responde às intervenções do pesquisador. Ao contrário disso, como Despret (2009) sinaliza, o mal entendido promissor anuncia novas versões do que o outro pode fazer. Anuncia que o outro que interrogamos é um expert, faz existir outras coisas, no caso, as concepções de cegueira articulada com as vendas, com o grupo, com a Oficina.

O que se abre a partir de um mal entendido promissor é uma instabilidade, a possibilidade de deriva, de uma variação. Arlequim resistiu a uma concepção desencarnada de cegueira. Nos interroga e faz com que refaçamos todo o nosso percurso. Arlequim interpela de volta, indica quais são as questões que lhe devem ser formuladas.

As equívocas são, por nós, tomadas em sua positividade, pois produzem uma redistribuição das capacidades de agir: no lugar do “como”, talvez buscando uma assimetria entre quem pesquisa e quem é pesquisado, entra em cena o “com”, uma outra distribuição da capacidade de agir. O outro com quem pesquisamos é ativo no dispositivo de intervenção. O mal entendido é aquilo que move o dispositivo de intervenção, no caso, a Oficina. Envolve um processo de transformação que acontece na relação, ou seja, com aquele que é interrogado, mas também com aquele que interroga. O episódio das vendas nos faz pensar e nos articular com aquilo que interessa ao outro.

Despret nos faz levar mais longe a pergunta “A que isto nos engaja?” e a construir um mundo comum e heterogêneo. Um mundo que no encontro com o outro colocamos à prova aquilo que pensamos, aquilo que pensamos saber. O encontro com o outro abre a possibilidade de bifurcações, abre para uma alteridade.

Nos engajamos a narrar histórias marcadas, histórias locais, que tem a força de multiplicar as versões, que tem a força política de refazer o que conta e o que não conta no mundo. O encontro com o outro abre a possibilidade de equivocarmos e criar novos sentidos. Arlequim narra o real da perda, indica que a pessoa que perdeu a visão tem algo a ensinar ao vidente. A cegueira não é brincadeira – ele diz. O que tiramos de consequência disso? O mundo se abre aí, no momento em que ele nos faz repensar a pergunta, escutar e levar adiante esta interpelação.

ARTICULAÇÃO: AQUELE-QUE-SÓ-DIZ-OBIGADO

Aquele-que-só-diz-obrigado me causa angústia, muita angústia. Ele tem o corpo encolhido, as pernas não esticam, sempre estão dobradas, incomodamente – aos meus olhos – dobradas. Ele me parece frágil – será que aquele corpo pode estar na Oficina? O que faremos com ele? Pernas dobradas, tensas, locomoção difícil, minha impressão é de que ele não se move há anos. E lá vem ele, apoiado por alguém, caminhando com dificuldade, passinho atrás de passinho, equilíbrio instável. Chega ao tatame – e eu, fico exausta só de pensar no que me parece ser aquele enorme esforço. E ele chega dizendo obrigado, está tudo muito bom, muito bom, está gostando da experiência, graças a Deus. Logo, penso, tudo tão bom, tão bom, tudo nos conformes, nos conformes. Será mesmo?

O objetivo da Oficina era experimentar o expandir e o contrair começando pela audição concentrada inicialmente fora da sala, depois dentro da sala, depois no próprio corpo. Mãos na barriga. E, com as mãos na barriga, começam a sentir o movimento provocado nesta parte do corpo pela respiração.

Aquele-que-só-diz-obrigado não encosta as pernas no chão quando deita. Elas nunca esticam. E ele fica deitado, numa posição que me parece improvável. Como abrir-se ao outro? Por que aquele corpo me parece desconfortável?

Inspirar e expirar percebendo os movimentos do corpo – eis o que está em jogo agora. Em seguida: mão direita no peito, mão esquerda na barriga. É possível perceber o coração batendo?

Um de nós passa a oficina ao lado de Aquele-que-só-diz-obrigado, encontra um jeito de se articular com o corpo dele, sintonizando um mundo com um corpo muito diferente do seu próprio. E para Aquele-que-só-diz-obrigado está tudo muito bem, muito obrigada, tudo bem, não, não dói não, obrigada, tudo bem, bem, sim, tudo bem, graças a Deus.

E o coração, estão sentindo ele bater? Sim, tudo bem, sim, tudo bem, bem, bem, graças a Deus – diz Aquele-que-só-diz-obrigado.

Indicamos que eles não precisam dizer que percebem o coração se de fato não estiverem sentindo o coração bater, não tem problema não perceber isso, dizemos nós, em unísono. Aquele-que-só-diz-obrigado se deixa afetar por estas palavras e se conecta com aquilo que se passa com ele: Ah,então, se é assim, olha, vou dizer a verdade: Eu não sinto o coração não!

“Bingo!”, eu pensei. Finalmente Aquele-que-só-diz-obrigado não concordou com alguma coisa. Não, ele não percebe o coração quando coloca a mão no peito!! Isso me enche de alegria, um segundinho, um momento tão curto e Aquele-que-só-diz-obrigado sai do “tudo bem, obrigada, bem, sim, tudo bem, obrigado, obrigado, graças a Deus”.

A coordenadora que estava o tempo todo ao lado D’aquele-que-só-diz-obrigado fala ao meu ouvido, bem baixinho e assustada: “Eu também não sinto o coração dele! Que estranho!” Talvez o não sentir o coração de Aquele-que-só-diz-obrigado seja para ela um enigma: será que ele está ali mesmo? De minha parte, pareceu-me que o “não sentir o coração” foi um modo de Aquele-que-só-diz-obrigado estar presente na Oficina, inteiro, ele, uma forma de presença longe do sim, sim, tudo bem, tudo ótimo, tá bom, sim tá bom, graças a Deus. Talvez a coordenadora não tenha se dado conta disso...

Mãos ao longo do corpo, palmas para o teto. Inspirar e expirar abrindo e fechando as mãos. Observar a inspiração, sem mover as mãos.

Ouçó Aquele-que-só-diz-obrigado de novo no tudo bem, sim, tá bom, sim, sim, sim, obrigada, bom...enquanto faz o exercício.

A coordenadora me parece dançar ao lado de Aquele-que-só-diz-obrigado. Serena, vai buscando com seu corpo os ajustes que permitam a Aquele-que-só-diz-obrigado mover-se, estar na Oficina e encontrar o jeito dele de estar no seu corpo, deitado no tatame, mexendo mãos, respiração...

Aquele-que-só-diz-obrigado se manifesta por frestas. Corpo-fresta, aberturas pequenas num mundo encolhido, encurtado. Pelas frestas ele pode dizer: não, não sinto isso não. Ele pode discordar. Mas são frestas, eventuais, aparecem aqui e ali. Noto que esta Oficina e as experimentações corporais parecem abrir uma fresta, uma frestinha que faz Aquele-que-só-diz-obrigado discordar – ali, na discordância, ele me parece mais humano, mais ele mesmo... ainda que eu não saiba direito como dizer isso. Um sopro de Aquele-que-só-diz-obrigado, num mar de sim, tudo bem, sim, obrigada, sim, sim, tudo ótimo, sim, ótimo, obrigada, muito obrigada, graças a Deus.

A coordenadora continua bailando pelo entorno de Aquele-que-só-diz-obrigado, sem fazer por ele os movimentos, sem tomar de antemão nenhuma decisão por ele, mas deixando que ele descubra, invente soluções para as propostas que fazemos.

No movimento de encolher e expandir que marca esta Oficina, o corpo d'Aquele-que-só-diz-obrigado parece marcar-se pelo encurtamento e pelas frestas. Num momento, a coordenadora faz uma proposta: braços no alto, esticados. 1, 2, 3 e eles são soltos com força no chão. Sem hesitação, neste momento ela lança os braços de Aquele-que-só-diz-obrigado no chão. E PLAFT!!!!

Aquele-que-só-diz-obrigado gosta disso! Mais uma fresta! Este gostar é diferente do sim, sim, obrigada. Por uma frestinha ele conduz a oficina e pede: Ah, isso é bom! De novo, de novo! E ri!!! Ela ri também! Parece-me que os dois partilham esta frestinha, brincam a partir daí, criam um vínculo a partir daí, um novo vínculo.

E o esticar e encolher chega as pernas. Eu penso: Ih, agora danou-se! As pernas do Aquele-que-só-diz-obrigado não esticam nunca...

A coordenadora vai compondo. Com-pondo, pede que ele deixe as pernas soltas, bem soltas nos braços dela e que experimente o peso da perna sobre o braço dela. Ele solta a perna, a seu modo, mas solta a perna. Ela vai dando apoios a Aquele-que-só-diz-obrigado e ele volta ao “sim, obrigada, desculpa, desculpa, tá bom”.

No final da Oficina Aquele-que-só-diz-obrigado diz que as pernas não ajudam, a direita não ajuda, a esquerda não ajuda. E ele diz que as vezes sente dor, sente dor na coluna e no caminhar. Ele e as frestas... (Diário de campo escrito por Marcia Moraes, 18/09/2009)

PROPOSIÇÃO: SER AFETADO

“Porque a afetação surge, como o Senhor sabe, quando a alma (vis motrix) se encontra num qualquer ponto que não coincide com o centro de gravidade do movimento”(Kleist, 1952). No texto “Sobre o teatro de marionetes”, Kleist (1952) apresenta um diálogo entre o autor e um dançarino da Ópera que também realizava apresentações no teatro de marionetes instalado no mercado da cidade. O autor mostra o espanto que sentiu ao ver o bailarino com as marionetes, mas já com suas primeiras palavras entende que muito podem aprender com elas.

O autor estava interessado em saber como o titeriteiro²⁶ poderia movimentar cada parte do boneco de acordo com o ritmo da música e de forma tão graciosa. O bailarino responde que cada movimento tem o seu centro de gravidade, bastava dirigir este centro de gravidade dentro da marionete e os membros se mexeriam. Um movimento muito simples, segundo ele. O autor pergunta então se para “dirigir” o boneco precisava ser bailarino ou entender de dança. O bailarino responde que embora fosse fácil, esta manobra não poderia ser feita sem sensibilidade. O corpo do titeriteiro se articula com o corpo do boneco. Era preciso dançar com ele.

Aliás, a marionete dança tanto quanto o titeriteiro. Há uma simetria entre eles, que ele não faz o que ele quer. A marionete também dá as coordenadas. A marionete interfere no titeriteiro.

O bailarino marca que a afetação não se encontra no centro de gravidade. O corpo da marionete separado do corpo do titeriteiro perderia sua graça. Há ali uma relação criada entre os fios que ligam os corpos, uma relação que não estava dada antes. A alma do movimento está em poder se afetar.

Aquele-que-só-diz-obrigado tem um corpo improvável, que a primeira vista não seria capaz de fazer algo diferente. Estranhamos aquele corpo desde o seu primeiro dia na oficina. Era um corpo diferente do nosso, diferente do que esperávamos. Um corpo que nos surpreendeu e trouxe junto uma angústia. Qualquer movimento que

²⁶ Titeriteiro ou titereiro é aquele que lida, manipula, move os fantoches (marionetes). Ele movimenta a marionete, ou os objetos inanimados de modo geral.

propuséssemos poderia causar uma dor, machucá-lo, ou até mesmo, seria impossível de realizar. Como pensar uma oficina que pudesse acolher a singularidade daquele corpo?

Em contrapartida, ele apenas dizia “obrigado, está bem, tudo bem, muito obrigado, graças a Deus”. Era a mesma resposta para tudo o que perguntávamos. “Como o senhor está? Dói quando faz este movimento? Está sentindo o movimento da respiração?” E esta resposta fazia com que sentíssemos que não havia nenhum movimento ali. Mas ele vinha todas as sextas-feiras, não faltava nenhuma oficina. Toda sexta com aqueles joelhos que pareciam não flexionar subia dois lances de escada para chegar a nossa sala.

Uma de nós, coordenadoras, passou a oficina inteira ao seu lado e isso se repetiu em várias oficinas. Entre eles algo se criou, e ela foi entendendo como aquele corpo se movia e passaram a se mover juntos. Já não dava para saber qual corpo se movia primeiro, os dois construíram juntos um modo de se articularem.

Como no teatro de marionetes, a coordenadora sensível àquele corpo dançava com Aquele-que-só-diz-obrigado e assim foram com-pondo um laço de confiança que permitia experimentar e conhecer outros movimentos. Foi na articulação tecida dia-a-dia que os dois criaram juntos uma maneira de dançar e sentir a graça dos movimentos.

Aquele-que-só-diz-obrigado interfere na oficina, ele se afeta, diz que não sentiu o coração enquanto todos diziam que sentiam, e diz que gostou de quando a coordenadora soltou seus braços no tatame. Deste modo, o se afetar cria um espaço para que uma fresta se abra e faz com que a coordenadora e Aquele-que-só-diz-obrigado tenham a experiência de partilha desta abertura. Os dois riem juntos, nós também.

Era difícil dizer alguma coisa sobre isso, até que uma fresta se abriu também nos diários de campo que escrevíamos na pesquisa. Foi durante a oficina narrada que um diário de campo foi escrito e na semana seguinte foi lido na reunião do grupo de pesquisa. Ouvir a narrativa daquele dia através da escrita da Marcia fez com que rearranjássemos o que pensávamos sobre Aquele-que-só-diz-obrigado e também sobre a escrita na pesquisa.

Aquele que escreve sobre a pesquisa, aquele que pesquisa, também precisa ser/estar sensível para perceber os movimentos sutis que acontecem durante um

encontro. A construção de uma escrita “afetada” pelo o que aconteceu naquele encontro deu um lugar ao pesquisador.

A fresta que se abriu naquele universo de “muito obrigado, tudo bem, graças a Deus” e num corpo improvável, foi também uma fresta que se abriu nos textos que escrevíamos, porque os diários de campos, os trabalhos que apresentávamos em congressos passaram a ser invadidos pelas frestas e passaram a ser menos descritivos do que até então eram.

Ouvir um diário de campo tomado pelas afetações do encontro transformou o nosso modo de pensar a pesquisa, transformou o pesquisador. E foi pelo afeto que a nossa escrita e intervenção passaram a ser guiadas.

Na semana seguinte, a proposta da oficina era rolar pelo chão. Todos rolavam pelo chão e Aquele-que-só-diz-obrigado seguia num ritmo singular. Experimentava lentamente virar para um lado, depois para o outro, sempre com a ajuda da coordenadora. Depois de alguns ensaios, ele fica confiante e, com um impulso firme que lhe ajuda, ele faz seu próprio rolamento. Ele rí, ela também, e nós também! Ele sai de novo do sim, sim, desculpa, obrigado e diz que gostou muito de rolar, que foi muito bom isso.

Na Oficina pudemos notar que Aquele-que-só-diz-obrigado tem um corpo diferente do meu, do nosso. Um corpo-fresta – encolhido, mas com frestas, aberturas, eis como vemos – corpo diferente do meu, com possibilidades que eu desconheço, e que ele vai descobrindo junto conosco. As frestas são importantes, também para nós pesquisadores, também temos os nossos encurtamentos, e as nossas frestas. Notamos isso com Aquele-que-só-diz-obrigado.

ARTICULAÇÃO: FEITO À MÃO

Ela chegou para mim em um dia chuvoso, como este que faz lá fora enquanto escrevo esta história. Fui sozinha para o hospital e voltei acompanhada. Dizendo assim, parece que estou falando de um nascimento, mas quem poderia dizer que não? Eu fui numa casa situada dentro de um hospital psiquiátrico, havia combinado uma visita a uma moradora desta

casa. Maria Flor, que naquela época morava na Casa de Passagem, há 2 anos esperava por uma Residência Terapêutica após longos 28 anos internada em outro hospital psiquiátrico.

Quando cheguei, perguntei por ela e outro morador me levou até o seu quarto. Ela estava deitada e ao perceber a minha presença se sentou na cama ajeitando o cabelo com as mãos e dizendo que estava a minha espera. Me esperava desde sexta-feira. Perguntei se ela se lembrava do nosso combinado e ela respondeu que sim, não havia esquecido o dia, mas me esperava há 4 dias. Naquela sexta-feira, passou por um momento de crise e pediu para ser internada, as cuidadoras cuidaram dela. Ela se lembrou que eu iria lá e esperou por mim, queria conversar.

Fui em direção à porta do quarto chamando-a para irmos para a cozinha tomar o nosso café e continuarmos a nossa conversa. Ela me falou que o café já estava pronto, havia feito logo que acordou e me surpreendeu abrindo as portas do guarda-roupa. Lá dentro, além de suas roupas, estavam também a cafeteira, a garrafa térmica e os copos.

Nos sentamos na cama, nos servimos com café e o pão que eu havia levado e continuamos a conversar. Mais uma vez, fui surpreendida por ela, desta vez com o apontar dos dedos para cima do guarda-roupa. Ela estava fazendo um presente para mim, uma boneca. Era uma boneca do meu tamanho feita de tecido e preenchida com coisas que ela encontrava por aí, coisas de dentro do hospital e de fora, das idas ao Caps, dos encontros que vivia. Faltava ainda costurar os braços e fazer o rosto. Sua amiga de quarto ajudou a fazer os olhos, nariz e boca. E Maria Flor costurava os braços enquanto costurava palavras, tecendo uma narrativa de vida. Ela tece bonecas para as pessoas que estão envolvidas com o seu cuidado. Não é o meu corpo que ela faz ali, mas um corpo do encontro. Maria Flor dá corpo ao impessoal, ao que não é propriedade de um indivíduo, mas ao que foi produzido em um coletivo. Que práticas de cuidado compõem este corpo? Um corpo preñado de heterogeneidade, um corpo povoado. (Memórias, escrito em abril de 2014)

Entre linhas, agulhas, colchetes, tecidos e botões experimentávamos novos jeitos de fazer as coisas, e foi na procura dos botões que criamos gestos costureiros que acompanhavam o nosso dia. Foi de tanto as nossas mãos andarem para lá e para cá, num convívio cada vez mais estreito com a agulha e a linha, que começamos a achar que trabalhar com a mão tinha a ver com cuidar, confiar, falar, ouvir, acompanhar. Tinha a ver com o cotidiano.

No momento em que eu a trazia para casa, me pus a pensar sobre o que fazemos ali, sobre como aquilo foi feito. Foi uma experiência perturbadora e sensível carregar

aquele corpo pesado pelas ruas do Rio de Janeiro. Perturbadora porque me fez pensar em nossas práticas e sensível porque ao mesmo tempo em que eu andava afetada por aquilo, contagiava e fazia estranhar também quem passava por mim. E não parou por aí, a boneca que recebeu o nome de Leni Neuza Barroso e Alves (dado pela própria Maria Flor), e carinhosamente apelidado de Neuzinha (por mim), me acompanhou em muitos outros espaços, participou de uma performance comigo em um evento do CRP-RJ no ano de 2011 com o grupo Entre-Laços²⁷, dançou comigo, entrou na minha monografia, foi na minha formatura e hoje ocupa as páginas da minha dissertação. O que Leni Neuza Barroso e Alves nos faz pensar? Que corpo é este? Um corpo que carrega mundos.

De tanto andarmos por aí já tive que costurá-la algumas vezes. O corpo insiste em abrir, de vez em quando algumas frestas se abrem e dá para ver o que a povoa. Não caberia aqui dizer o que tem lá dentro, até porque não é o material em si, mas sua materialidade, as histórias que cada um traz. As histórias marcam o corpo, constroem mundos e desmancham outros, tudo ao mesmo tempo.

PROPOSIÇÃO: FAZER UM CORPO

Que versões de corpo, de loucura, de eficiência, de deficiência Arlequim, Maria Flor, Neuzinha e Aquele-que-só-diz-obrigado performam, fazem existir? A prática de acompanhar nos coloca numa trama que só se faz considerando o corpo de quem acompanha e de quem é acompanhado.

Há um processo de feitura que se dá no encontro e não existem pré-disposições a priori. O corpo não é dado, ele é construído. Então, como pensar um sentido para este corpo que é feito no encontro?

Em uma conferência, Latour (2007) pede aos participantes que escrevam em um papel o antônimo da palavra corpo. As definições que mais lhe chamaram a atenção

²⁷ Em 2010 participei da criação de um grupo de estudos e práticas sobre o corpo coordenado por Ruth Torralba e que recebeu o nome de Entre-laços. Com o Entre-laços experimentamos as inquietações que tocavam nosso corpo na clínica e experimentamos criar gestos e palavras para essas experiências. Através da prática de eutonia e também da arte inspirada em Lygia Clark e Hélio Oiticica, criamos um espaço de sensibilização e de continência para essas afetações.

foram “insensível” e “morte”. Se não ter um corpo é morrer, Latour conclui que não podemos pensar a vida sem ter um corpo. Ter um corpo é aprender a ser afetado pelo mundo. É ser posto em movimento pelos outros atores humanos e não-humanos. Há um aprendizado a ser feito e Latour argumenta que quanto mais afetações com o mundo, mais eu constituo esse corpo. O corpo é então o que nos permite ser sensíveis àquilo de que o mundo é feito.

Inspirado nos trabalhos de Stengers e Despret, Latour (2007) vai pensar qual é o sentido de ser afetado. Para dar o exemplo que o próprio Latour usa, ele fala do processo de um sujeito que está aprendendo a utilizar uma maleta de odores²⁸, uma maleta que tem uma porção de quadradinhos, cada quadradinho com um odor diferente. Latour diz que quando o aprendiz se depara com aquela maleta, ele ainda não foi afetado por aquilo, o treino começaria e duraria uma semana. A aprendizagem consiste justamente em ir conformando um corpo que inclui as sutis discriminações entre um odor e outro. Então, ele diz que aquele aprendiz quando se torna um *expert* no assunto, aprende a ter um nariz, um nariz que ele não tinha antes, que é um nariz capaz de discernir aquelas pequenas diferenças do mundo. Então, quanto mais conexões o corpo estabelece com o mundo, quanto mais diferenças ele pode apreender acerca desse mundo, quanto mais conectado, mais articulado, tanto mais ele conhece o mundo.

As partes do corpo, portanto, são adquiridas progressivamente ao mesmo tempo que as ‘contrapartidas do mundo’ vão sendo registradas de nova forma. Adquirir um corpo é um empreendimento progressivo que produz simultaneamente um meio sensorial e um mundo sensível. (idem,ibidem,p. 41)

Latour contrasta este modo de aprender a se afetar com um modelo de conhecimento que separa o corpo e a mente, sujeito e objeto. Nesses modelos dualistas, a maleta de odores, por exemplo, desapareceria, pois seria tomada apenas como uma ligação, um intermediário. Latour lança mão da não modernidade das práticas científicas para tratar do corpo como solo do conhecimento, entendendo o corpo a partir da noção de articulação, de conexão com elementos díspares e heterogêneos. Isso

²⁸ Os encontros com Maria Flor, Arlequim e Cia foram, para nós, a nossa maleta de odores.

significa dizer que o corpo é o efeito de redes²⁹ de articulação que ligam humanos e dispositivos técnicos os mais heterogêneos e díspares. O interessante deste enfoque é apontar para o lugar e o papel dos não-humanos na construção do corpo.

E mais, para Latour, a condição do conhecer é ter um corpo articulado, agenciado a elementos díspares e heterogêneos, ou seja, eu conheço a partir das conexões que articulam humanos a não humanos.

(...) ter um corpo é aprender a ser afetado. Significando “efetuado”, movido, posto em movimento por outras entidades humanas ou não-humanas. Se você não está engajado nesta aprendizagem você se torna insensível, tolo, você cai morto. (...) Equipado com tal “patho-lógica” definição do corpo, não há obrigação de se definir uma essência, uma substância (o que o corpo é por natureza), mas ao contrário, eu irei argumentar que a interface se torna mais e mais descritível quando esta aprende a ser afetada por muito mais elementos. O corpo não é, portanto, uma residência provida por algo superior - uma alma imortal, o universal, ou pensamento – mas o que deixa uma trajetória dinâmica pela qual nós aprendemos a registrar e nos tornamos sensíveis àquilo do que o mundo é feito. Tal é a grande virtude desta definição: não existe sentido em definir diretamente o corpo, mas somente em relacionar a sensibilidade do corpo ao que os outros elementos são (Latour, 2007, p.1).

Deste modo, não há corpo sem sensibilidade, sem afetação. O corpo se constrói na afecção. O modo como esta construção será feita não está dado, o corpo se faz com as múltiplas possibilidades de ser afetado. Latour afirma a plasticidade e a maleabilidade do corpo em se afetar. Logo, o corpo se constrói através das conexões e afecções com o mundo. “As afecções, ao invés de determinarem os encontros possíveis, *geram*, efetivamente, os encontros (...) A afecção é aquilo que produz efeito nos corpos: efeitos recíprocos que simultaneamente produzem uma interioridade e uma exterioridade”(Moraes &Monteiro,2010, p.101 e 102).

Ter um corpo implica produzir conexões, agenciamentos com o mundo. O que importa para uma ética, para lidar com o corpo, é isso que conta localmente pra esse

²⁹ Consideramos a noção de rede como uma ontologia de geometria variável, um plano de imanência no qual se articulam atores heterogêneos e díspares, humanos e não-humanos. Ver a este respeito Latour, 1994, 1999.

corpo, as articulações que vai fazendo. Quanto mais mediações e mais diferenças, mais vasto se torna o mundo.

Quanto mais lugares Maria Flor conhece, quanto mais experimenta se articular com a cidade e o que a compõe, mais suas bonecas ganham corpo, ou seja, mais mundo ela pode produzir, resignificando a experiência de tantos anos fechada em um pavilhão de um hospital. Da mesma maneira acontece com Aquele-que-só-diz-obrigado, quando experimenta, na reabilitação, uma oficina de corpo. Este encontro abre espaço para se descobrir as potencialidades de um corpo que pouco se movia. Passa a se mover diferentemente, cria com a Oficina um modo de articulação com a singularidade do seu corpo. Se os braços e mãos não alcançam os pés e as costas doem, cria um jeito de deitar as costas no chão e passar a bolinha no pé apoiando-o na parede. A parede, a bolinha, a proposta da Oficina, Aquele-que-só-diz-obrigado, Maria Flor, as tantas Neuzinhas que costura, as agulhas, a cidade, os tecidos, os laços que tece oferecendo o café que faz com sua cafeteira e tantas outras coisas produzem efeito, reinventam as possibilidades de um corpo. O conhecimento, portanto, se dá no corpo e pelo corpo.

Uma intervenção que fazemos através do acompanhamento das conexões parciais, locais e situadas destes corpos, abre a possibilidade de interferirmos também nas versões de deficiência como déficit ou ineficiência e de loucura como doença a ser superada. Acompanhar essas conexões refaz os sentidos instituídos de loucura e deficiência.

É a partir da articulação, conexão entre os diversos atores humanos e não-humanos, que nos afetamos por mais diferenças e criamos ao mesmo tempo um corpo-fresta. Um corpo que registra as articulações e acolhe o processo de construção de mundos. Um corpo-fresta.

ARTICULAÇÃO: FICAR COM O PROBLEMA

Nos encontros do grupo Entre-Laços estávamos lendo sobre a obra de Lygia Clark³⁰, mais especificamente sobre os objetos relacionais. Clark, mais do que sensibilizar os corpos, criava a oportunidade de mobilização das percepções para a ativação de uma memória do corpo.

Clark usava objetos os mais variados possíveis como saquinhos de plástico com água, com ar, conchas, pedras, terra, etc, distraindo a materialidade do objeto e ficando com a potência dele. Estava interessada ao que se cria quando uma pessoa entra em contato com um objeto. Uma experiência com o sensível do corpo.

Cada uma de nós, inspirada em Clark, ficou com a tarefa de construir um objeto relacional. Dos movimentos das mãos com o tecido, o barbante, o jornal e a tesoura criei um corpo que dançava no ar quando eu segurava o barbante e uma das pontas do tecido. Fui para aquele encontro com dois corpos, mas eu só fui me dar conta disso quando mostrei meu objeto relacional para o grupo. Todas falaram: “você fez uma boneca, um corpo, tal qual Maria Flor fez para você”.

A experiência com aquele grupo sempre foi muito acolhedora e eu tinha em mim uma entrega para aquelas experimentações. Mas, de uma semana para a outra, eu vivia uma experiência de estranhamento com o sensível do corpo. Andava na rua e percebia muitas coisas. Por morar em um bairro muito movimentado do Rio de Janeiro, um simples andar pelas ruas até o ponto do ônibus trazia as afetações nesta mesma intensidade.

Naquele dia, antes de chegar ao Entre-Laços, apresentei um trabalho no Congresso Internacional de Saúde Mental, falei sobre a força dos encontros para destituir modos enclausurados de cuidar e pensar a Reforma Psiquiátrica. Saindo de lá fui para a Casa França Brasil visitar a exposição do Hélio Oiticica. Vesti os parangolés,

³⁰ Um dos artigos que estávamos lendo era “Breve descrição dos objetos relacionais”, escrito por Suely Rolnik, disponível em <http://www.pucsp.br/nucleodesubjetividade/Textos/SUELY/descricao relacionais.pdf>.

andei pelos diferentes chãos dos penetráveis. Foram horas e horas experimentando um mergulho do corpo. Foi na noite deste dia o encontro com o grupo de corpo.

Ruth³¹ pediu que todas conhecêssemos os objetos que havíamos feito. Após isso, nos dividimos em dois grupos para iniciar a experimentação. Pedi para ir primeiro, arregacei as mangas da camisa e das calças para deixar a pele receber o contato com os objetos.

Cheiros diferentes, toque macio, toque áspero, frio, quente, pesado, leve... foram todos ao mesmo tempo. Comecei a viver uma insuportabilidade de continuar sentindo tudo aquilo. Terminada a sensibilização, me encolhi no canto da sala. Ruth percebeu e pediu que eu falasse. A fala vem em forma de pergunta: Como faz para fechar o corpo?

Neste momento, todas se inclinaram para me ouvir. Conteí como tinha sido o dia, como estava sendo a semana após os nossos encontros. Uma outra fala surgiu contando a experiência de crise junto a um usuário de saúde mental. Era importante durar mais nesta experiência que clama por um apaziguamento. Se respondêssemos rápido, este provavelmente teria sido o movimento – fechar, apaziguar. Haraway (2014) nos convoca a ficar com o problema, um passo importante da pesquisa. Ficar com o problema nos faz reformular a pergunta: Será que é fechar ou cuidar das aberturas? Ou Como cuidar de um corpo que se interessa pelas aberturas ao outro? Cuidar das aberturas fez sentido para nós.

No dia seguinte enviei um email para o grupo:

“Cheguei em casa e escrevi... escrevi 8 paginas! (...)

Decidi ir à praia! Chegando lá uma ventania me recebeu, era difícil dar um passo enquanto o vento me empurrava para trás. Decidi senti-lo. Usei a sua potência para me fazer potente naquele momento. Meus cabelos dançavam no ar e me fiz mais leve.

A água estava gelada, só consegui molhar os pés, fui ao meu limite, mas a brincadeira na beira da água esteve presente. As ondas tiravam a areia de debaixo dos meus pés e jogavam areia em mim, um duplo movimento de tirar e dar chão. A experiência com o corpo é assim, e talvez seja esse encontrar um chão de novo que possa fazer com que a experiência corporal não seja violenta.

³¹ Ruth Torralba, como mencionado em outra nota, foi quem deu sustentação para esta experiência coletiva. Hoje segue enveredando pelas coreografias da clínica.

Me sentei na cadeira, enquanto meus pés amassavam a areia fofa. Me fiz outra ali (...)

Não acho que foi ruim ontem, não... As experiências estão a todo tempo passando por nós, nós a fazemos ao mesmo tempo em que nos fazemos, é importante dar nome a isso. Um nome pode ser um chão. Funcionou para mim.”

Quando o corpo esbarra na escrita encontra um chão. Dá sentido àquela experiência, e não é um sentido fechado e pesado com a tinta que escreve. O sentido ganha movimento com a mão que percorre o papel, varia e pode possibilitar a abertura de muitas maneiras, no encontro com o outro, com um objeto, com as ruas, com a vida.

Clark ocupou uma zona fronteira ao sair dos museus e equivocou o lugar do espectador. Muitos dizem que ela deixou a arte para ir para a clínica, mas o que ela fez foi habitar a fronteira.

"Se nos dispomos a ir a seu encontro na fronteira, somos levados a encarar o corpo-bicho fibra por fibra e a descobri-lo em sua riqueza e complexidade próprias. [...] Diante dessa constatação, não podemos deixar de pensar na necessidade de reorientarmos nossas práticas. Mas para onde apontariam essas novas direções?" (Rolnik, 1996:9, p. 10).

A direção pelo meio aponta para as aberturas que se dão através de frestas. O trabalho que faço com o meu corpo coloca em cena as relações criadas no dia-a-dia com a prática de acompanhar com o corpo. Entrar em contato com o sensível do corpo faz com que ele se torne mais sensível na relação com o outro. Por isso, mais uma vez digo que a experiência vivida naquele dia não foi ruim, dela tirei consequências. Aprendi a cuidar das aberturas. Encontrei as frestas, um modo de cuidar das relações. As frestas se abrem ali nos espaços das fronteiras.

PROPOSIÇÃO: FRESTAS

As frestas não tem autoria, elas se dão no encontro. É no encontro que se torna possível a criação de uma fresta. O que chamamos de fresta aqui são possibilidades de contato, de articulação de um corpo com outro, com um lugar, com um objeto. Se

tomarmos o acompanhamento como uma prática que se dá no entre, as frestas são, portanto, invenções, variações e derivas. Elas apontam para um manejo que é da ordem do acontecimento.

Como Favret-Saada (2005) nos diz, as intensidades e o lugar são experimentados sem aviso, sem nos prepararmos previamente. É da ordem do intempestivo, onde experimentamos um movimento que pode não ser novidade, mas que surge em sua diferença.

Há uma característica de imprevisibilidade nas frestas. Como dissemos, elas aparecem aqui e ali, faz pensar que não duram muito tempo. Aquele-que-só-diz-obrigado experimenta frestas, em um sentido múltiplo. Uma se abre, depois ele volta ao “muito obrigada”, mas até mesmo este “retorno” não apaga o rastro de uma fresta. Fica um registro, uma marca. As marcas se produzem a partir das conexões que fazemos que, por sua vez, carregam uma potência geradora de outras composições.

Tais composições, a partir de um certo limiar, geram em nós estados inéditos, inteiramente estranhos em relação àquilo de que é feita a consistência subjetiva de nossa atual figura. Rompe-se assim o equilíbrio desta nossa atual figura, tremem seus contornos. Podemos dizer que a cada vez que isto acontece, é uma violência vivida por nosso corpo em sua forma atual, pois nos desestabiliza e nos coloca a exigência de criarmos um novo corpo - em nossa existência, em nosso modo de sentir, de pensar, de agir etc. - que venha encarnar este estado inédito que se fez em nós. E a cada vez que respondemos à exigência imposta por um destes estados, nos tornamos outros. (Rolnik,1993,p.2)

Suely Rolnik (1993) nos ajuda a dar palavras para o que é possível através das frestas. Para cada nova composição, fabricamos articulações que abrem a possibilidade de experimentar estados inéditos em nosso corpo. “Cada um destes estados constitui uma diferença que instaura uma abertura para a criação de um novo corpo” (idem,ibidem, p.2). O que significa dizer que, a fresta reordena a relação, refaz, recompõe alguma coisa que estava ali. E este processo não é feito senão marcando este corpo. A marca que fica desta fresta é sempre possibilidade para uma nova articulação ou um registro, uma memória quente e incorporada, de que este corpo pode diferir.

As reuniões, as supervisões de equipe, os grupos que fazem corpo comigo são muito importantes para a construção de um corpo-fresta para quem se dispõe a acompanhar, pois se trata de um espaço de cuidado onde partilhamos as afetações dos encontros que vivemos durante um acompanhamento e criamos sentidos para esta experiência, aprendendo assim a estar disponível aos movimentos que compõem o mundo.

Quando estamos em grupo podemos conjugar o verbo acompanhar de diversas maneiras, não só entre as pessoas da ação, mas em outras ações. Aprendemos a escutar, a tatear, a manejar, a observar, a esperar, a agenciar, a agir, a escrever, a experimentar, a conhecer, a intervir, a officinar, a problematizar, a pensar, a singularizar, a acolher, a sentir, estar com e tantas outras.

Nestas experimentações verbais, há um exercício de ficar atento às frestas que são construídas em um acompanhamento. Podemos dizer que as frestas são encarnadas e situadas. Exercitar um corpo-fresta permite que aconteça um grau de abertura cada vez maior aos acontecimentos que mobilizam quem compartilha um acompanhamento.

ARTICULAÇÃO: OFICINA COM

Um dos primeiros a chegar naquele dia foi um homem com idade em torno de 36 anos e com baixa visão. Lembrei-me que ele era o mesmo homem que eu vi logo cedo andando de um lado para o outro no corredor, com a cabeça baixa e os olhos colados no caderno. Era o homem-e-seu-caderno, e dele não largava.

Nós nos apresentamos e logo ouvimos um pedido para que escrevêssemos em seu caderno. Ele pedia que escrevesse os horários e as atividades que realizava na reabilitação: “9h natação, 10h Oficina, 12h Almoço, não esquecer o cartão”. Escrevi e pedi que ele tirasse o sapato para começarmos a oficina.

Na semana seguinte, ele entrou na sala e repetiu o pedido, e foi assim todas as vezes que chegava e também durante a oficina. Enquanto fazíamos uma atividade como encontrar os apoios do corpo, Riobaldo (assim o chamarei) se levantava e ia até a sua mochila encostada na parede num canto da sala.

De lá tirava o seu caderno, que dava um giro de 360 graus diante de seus olhos colados nas folhas. Se aproximava de mim e perguntava: Escreve pra mim? Eu muitas vezes escrevia, só que isso começou a me fazer pensar. Hesitamos com esta escrita. Será que devemos escrever sempre que ele pede? Para que escrever todos os dias a mesma coisa? Todas as folhas tinham as mesmas anotações só que escritas com letras diferentes. Uma vez fingi que escrevi, ele descobriu a minha mentira e fiquei envergonhada com aquilo. Levei esta questão para a reunião do grupo de pesquisa. Como incluir o caderno na Oficina? Retirar o caderno seria retirá-lo da Oficina.

Outra questão que mexia comigo era sentir que ele não participava da oficina, ficava inquieto, batia palmas, dava gritos. Era difícil ficar ali com ele, até que novamente levei para a reunião. Como estar com Riobaldo e seu caderno?

Nas Oficinas seguintes comecei a negociar com ele o momento da escrita, seria no final das atividades. Ele concordou, mas isso não o impedia de tentar que escrevêssemos durante as atividades. Queríamos que ele participasse das experimentações e que não se preocupasse porque faríamos o combinado, no final da oficina eu escreveria em seu caderno. Foram dias e dias negociando com ele, algumas vezes ele se aproximava de mim e falava “escreve que eu tenho médico semana que vem”... Nossa relação foi sendo permeada por negociações e escritas.

E foi durante a experimentação de andar de variadas formas que ele fez uma descoberta: havia outro caderno na Oficina além do dele. Nós não havíamos considerado isso. Era o caderno em que escrevíamos o diário de campo. E agora, como articular os dois cadernos? O caderno dele só poderia ser escrito no final da Oficina. E o nosso? Não fazemos pesquisa sem o nosso caderno. O caderno era um emaranhado de conexões. O nosso e o dele.

Através do seu caderno conhecemos sua mãe, uma empregada doméstica que trabalhava todos os dias e as anotações no caderno permitiam que ela acompanhasse o dia a dia do filho na reabilitação. Soubemos também que ele não sabe ler e nem escrever. Ele sabe se escreveram em seu caderno pelo desenho da tinta da caneta na folha. Ele sabe o espaço que os dados que ele narra ocupa na folha, foi assim que descobriu a minha mentira do outro dia. Um mundo de relações e afetos. O caderno ligava o homem à sua mãe, e começamos a tecer com ele uma ligação com a Oficina, passamos a incluir relatos sobre as atividades. Todos os dias esperávamos ele relatar toda a lista de horários e perguntávamos o que ele tinha achado da oficina, que parte gostou mais, como havia se sentido e escrevíamos também em seu caderno. Os dias foram se tecendo assim, o nosso caderno e o dele estavam abertos na Oficina sendo um espaço para acontecerem novas composições.

Outra composição que tecemos juntos foi a circulação da escrita. Era importante povoar os laços que fazíamos com ele. Era importante que mais pessoas se interessassem em escrever em seu caderno. Foi aí que a escrita circulou, mais pessoas do grupo puderam ocupar este espaço. Riobaldo podia contar com mais gente e o pedido agora variava, além da lista de horários, pedia também “Escreve aí que eu fui bem na natação, nadei de costas”, e a escrita ganhou movimento. Em roda, ao final da Oficina, cada um falava um pouco de como tinha sido o encontro. Quando chegou a sua vez, ele falou o que faz ali na reabilitação e falou também que mora na Rocinha e que ajudou a vizinha idosa a ir à igreja. Novas conexões foram surgindo, compondo um mundo mais denso de afetos, de conexões e de relações.

Até hoje não sabemos se ele entrou na nossa sala procurando a oficina ou procurando alguém para escrever em seu caderno. Só sabemos que foi no encontro entre o homem-e-seu-caderno com a oficina que criamos uma oficina de corpo-com-caderno. E mais, pude criar ali com ele um manejo afetivo das relações que experimentávamos juntos. O que tocamos quando pesquisamos no campo da deficiência visual? Aprendi com Riobaldo que tocamos em um novelo emaranhado de conexões que performam modos de viver, fazendo combinações, as mais inusitadas que podem existir. A oficina se tornou mais heterogênea quando pudemos acolher o homem, o seu caderno e a nossa hesitação. (Memória, escrita em julho de 2014)

ARTICULAÇÃO: UMA VERSÃO DE AT

A escrita veio em um dia de muitas questões. Eram tantas, que foi importante assentarem numa folha de papel. As palavras com letras trocadas construíam perguntas que Pablo fazia. “Como é feito um carro? As rodas, o eixo, o motor, o “colante”, o freio, a “encrenagem” e o acelerador?” (escritos de Pablo em meu caderno).

Sentada ao seu lado no sofá, me senti a vontade para formular uma pergunta “O que é acompanhamento terapêutico?” Combinamos que eu escreveria o que ele falasse³²:

“Conversa de duas pessoas como forma de ajudar na comunicação verbal do pai e da mãe da pessoa, para que não piore/desmereça ninguém, não maltrate ninguém. Não obstrua o pavimento da rua, que cuide das árvores e que faça gerar uma nova vida. Que tenha uma comunicação adequada, um

³² As pontuações, pausas e espaços foram dadas por mim no ato de escrever o que Pablo ditava.

goste do outro. Que a pessoa consiga se comunicar com o meio onde está, que realize e resolva o problema de onde a pessoa está.... Saber uma paisagem e o que compõe... Meu interior se comunicando com o exterior onde estou. Jogar ping-pong, baralho, desenhar, andar na rua, passear... Conversa entre duas pessoas”. (Diário de Campo, 2010)

ARTICULAÇÃO: ESTAR COM NA DIFERENÇA

Camila, Diana e eu acompanhávamos Pablo em dias diferentes da semana. Em nossa supervisão era muito interessante ouvir de cada uma de nós como tinha sido o encontro com ele. Poderíamos dizer que os encontros eram iguais por serem feitos com a mesma pessoa? Dizemos que não. Cada encontro era diferente. Cada encontro aparecia em sua diferença.

Nas supervisões, trazíamos relatos de como estava sendo o acompanhamento. Muitas vezes, ficávamos angustiadas por sentir que era como se não estivéssemos ali com ele ou ficávamos com a sensação de que nada de diferente estava acontecendo porque repetíamos sempre as mesmas coisas: andar na esteira, jogar ping-pong e desenhar. Foi aí que atentamos para os pequenos movimentos que aconteciam ao longo do dia, começamos a perceber que algo estava diferindo.

“No início [do dia], ele não queria de maneira nenhuma que eu desenhasse com a mão esquerda, mostrei a ele que pra mim era muito mais fácil assim, mas ele me fez tentar desenhar um dos olhos do boneco varias vezes com a mão direita. Falei pra ele que eu era canhota, que pra mim era mais fácil usar a mão esquerda, que eu escrevia com a mão esquerda. Ele pareceu surpreso, diz que as pessoas normalmente usam a mão direita. Digo que eu sou diferente, que uso a esquerda. Em certo momento ele diz algo como “se você usar a mão esquerda, pode se prejudicar”. Reafirmei várias vezes que não conseguia escrever com a mão direita, que ele conseguia jogar com as duas mãos e que era possível fazer diferente, escrever com a esquerda. Também afirmei que escrever com a mão esquerda não iria me prejudicar. Mas ainda não faz sentido pra mim essa resistência que ele tem com a escrita com a mão esquerda. Ele não me deixou fazer o olho com a esquerda, ele mesmo o fez, mas depois não falou nada quando desenei o

resto do boneco com a mão esquerda”. (Diário de Campo de Camila Andrade)

“Num momento, paramos de jogar para que ele tomasse o café da manhã. Ele vira pra mim e diz: “eu não tinha te visto”. Pergunto como assim e ele não consegue falar. O sentido que dei foi que eu estava diferente, tinha cortado e pintado o cabelo. Pergunto: “É isso? Eu estou diferente?”, e ele responde que sim.

Quando voltamos ao jogo, ele diz que tem que tirar uma parte do cabo da raquete. Que o cabo estava me atrapalhando. Ele tira o cabo e voltamos a jogar. Pablo pediu desculpas de repente, e perguntei por quê. Ele diz que não quer que eu fique chateada por ele não ter tirado o cabo da raquete. Digo que ele não precisa se preocupar. Em vários momentos ele volta a isso, se desculpando por não ter visto que a raquete estava com o cabo e não ter tirado. Surpreendeu-me o pedido de desculpa dele. Nesse momento a fala dele de que não tinha me visto pode ganhar um outro sentido? Até aquele momento, Pablo não havia se dado conta de que havia outra pessoa ali, e que não era um simples estar ali para passar o tempo, mas era um estar junto, uma relação?” (Diário de Campo de Camila Andrade)

Só sabemos do que o nosso corpo é capaz no ato de acompanhar, aprendemos com aqueles que acompanhamos. No encontro, o corpo é ativamente mobilizado como um dispositivo de mediação. Todos os dias que chegamos à casa de Pablo criamos com ele modos de fazer que criam e indicam uma comunicação incorporada. Quando Camila olha Pablo e ele retorna o olhar estranhando o seu jeito de desenhar com a mão esquerda indica que ali se criou uma relação que até então passava despercebida com as repetições do dia-a-dia. Uma relação que faz acompanhante e acompanhado responderem, a serem responsáveis por esta ligação. A possibilidade de estranhar e a sua negociação é a condição mesma da relação. O que está em cena é a possibilidade de tornar-se com o outro a partir das nossas diferenças.

ARTICULAÇÃO: CANDEIA

Na ocasião em que escreveríamos um capítulo para o livro *Exercícios de Ver e Não Ver*³³, escolhemos narrar a história de um dos participantes da oficina. Candeia tinha 80 anos na época, tinha perdido a visão há uns 3 anos e há 1 ano estava matriculado na reabilitação. A história que chegou para nós vinha dos professores de Orientação e Mobilidade. “Candeia não anda, não tem equilíbrio, só fica sentado no sofá. O sofá está afundado com a marca do corpo dele”, diziam.

Esta marca ficava muito presente quando estávamos com ele, não só por termos ouvido essa história, mas pelo modo como ele estava na Oficina. Era difícil se movimentar.

No dia-a-dia da Oficina, Candeia encontrou Heitor, um sujeito boa praça, pá para toda obra como dizem. Heitor questionava o modo como Candeia ficava, era um militante por uma vida mais movimentada. E cada um defendia o seu ponto de vista, a sua experiência com a cegueira. Ouvimos a história de Candeia:

Ele era motorista de taxi na cidade do Rio de Janeiro, passava as horas do dia atrás do volante do carro. Era conhecido na praça por suas piadas e pelo samba do final de semana. Após um longo dia de trabalho foi para um samba com a sua companheira Amélia. Quando tocou a última nota de *O mundo é o moinho*, de Cartola, uma escuridão tomou conta do salão. “Foi no último gole da cerveja. Tomei o último gole e tudo ficou escuro, depois voltou. Mal sabia que aquele era o início da minha cegueira”. Com o passar do tempo, a luz não voltou, mas o samba continuou. Candeia deixou de dançar.

Seu corpo parou. O que era apenas um repouso do cansaço do dia vira agora um modo de vida, um modo que se confunde com a imobilidade do sofá. Candeia não quer se levantar de lá, tem medo, está triste. Para ele, a surpreendente cegueira começa a se tornar sinônimo de imobilidade: se não pode dirigir, também não pode se mover. A falta de movimento faz com que suas pernas, já envelhecidas e cansadas, fiquem sem força e equilíbrio. Sua esposa reclama que ele não faz nada em casa, tudo pede para ela, até um

³³ MORAES, M. e KASTRUP, V. (orgs.) *Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual*. Rio de Janeiro: Nau Editora / Faperj, 2010.

copo de água. Candeia reclama quando tiram as coisas do lugar e descobre a necessidade de manter tudo em seu lugar. A casa não poderia ser mexida, refletindo o corpo imóvel de Candeia que não ia mais à padaria comprar o pão e o jornal de manhã, nem tinha mais contato com os amigos da praça. Ficava em casa no sofá vendo televisão. Seus movimentos se restringiam apenas ao alcançar das mãos.

Através de um amigo soube do IBC e, contrariado, se matriculou na reabilitação. Lá passou a participar das aulas de artesanato, sensibilização do tato, braille, orientação e mobilidade. Seu corpo, antes articulado com o sofá de sua casa e sua esposa, agora passa a ensaiar novas conexões.

Candeia não se interessava pelo braille, dizia que se sentia velho para aprender. As aulas de Orientação e Mobilidade foram um desafio e esbarravam em uma de suas dificuldades em relação a sua recente cegueira, já que para ele, a falta de visão se articulava com a impossibilidade de se mover. Heitor insistia que ele se exercitasse mais, que deveria treinar em casa.

Foi aí que Candeia começou a participar da roda de gente na Oficina de Experimentação Corporal. Neste momento, mais atores começam a participar da rede que compõe a sua vida e sua cegueira, pois, se incluíam agora, o IBC, o sair de casa, o ônibus que teria que tomar, as pessoas que passou a conhecer, as oficinas que começou a frequentar, entre outros. A ligação entre seu corpo e o sofá de sua casa, neste momento, começa a se enfraquecer.

Como neste período Candeia estava com muita dificuldade de andar, grande falta de equilíbrio e dores por todo corpo, foi indicado para participar da Oficina de Experimentação Corporal. Na primeira Oficina, percebemos sua enorme dificuldade de se locomover, além disso, precisava de ajuda para se sentar e levantar do chão e não conseguia sentar em roda, sem que tivesse a parede para lhe apoiar as costas. Em nossa primeira conversa, Candeia nos fala: “O que eu procuro no IBC é andar melhor, minhas pernas estão fracas e desequilíbrio muito, mal consigo andar dentro de casa.” Com esta fala percebemos que, de alguma forma, algo diferente da conexão entre cegueira e imobilidade se processava em sua vida: Candeia queria andar.

Nas Oficinas seguintes, decidimos começar por um trabalho com os pés, já que estes são um dos responsáveis pelo equilíbrio e pelo andar. Não só Candeia falava dos

desequilíbrios dos passos, mas também outros participantes apontavam para a mesma questão. Quando lhes pedimos que massageassem os próprios pés, Candeia nos disse: “Faz duas semanas que eu não toco o meu pé”. As Oficinas foram seguindo e Candeia estava diferente, ficava à vontade, conversava com todos, percebia e experimentava seu corpo.

Em um dos encontros, chegou contando que no dia anterior havia saído com seu neto para caminhar. Candeia parecia estar fazendo novas redes e reconstruindo um corpo. Certa vez nos disse: “Quando a gente fica cego, a gente vira criança novamente, tem que aprender tudo de novo. Quando a gente vê, a gente sabe uma teoria, quando ficamos cegos é preciso aprender outra teoria”. Percebíamos que novas “teorias” estavam em pleno processo de fabricação, teorias criadas a partir de um processo intenso de produção, onde Candeia podia experimentar suas possibilidades, fazer novas conexões e rearranjos das redes que teciam a sua vida. Com o passar do tempo, percebíamos Candeia mais seguro e com vontade de descobrir as potencialidades de seu corpo.

No final do ano de 2008, quando fazíamos um balanço das atividades daquele ano e nos despedíamos para as férias de janeiro, Candeia fala: “Se paramos de nos movimentar, começamos a enferrujar[...] Hoje em dia estou fazendo mais coisas, me sinto mais leve, to com vontade até de jogar futebol.” E prosseguiu: “Eu trabalhava com o público. Não tenho visão, mas tenho orientação. Pelo andar do ônibus, pelas curvas que ele faz, sei onde estou. É um fenômeno. A nossa mente é que nos carrega. Não fiquei rico na minha situação financeira, mas fiquei na minha saúde. Tenho minha mulher, meus filhos, então estou bem. Fiquei muito surpreso com um amigo que me ajudou”.

Com estas falas, Candeia nos dizia acerca de como vinha reconstruindo as conexões entre seu corpo, a recente cegueira e a mobilidade. Apontava-nos outras possibilidades de conexão da sua vida com, por exemplo, a saúde, com a sua capacidade de orientação e as novas descobertas acerca de seu corpo e de como poderia se locomover. Sua cegueira, agora, passara a ter outras conexões que não só com a imobilidade e o sofá de sua casa.

Por muito tempo, contamos esta história nos congressos que participávamos e nos textos que escrevíamos. Era importante compartilhar uma experiência que não ficava imobilizada em uma única história. E por que eu trago novamente esta história à cena?

Talvez para marcar a força que o trabalho de corpo tem, talvez para afirmar a mobilidade conquistada por Candeia. Tudo isso é verdade, mas o motivo de trazê-la aqui é para contar uma parte da história que não escrevemos. Talvez porque dizê-la mexa com a gente, porque seja difícil de contar.

No ano seguinte, Candeia, Heitor e os outros participantes estavam de volta à Oficina. Todo início de ano, fazemos um reconhecimento do espaço para cada um escolher um lugar para deixar suas coisas e criar referências para encontrá-las ao final da Oficina. Notamos Candeia parado, o pé se arrastava pelo chão, a bengala se tornara um apoio e não mais algo que o guiasse. Só queria ficar sentado, reclamava quando a atividade fazia com que ele tivesse que levantar e abaixar várias vezes. Para chegar a nossa sala havia dois lances de escada, entre elas um vão que era um espaço para fazer a curva e continuar subindo. Sua esposa ficava no pé da escada dando as ordens dos movimentos que ele tinha que fazer. “Vira pra direita, não, pra direita. Você está fazendo errado.”- gritava Amélia. Candeia se perdia entre um lance e outro da escada.

Na sala, perdia as referências e nos perguntávamos o que estava acontecendo. Levamos a questão para a nossa reunião. Era uma sensação de angústia que nos tomava. Cadê o Candeia do ano passado que conquistava cada vez mais movimentos?

Insistíamos com ele para que se movimentasse, não queríamos vê-lo parar. Não conseguíamos ouvir o que estava acontecendo. Chegaram mais uma vez as férias de final de ano, e nos despedimos de todos até o nosso retorno.

Ano novo chegou, olhávamos para a porta, mas Candeia não veio mais. Não tivemos mais notícias. Fica o nó na garganta. Nós escrevemos uma narrativa com final feliz e dela não largamos por um tempo. Mas contamos esta outra parte da história porque pudemos compreender que o fato de que Candeia tenha saído da Oficina permanecendo sentado, não apaga o fato de que ele experimentou um dia levar o neto para a escola. Escrever sobre isso é, para nós, um modo de dar lugar para isso. Não apaga a fresta de invenção e conquista que viveu a partir de uma experiência que teve na Oficina.

Quando escrevemos a narrativa para o livro, não conseguíamos ver isso. É preciso dar lugar para o “ficar sentado” para que o “ir levar o neto na escola” possa ter a força que teve. Na Oficina, pudemos acompanhar todo este processo e podemos contar uma história muito mais densa e povoada. Onde quer que ele esteja, nós e ele sabemos disso.

PROPOSIÇÃO: MODOS DE ORDENAR A DEFICIÊNCIA

Modos de ordenar a deficiência são os modos pelos quais a deficiência vai se constituindo em arranjos bastante heterogêneos. Situamos nossa pesquisa na esteira do que Foucault (1972,1987,2000), Mol (1995), Moraes (2004), Moser(2005) fazem pensar: a concepção de deficiência não é um objeto dado, é algo cuja existência depende de certas condições de possibilidades que se realizam materialmente. Interessa-nos acompanhar os modos pelos quais a deficiência existe.

Desde os trabalhos de Foucault (1972, 1987, 2000), sabemos que a concepção de normalidade é construída historicamente em certos arranjos materiais. Se a deficiência não é um dado universal, em que práticas ela está articulada?

Trabalhar com os modos de ordenamento implica colocar o foco tanto na heterogeneidade material quanto na multiplicidade e na complexidade de tais ordenamentos. Nas palavras de Mol,

...modos de ordenamento tornam o discurso múltiplo e móvel. ‘Modos’ é um plural: convida a uma comparação dos diferentes modos de pensar e agir que coexistem num único tempo e espaço. Ordenamento, derivado de um verbo mais do que um substantivo, evoca um processo: sugere que a atividade de ordenar envolve um esforço contínuo que pode sempre falhar. (2008,p.9)

Assim, acompanhamos alguns modos de ordenar a deficiência, as diferentes articulações de eficiência e deficiência que vão sendo produzidas, com o objetivo de

interferir numa certa versão de deficiência como falta, como déficit, como desvio por relação a uma normalidade a ser alcançada.

Moser (2000, 2005) levanta algumas questões sobre as concepções que localizam a deficiência em um corpo individual, uma certa concepção de normalidade desencarnada. Ao entrevistar uma pessoa que usa um dispositivo técnico para se comunicar, já que sua fala foi comprometida por um acidente vascular cerebral, Moser se dá conta de que, quando esse aparelho falha, é aquela pessoa que falha. O fracasso daquele dispositivo torna visível a ineficiência daquela pessoa e a dependência de certos dispositivos para se comunicar. Ninguém pergunta se não somos nós que não conseguimos falar com aquela pessoa. Naquele momento, a pessoa se torna ineficiente ou deficiente, e nós eficientes, um modo desengajado e desencarnado de viver, já que os dispositivos que utilizamos não aparecem. O que aparece é a falha do outro.

Afirmar a deficiência como alguma coisa que existe apenas num indivíduo, ou que a deficiência é provocada por um corpo defeituoso, lesionado (Santos; Diniz, 2009; Diniz; Medeiros; Squinca, 2007; Martins, 2006a, 2006b, 2006c), é, ao mesmo tempo, conceber que isso não tem nada a ver conosco, os não deficientes ou eficientes. A falta de eficiência, de capacidade de agir, uma vez atrelada a um corpo individual, defeituoso, faz também existir a versão da normalidade desengajada, desencarnada, não-marcada— para retomar a expressão de Mol (2008). Uma versão de deficiência que está, portanto, articulada a certa versão de normalidade: a normalidade desengajada, desencarnada, eficiente. São como que duas faces de uma mesma moeda: a um corpo não-eficiente corresponde uma normalidade desencarnada, sem condições corporais, materiais, de existência. Os arranjos sociomateriais que produzem corpos eficientes são, nesse último caso, invisibilizados (Moser, 2005 in Moraes, 2011, p.110)

As fronteiras entre eficiência e deficiência são resenhadas no cotidiano quando seguimos um corpo em ação. Arlequim, Candeia, Maria Flor e tantos outros, criam uma nova distribuição deste modo de ordenação. Apontam que a deficiência pode envolver perdas, dores, angústias (Arlequim e Candeia nos dizem isso!). E também envolve um reinventar-se (acompanhamos isso!).

Em uma conversa ao final de uma oficina, Arlequim nos disse:

“As pessoas acham que cego é cego, é tudo igual. Mas não tem essa. Cada um é de um jeito. Eu sou cego, não vejo mais o Chaves na televisão, mas

percebo luz e sombra, sei quando a janela está aberta ou fechada. Eu faço um monte de coisas.”

Wellington, de 18 anos, cego há dois anos em função de uma doença progressiva, continua:

“As pessoas acham que só porque a gente é cego, a gente não pensa, não tem desejos, não tem uma vida com sonhos, como todo mundo. Eu ando na rua com minha mãe, e as pessoas, ao invés de falarem comigo, falam só com ela. Só porque o olho é perto do cérebro, as pessoas acham que o cego tem problema na cabeça! Quando a gente é cego, a gente apura a pele toda!”

As falas de Arlequim e Wellington apontam para as astúcias de viver sem ver, que envolvem “a pele toda”, que ficariam ocultas, deixadas de lado se seguissemos as concepções hegemônicas de deficiência.

É neste sentido que afirmamos que a deficiência está relacionada à uma questão política (Law,1999), que consiste em definir quem e o que conta no mundo. Seguir os arranjos locais nos quais a distinção entre eficiência e deficiência são construídas nos ajuda a equivocamos as versões de mundo que apagam seu processo de feitura.

ARTICULAÇÃO: HESITAR

A oficina do grupo dos reabilitandos foi preparada para trabalhar o equilíbrio corporal. Quedas e dificuldades relacionadas a equilíbrio permeiam, com frequência, as histórias que os participantes nos contam nas oficinas. A cegueira adquirida na idade adulta envolve um processo de modificação do equilíbrio motor já que não se conta mais com a visão, esta última, um dos pilares do equilíbrio. Assim, não é raro que os participantes demandem experimentações corporais que trabalhem o equilíbrio. Nesse sentido, seguindo as pistas que recebemos dos participantes, o grupo de pesquisa planejou realizar uma oficina na qual esse fosse o tópico central do encontro. Em nosso planejamento constava que o encontro se iniciaria como uma conversa em roda, na qual faríamos algumas perguntas disparadoras: "O que é equilíbrio?", "O que desequilibra vocês?" e, em seguida, faríamos algumas experimentações com os objetos da própria sala onde se realizam

as atividades, como colchões e tapetes, a fim de experimentar situações de equilíbrio e outras de desequilíbrio, produzindo modulações nesse processo, buscando investigar como reencontrar o equilíbrio perdido, como brincar com o equilíbrio do nosso corpo a fim de conhecer e se apropriar dos modos de que dispomos para nos mantermos equilibrados no espaço. Chegamos na oficina com o nosso planejamento – e era ele o *nosso equilíbrio: o eixo estável de nossas ações e corpos*.

Estávamos em roda, sobre os colchões e perguntamos aos participantes do grupo da reabilitação, segundo o que havíamos planejado: “O que é equilíbrio para vocês?”, “O que os desequilibra?”. E uma das pesquisadoras completou, como quem tenta afunilar a questão e encaminhá-la para o que buscávamos saber: “Queremos construir uma oficina de equilíbrio junto com vocês e percebemos que nossa compreensão desse equilíbrio é muito rasa”. Seu Francisco nos respondeu na lata: “Me falta o equilíbrio quando ferem a minha honra!” A fala de Seu Francisco gerou conexões imprevistas no dispositivo de pesquisa e outros participantes mencionaram o abalo que uma desonra, uma traição, uma mentira poderia provocar no equilíbrio. Tudo isso poderia tirar uma pessoa do sério. Ela saía do seu centro.

Em nosso planejamento constavam as formas do equilíbrio motor, os trabalhos com os apoios do nosso corpo para manter-se ereto e ser capaz de caminhar, sem cair. A articulação entre equilíbrio e honra não fazia parte do que havíamos planejado. Hesitamos. O que faríamos com aquela Oficina? Não sabíamos. Enquanto isso, Seu Francisco mobilizava o grupo, a questão da honra era como uma centelha de faísca que corria o grupo, produzindo incêndios, chamas vivas e intensas de debates acalorados. O sentido que trazíamos na mochila era do equilíbrio motor. Enquanto hesitávamos, Seu Francisco nos contava a história que feriu sua honra e atingiu seu equilíbrio. O grupo abria uma fresta (Conti, 2014) no sentido daquilo que podia desequilibrar um corpo.

Equilíbrio e desequilíbrio variavam, modulavam, num movimento que nos causava vertigem. Perdíamos nosso equilíbrio. Mais do que tomar o que se

passava como uma questão semântica, uma ambiguidade do termo equilíbrio que o grupo explorava e adensava, o que esse episódio nos parece colocar em cena é um mal entendido promissor (Despret, 1999). Promissor justamente porque abre a possibilidade de colocarmos em ação outras versões de equilíbrio num grupo de pessoas cegas e com baixa visão. Promissor justamente porque coloca em xeque o planejamento, o saber das pesquisadoras, coloca em xeque, em última instância o dispositivo de pesquisa, abrindo-o aos riscos da vertigem, ao calor das questões éticas envolvidas nas traições, nos ataques à honra. Na versão que o grupo fazia existir, a questão de ver e não ver não era o que importava, mas sim o fato de que uma traição poderia tirar todos nós, videntes ou não, do nosso eixo. O que se passava no grupo redesenhava nosso planejamento, nos ativava a todos, refazia nossos laços. Seguimos na vertigem, compusemos o movimento com o grupo. No entanto, em dado momento, colocamos na roda o sentido de equilíbrio que trazíamos em nossa mochila. Mais do que impor um planejamento, compusemos com o grupo um outro sentido de equilíbrio porque o equilíbrio motor, uma vez retomado, não era mais o mesmo que havíamos planejado. Ele havia se adensado e se complexificado porque as questões que ferem a honra são sérias demais para serem abandonadas pelo grupo³⁴.

PROPOSIÇÃO: EQUIVOCAR

Encontrar é ir “ter com”. É um “entre-ter” que envolve *desdobrar* a estranheza que a súbita aparição do imprevisto nos traz. *Desdobrar* o que ela “tem” e, ao mesmo tempo, o que nós temos a lhe oferecer em retorno. *Desfragmentar*, nas suas miúdezas, as quantidades de diferença inesperadamente postas em relação. (Eugênio e Fiadeiro, sem data)

³⁴ Este texto foi escrito a muitas mãos, faz parte do artigo *Você jura pelos seus olhos? Hesitações que (des)equilibram um dispositivo de pesquisa*, que está no prelo, ano 2015. Autores: Alexandra Simbine, Beatriz Pizarro, Camila Alves, Gabrielle Chaves, Josselem Conti, Juliana Pires Cecchetti Vaz, Larissa Mignon, Lia Paiva, Louise Goransson Savelli, Luana Garcia, Marcia Moraes, Raffaella Petrini, Thais Amorim, Thiago José Bezerra Cavalcanti.

Algo se passa no meio, na travessia, tempo que resgata muitas experiências, muitos encontros, e que, quando resgatados, se apresentam como impasses. Impõem mudanças, fazem pensar, refazem nosso caminho, refaz o presente.

Equivocar é um verbo que para nós não caminha sozinho, vem com um solavanco. E é este solavanco que nos faz reparar lá onde uma diferença irrompe. As equivocações não se constituem como obstáculos, ao contrário, fazem parte do processo de *estar com*. Abre e alarga um espaço que não imaginávamos existir.

Um equívoco supõe heterogeneidade, sinaliza outros mundos. É preciso saber perceber as diferenças, notá-las como inquietações, como oportunidade para reformular perguntas, como ocasiões para refundar modos de operar. Precisamos ficar com o problema, precisamos hesitar. Se nos dermos esse tempo, esse silêncio, essa fresta, eis então que o equívoco se apresenta e nos convida a engrandecer de mundo as nossas narrativas.

ARTICULAÇÃO: DIFERENÇA

Alexandre é um dos pioneiros em nossas oficinas, há anos nos encontramos no mesmo lugar, na mesma hora. Sempre depois das experimentações, ao final de nossas oficinas, propomos ao grupo que façamos uma roda para podermos conversar sobre a atividade que fizemos e para ouvir deles o que eles acharam e o que foi mobilizado e também dizer o que podemos experimentar estando ali com eles. Alexandre, há anos, vai pra roda e se senta de costas, SEMPRE se senta de costas para a roda (Trecho retirado de diário de campo, 2011).

PROPOSIÇÃO: FIAR UMA NORMATIVIDADE

Ao longo da história, o corpo é marcado pelos seus usos e o modo como as práticas e técnicas corporais são moldadas. Na obra de Michel Foucault (1985), o corpo surge como o lugar de atuação das formas de poder na modernidade. O corpo é objetificado pelos valores que nele são investidos e pelas relações de poder que sobre

ele se inscrevem. A objetificação da cegueira como deficiência e da loucura como desrazão surgem através de discursos medicalizados.

Em *A história da loucura* (1978) podemos acompanhar como o corpo se torna objeto dos saberes. Houve um aumento dos internamentos daqueles que ameaçavam a ordem social: os mendigos, os loucos, os cegos, os criminosos, os doentes. A pobreza se constituía como um denominador comum. À medida que a noção de pobreza vai se reduzindo, o internamento deixa de ser praticado da forma como até então era no século XVIII. A loucura é separada de outras formas de desrazão, apesar disso, a reclusão se mantinha para os criminosos e para aquelas pessoas cujo perfil fazia supor uma ausência de razão. Acontecia um monólogo da razão moderna que constituía loucos e criminosos como um corpo só.

A descoberta da singularidade do louco dentre outras formas de desrazão faz com que cresça o investimento de saberes sobre ela. Philippe Pinel será um dos fundadores dos asilos para onde os loucos iriam, agora sob a responsabilidade de uma ciência médico-terapêutica. É nos asilos que a psiquiatria se desenvolve, uma ciência das doenças mentais e é aí que uma normalização se impõe. “Portanto, se seguirmos a leitura proposta por Foucault, o monólogo da razão que a psiquiatria consolida sobre a loucura não vem para se dedicar ao desvio que a precede, mas para o constituir e definir como desvio, a par da sua própria criação”(Martins,2006a,p.78).

A proliferação destes saberes é sustentada pelas relações de poder. A sociedade disciplinar buscou a supressão do desvio pela normalização, criou práticas que separaram a doença da saúde. O corpo assume o lugar de atuação dessas formas de poder que criam enquadramentos de normalidade. A medicina e o dispositivo biomédico se tornaram a tecnologia do poder moderno constituído pelo conhecimento científico, que controla a vida.

Bom, mas afinal, por que retomo esta parte da história? Através desta parte da história, podemos acompanhar o processo de cronificação da relação entre os saberes e o corpo. Lima (2010), em sua dissertação, expõe como é pensado o termo crônico. Ela diz que uma doença é crônica em comparação a uma doença aguda, uma é de longa e a outra é de curta duração, respectivamente. Em *Saúde Mental*, uma doença crônica receberia o significado de “sem cura”. Essa noção de “doença sem cura” e a própria

noção de doença foram construídas historicamente e engendram as práticas de cuidado e saber sobre a loucura e as deficiências.

Existe uma compreensão da loucura e da cegueira que imobiliza o corpo de quem passa por esta experiência, tomando-os como desvio. O que faz com que exista uma cronificação de uma dimensão de cuidado.

Gostariamos de situar o nosso trabalho num plano muito singular por relação a este modo de pensar. O que move a nossa pesquisa é tomar a loucura e a deficiência como um processo, sempre situado, localizado em certos arranjos práticos que reúnem atores heterogêneos na vida cotidiana. Interessa-nos seguir, no cotidiano, as táticas, as articulações de se viver sem ver e de viver a loucura, sem tomá-las como dadas, definidas de uma vez por todas em um lugar.

Como pensar uma outra maneira de praticar o cuidado que não seja pelo controle, pela tutela, pela normalização e pela individualização? “Queremos cortar, quebrar esses saberes já consolidados que nos fazem reproduzir uma mesma prática (ainda que com outras máscaras)”(idem,ibidem,p.25).

No livro *The Logic of Care*, Mol (2008) faz um deslocamento em suas investigações, considerando agora as diferentes práticas que produzem objetos. Ela se dedica a investigar as práticas de cuidado relacionadas ao tratamento da diabetes em um Hospital holandês. A filósofa se interessa em conhecer como pacientes, médicos, enfermeiros, tratamentos, substâncias químicas, tecnologias e tantos outros atores se articulam. Ela acompanhou os modos pelos quais esta doença vai sendo feita e ordenada, como se articula produzindo arranjos múltiplos e heterogêneos e as consequências dessas articulações para o cotidiano dos pacientes no tratamento de, e na vida com, diabetes.

Mol compara duas formas de lidar com a doença, um tratamento que se funda na lógica da escolha e outro que se funda na lógica do cuidado. A lógica da escolha traz o problema para o indivíduo, toma o sujeito num sentido individualizante e autônomo (no sentido de independente e sem articulações). A partir do seu posicionamento político de se engajar nas práticas, ela se deixa surpreender por elas e se aproxima das articulações que muitas vezes são tomadas como sem importância. E é na ação de se aproximar para conhecer, que outra lógica pode ser construída. A lógica do cuidado nos direciona para

onde, e o que é feito no cotidiano, para o que se articula e o que não se articula. O cuidado, assim, pode ser tomado como uma ação coletiva, porque mais distribuída e articulada. Pensar a partir desta lógica é fazer diferenciações e especificações. A prática do cuidado exige um manejo dessas conexões, sempre locais e heterogêneas.

É somente acompanhando as práticas que podemos ver as conexões entre os elementos que participam da cena. “A questão que interessa ao pesquisador passa a ser a de investigar as conexões, sempre parciais e locais, entre tais realidades e objetos: eles ora se coordenam, ora se chocam, ora um se sobrepõem um ao outro” (Moraes&Arendt, 2013b).

É interessante acompanhar como a autora nos convida para ler o seu livro. Através do seu estilo de escrita, ela provoca o(a) leitor(a) a ler de um modo situado e encarnado e conta histórias nos convidando a nos colocarmos no lugar do paciente, mesmo que não tenhamos diabetes ou qualquer outra doença. É um convite para nos dispormos a nos envolver nas situações que ela conta e acompanhar as articulações que vão se tecendo, pois...

Bons estudos de caso inspiram a teoria, moldam ideias e alteram conceitos. Eles não levam a conclusões que sejam universalmente válidas, mas eles também não reivindicam isto. Ao contrário, as lições aprendidas são bastante específicas. Se mergulharmos suficientemente num caso, poderemos obter o sentido do que seria aceitável, desejável ou solicitado num cenário particular. Isto não significa que seja possível predizer o que ocorre em outro lugar ou em novas situações. Lidar com o diferente sempre requer trabalho, e a lógica não funciona. Eles não são atores, mas padrões. Logo, a lógica do cuidado aqui articulada apenas se ajusta ao caso estudado. Não se aplica em qualquer lugar. Isto não quer dizer que sua relevância seja local. Um estudo de caso é de maior interesse quando se torna parte de uma trajetória. Ele oferece pontos de contraste, comparação ou referência para outros locais e situações. Ele não nos diz o que esperar – ou fazer – em qualquer outro lugar, mas sugere questões pertinentes. Estudos de caso aumentam nossa sensibilidade. É a especificidade de um caso meticulosamente estudado que nos permite desenredar o que permanece o mesmo e o que muda de uma situação à outra. (Mol, 2008, p. 11, tradução nossa)

O que nos interessa não é a busca por conclusões universalizantes, mas seguir as variações do viver, as suas modulações. Este modo de investigar não é neutro e por isso retomamos uma pergunta que mantemos sempre por perto: onde queremos interferir?

Queremos interferir no que Mol (2008) chama de normalidade não-marcada³⁵. Normalidade não-marcada é uma concepção de normal que apaga as suas condições de produção, que apaga os elementos pelos quais ela foi tecida. Para ficar mais claro, um exemplo: o normal poderia ser caminhar de certa maneira com passos largos e firmes, mas uma pessoa com deficiência visual que anda com passos curtos, tateando o caminho é considerada anormal. Mas perguntamos: Este é o caminhar de quem? Onde isso foi tecido? Com que elementos? O que ele abarca? A normalidade não-marcada exclui, marginaliza e discrimina.

A normalidade não-marcada está atrelada a uma certa concepção de sujeito – um sujeito desencarnado, sem corpo, autônomo, ponto de partida central de todas as suas ações. Isso se faz notar, por exemplo, em muitas práticas de reabilitação que visam produzir sujeitos autônomos, autossuficientes, independentes. A normalidade não-marcada, salienta Mol (2008), faz desaparecer as conexões, os vínculos que nos fazem fazer coisas, que nos fazem agir. (Moraes, 2011, p.176)

Uma vez desarticulado, o que existem são as concepções universais do que é normal e do que não é. Universal porque está desarticulado e desengajado das suas condições locais de produção. Para interferir nestas categorias não-marcadas, é preciso estar em algum lugar.

A tarefa de viver a vida é complexa e Mol utiliza a palavra “crônica” para indicar este exercício e esforço cotidiano para manter as conexões e articulações que compõem a vida. “Na lógica da escolha, ‘doença’ é uma estranha exceção, não tem nada

³⁵ A concepção de normalidade não-marcada é analisada por Haraway (1995). Vai de encontro com a convocação política de Haraway quando ela defende um conhecimento situado, localizado, e portanto, marcado.

a ver ‘conosco’, enquanto a lógica do cuidado parte da corporeidade e fragilidade da vida” (Mol, 2008, p. 13, tradução nossa).

A prática de viver a vida é marcada por muitos elementos aos quais nos articulamos: a alimentação, os estudos, a família, o amor, as amizades, as doenças, a bengala, os tratamentos, o andar, o falar, o se cuidar. Ou seja, viver a vida é tecer dia após dia essas articulações. É neste sentido que tomamos a doença como parte da vida, como parte do exercício do viver que “se associa ao corpo que fazemos no dia-a-dia”(Moraes&Arendt, 2013b,p.319).

Tomando a vida como crônica, tal como Mol pontua, podemos interferir na concepção de que há uma normalidade não-marcada através do que Canguilhem nos propõe com o conceito de normatividade. Para Canguilhem, “a vida é experiência, quer dizer, improvisação, utilização de ocorrências. Ela é tentativa em todos os sentidos. Disso decorre o fato, a um só tempo maciço e com muita frequência desconhecido, segundo o qual a vida tolera monstruosidades” (Canguilhem,1965, p.127).

O princípio que ordena a vida é o da normatividade. Daí que a vida é variação, capacidade de diferir frente às exigências do meio. Para Canguilhem, é perturbadora a ideia de que a vida se afaste dessa dimensão de experimentação, de reinvenção das suas próprias normas. Seria imprudente dizer que a vida é sempre idêntica a si mesma. Canguilhem vai dizer que não se pode “saber”, mas apenas “sentir” o que é saúde.

“A ciência esforça-se em medir e quantificar modos de funcionamento do organismo, sendo que aqueles mais frequentes ou mais próximos da média são considerados normais” (Ramminger,2008,p.80). No entanto, não é a medicina que vai medir com o uso de estatísticas o que é o normal, e sim a vida em si mesma, em sua capacidade de instituir novas normas, de ser normativa, ancorada sempre em uma experiência singular, sempre local, situada entre um vivo e o meio em que ele está.

O conceito de normatividade vai ao encontro da definição de corpo que fazemos, um corpo povoado de conexões locais, parciais e heterogêneas. Interferir em uma concepção de normalidade não-marcada, é tomar o corpo em sua variação e sua capacidade de agir. O que nos exige um esforço cotidiano de manejar com estas conexões. O que implica pensarmos em práticas de cuidado que promovam mais e mais articulações, que o cuidado seja mais distribuído.

As histórias que contamos aqui carregam mundos e são performativas. Trazem consigo uma estreita fronteira entre cuidado e escolha. Escrevê-las aqui é uma maneira mais polifônica de fazer aparecer como elas vão se compondo. Faz aparecer as conexões, os elementos que se ligam para compor novos modos de viver.

ARTICULAÇÃO: CONEXÕES

Estamos agora em uma escola particular do Rio de Janeiro. O que faço aqui? Acompanho duas meninas, uma de 14 e outra de 13 anos: Ofélia e Clarice. Acompanhar aqui recebe o nome de mediação escolar³⁶. O dia a dia com elas me faz lembrar o tempo em que eu ocupava essas carteiras. Hoje não sento longe, me sento ao lado delas e dos outros colegas em sala de aula.

Ofélia, com o passar dos anos juntas (já contamos juntas 3 anos) se tornou uma grande parceira. Me lembra os nomes das pessoas quando me esqueço, me mostrou toda a escola quando cheguei, é com ela que eu passava o recreio gravando entrevistas em seu celular sobre qual é a nossa comida favorita, que animais tem em seu sítio, etc, e era ela quem pedia meu casaco emprestado quando o ar condicionado estava muito gelado.

Fomos notando que Ofélia podia experimentar uma outra relação com a sala de aula, os colegas, a escola, e com suas mediadoras. Se não éramos mais suas mediadoras, o que seríamos? Ela me coloca essa questão e eu devolvo pra ela. “Agora você é só minha amiga”, ela diz.

Clarice é uma menina contadora de histórias, é cega e não gostava muito da sua bengala, que por vezes era esquecida no canto da sala. Com Clarice pude criar também uma relação de partilha.

Em um dia como qualquer outro na escola, comecei a reparar em uma coisa que antes não havia chamado a atenção. Ir ao banheiro parece uma ação comum no nosso dia a dia. Sentimos vontade e vamos. Foi a partir das minhas idas ao banheiro que percebi que Clarice não ia. Perguntei para ela e ela respondeu que não vai, perguntei por que e ela diz que não sente vontade de fazer xixi. Achei isso curioso, Clarice bebe água durante as aulas, no lanche servem suco e para onde vai esse líquido todo?

Ao terminar a aula de matemática, Clarice perguntou se podia beber água, eu disse para ela mesma pedir para o professor. Permitida a sua ida ao bebedouro, ela continuou parada. Perguntei se ela sabia o caminho e ela riu. Um riso que enchia o peito e deixava o rosto vermelho.

³⁶ Agradeço Luciana Franco pelo convite para fazer parte desta história. Mais do que mais um espaço de trabalho, este espaço foi a experimentação de manejo, partilha, alegrias, tensões. Agradeço também as meninas Ofélia e Clarice e suas famílias pela confiança e parceria nesses anos juntas.

Falei então para ela ir tocando a parede do quadro até a porta. Fui acompanhando este percurso. Quando chegamos à porta, falei para ela que a direita estaria um armário e logo depois o bebedouro, e a esquerda da porta da sala de aula estaria o banheiro feminino e logo depois o banheiro masculino.

Ela seguiu a parede da direita, passou pelo armário e chegou ao bebedouro. Enquanto ela bebia a água, lembrei-me do xixi e chamei-a para entrar no banheiro.

Dentro do banheiro, pedi que ela fechasse a porta. Ela diz que nunca consegue fechar a tranca da porta. Experimenta girar até o final e a porta fecha. Digo para seguir para a direita. O que encontra? A caixa de papel toalha na parede, depois o espelho, embaixo dele a pia e na parede ao lado, o sabão. O percurso todo foi feito tocando em cada objeto, sempre fazendo relação com a porta, um ponto de referência fixo.

Voltamos para a porta, e a esquerda tem o que? Ela foi tocando e viu onde estava o papel higiênico, o vaso sanitário, a descarga e a lixeira.

Com o vaso com a tampa fechada, pedi que ela se sentasse e fingisse que tinha usado o banheiro e fizesse o percurso lá dentro. Ao terminar ficamos uma de frente para a outra e perguntei como tinha sido para ela.

Ela riu, mas agora de um jeito diferente e falou: “eu acho que fiquei com vontade de usar o banheiro, você pode dar uma licencinha?”(Diário de Campo na escola, ano 2013)

PROPOSIÇÃO: INTERAGÊNCIA

Partindo dos estudos com pavão, carrapatos e outros bichos, Despret (2013) vai desenhando uma bela paisagem para pensar o que nos faz agir, o que faz de nós sujeitos e agentes.

Em anos recentes, alguns estudiosos que trabalham no campo dos estudos com animais reorientaram suas pesquisas, tentando levar em consideração o ‘ponto de vista’ dos animais. (...) Levou-os a fazer perguntas que são importantes para os animais. (...) A tentativa de levar em conta o ponto de vista dos animais coincidiu com uma agenda política: a de creditar animais com interesses, vontades, preferências e intenções que devem ser considerados. Em outras palavras, a adoção de perspectivas de um determinado animal deve levar o mesmo a ser creditado com ‘agência’.
(Despret, 2013, nossa tradução)

Um pavão que abre sua cauda para um porco intriga quem observa a ação. O que estaria acontecendo ali? Esta é uma história que Darwin conta sobre um pavão que

vagueia pelo caminho da sedução. Abrir a cauda seria um desses momentos, já que para a seleção natural de nada adiantaria seduzir um porco. As hipóteses são duas: o pavão vive fixado em mostrar sua beleza ou é um comportamento que recebeu um estímulo impróprio. Na primeira, o pavão atua, faz a ação, na segunda, ele é posto a atuar. Ser agente, neste contexto, está atrelado a uma compreensão de racionalidade e intencionalidade.

O porco, nesta história, fica esquecido. “Por que não se deve levar em conta o fato de que o porco, um ser notoriamente curioso e sensível, talvez tenha respondido ao primeiro, olhado para ele, e ter sido afetado de tal maneira que afete o pavão em troca?”(Despret, 2013) Por que não pensar que esses dois animais estão experimentando um “tornar-se com” (becoming together)? O que se desmonta aí, mais uma vez, é o mundo binário, o mundo que coloca a agência de um só lado: um age, o outro é passivo ou é "agido".

A capacidade de agir é distribuída por uma série de elementos. A capacidade de agir do pavão não pode estar relacionada única e exclusivamente a um estímulo disparador, como supõe uma versão clássica da etologia. É uma maneira de sair dessa concepção de que a capacidade de agir depende de um indivíduo isolado.

Se a capacidade de agir nunca está localizada em um só indivíduo, como podemos pensar agência? Essa capacidade de agir é distribuída de tal maneira que é também recíproca. O pavão e o porco precisam ser entendidos primeiro pela conexão, pelo o que os liga, e não o que cada um é capaz de fazer isoladamente.

Pensando a agência como agenciamento, sempre relacional, Despret (2013) nos faz pensar em uma ecologia de narrativas que amplifiquem o conhecimento das práticas cotidianas. Vemos, nas relações, processos de transformações que são recíprocos, possibilidades de transformação no encontro com o outro.

Estou ao lado de Clarice. Na sala de aula, o professor escreve no quadro e, enquanto todos já escrevem em seus cadernos, ela fica parada em frente ao seu computador. Aproximo-me de seu corpo e digo para ela o que está escrito no quadro. Quando um professor escreve alguma questão, um desafio para a turma, todos respondem antes mesmo de eu terminar de falar para ela qual era a questão. Para não ficar de fora, ela repete em coro com a turma a resposta, alguns segundos atrasada. Ela não quer ser a única a não responder.

A professora entrega uma ficha com exercícios, a ficha está em papel e tinta. Passando a mão sobre ele é como se estivesse em branco. Colocar no

computador? Tem que pedir para a moça da informática. O interfone liga uma sala à outra. Pedido feito, mas cadê? A turma toda já está fazendo. Proponho que eu leia a ficha, ela faz uma cara de receio dizendo que vai atrapalhar a turma, e eu digo que consigo ler num tom de voz que não vai atrapalhar. “É sempre assim, sempre fico por último!” – Clarice reclama.

Vou à coordenação e falo sobre isso. Ela estuda nesta escola desde muito pequena e onde estão os computadores com programa de voz? Tem alguma coisa em Braille? E as fichas? É importante que estejam na rede para que ela faça os deveres. A moça da informática reclama, diz que não consegue se lembrar porque tem muito trabalho, seria preciso avisá-la todos os dias e faz cara feia. Aproveito para pedir a ficha digitalizada. Vai ser colocada na rede, fica a promessa.

Subo as escadas e já na sala, cadê a ficha? Mais uma vez é preciso usar o interfone. (Diário de Campo na escola, ano 2013)

Seguindo a prática de acompanhamento, vemos que relações são tecidas no cotidiano de Clarice. É importante que a escola se interesse por sua singularidade, ela não enxerga, então que outros elementos ela pode se articular? E como a escola pode se articular a ela? Dito de outro modo, como responder à diferença?

Começamos a pedir que os professores lessem o que escrevem no quadro para que ela pudesse estar junto da turma. Tatear o banheiro criou a possibilidade de Clarice se articular com os objetos que estão ali, cria a possibilidade de alargar seu espaço, seu mundo. Um mundo mais largo. Disponibilizar outros materiais como argila, massinha de modelar e a descrição das imagens na aula de artes, também. O mundo se torna mais acessível, porque mais articulável. Quanto mais elementos Clarice puder se articular, mais ela poderá conhecer. Sem essas articulações sensíveis à diferença, acontece uma redução e empobrecimento das relações com o mundo.

O corpo só se constitui com alteridade, com conexões heterogêneas. Despret conclui que autonomia só pode ser pensada como interagência, ação distribuída por muitos outros. Autonomia não existe senão como conexão, quanto mais conectada mais autônoma Clarice será. E nos convoca a narrar outras histórias, histórias de interagências, porque afinal de contas, nós pesquisadores, somos também seres relacionais, interdependentes. Pois que narremos histórias das interagências que estabelecemos com os nossos outros: disso que nos afeta e nos faz afetar os outros com quem pesquisamos e acompanhamos.

Somos tecidos por alteridades. Precisamos cuidar das singularidades que tais interdependências assumem nas vidas de cada um. Como pensar a diferença disso que nos faz humanos? Como não cair em um apaziguamento? Isso nos faz retomar a estranheza de Canguilhem (2012) diante do mecanicismo que se impôs no mundo ocidental. Como foi que nós, seres vivos, marcados que somos pela normatividade, pela errância, pela variação, pela diferença, chegamos a conceber o mundo, e a nós inclusive, como autômatos? O que fizemos da diferença?

ARTICULAÇÃO: COMPOR MUNDOS

A Oficina começa com Vandré se interessando pelo aparelho auditivo do Sr. Benedito. Aquilo toma um tempo, Vandré pergunta se ele não vai colocar o aparelho, ele hesita. Vandré aponta que é importante ouvir o que se passa na Oficina, e pega as caixas do aparelho, mexe, testa, vira um botãozinho, coloca na orelha, tira, coloca de novo. Depois, recomeça tudo do outro lado, no outro ouvido, testa, ajusta, fecha as caixas, guarda tudo na bolsa.

“Agora tô ouvindo, eu tô ouvindo sim!!” diz Sr. Benedito, seguido pelo largo sorriso do Vandré, que Sr. Benedito não vê, mas sente, partilha, ri junto. Fizeram ali alguma coisa juntos, um laço, um vínculo. Sr. Benedito, Vandré, o aparelho auditivo...

E eu fiquei também suspensa naquela movimentação do aparelho. Pensei: “de onde será que Vandré tirou este conhecimento todo sobre aparelhos auditivos??” Será que eu faria isso também, entrevistaria com Sr. Benedito para que ele colocasse o aparelho? Vandré não me parece mover-se por aquela inquietação que já esteve presente em nossa Oficina: “além de cego, surdo!? E agora?” Não, parece-me que há ali um outro movimento, a busca de um encontro, o abrir e fechar das caixas do aparelho, o ajuste dos botões, as idas e vindas, tudo isso vai compondo um mundo a ser descoberto, feito, partilhado ali. Até o sorriso final!

Todos se deitam, concentrando a audição do lado de fora da sala. Sr. Benedito custa a escutar o que vem de fora da sala, mas acaba por escutar alguns sons, com muita agudeza até.

Sr. Benedito fica concentrado, pede que o aparelho seja ajustado. E lá vão os dois, ele e Vandré, mais o aparelho, os sons, naquele ajuste, idas e vindas, botão para lá – tá bom? Não, tá apitando. Ajuste daqui e dali. E agora? Tá bom? Ah, agora sim!! E eles sorriem! Sintonizaram um mundo ali. E o pedido agora é para voltar a audição para a sala, para dentro da sala. Vandré faz barulho com as mãos, Sr. Benedito escuta. Agora, Vandré respira intensamente, Sr. Benedito escuta.

Em seguida, Vandr  pede para a aten o voltar-se para o próprio corpo. Mãos na barriga. Sr. Benedito põe a mão na barriga, mas ainda está ouvindo o que vem de fora: Um avião. Ele parece desfrutar estes ruídos que vem de longe. Parece-me que, com o aparelho auditivo, Sr. Benedito vai chegando aos poucos na Oficina, vem vindo, junto com os sons. (Diário de Campo escrito por Marcia Moraes, 18/09/2009)

ARTICULA O: PING-PONG

No meio da mesa de ping-pong, havia uma placa de madeira. Ele jogava sozinho. Como   ambidestro, o ritmo do jogo torna-se muito rápido, bate com uma mão e rebate com a outra... Mas já não era mais o jogo com a placa de madeira, agora tem um jogador do outro lado. Não   mais o jogador solitário e ambidestro, mas há um outro jogador, que não sabe jogar com duas raquetes ao mesmo tempo.

Não   propriamente um jogo de ping-pong, trata-se mais de um vai e vem da bolinha, que cruza o ar. Não tem regras, não há competi o, busca por pontos ou vencedores. A bola vai e vem, ganha um ritmo, uma velocidade, que não   nem acelerada e nem lenta demais. Também se produz um som, que acompanha esse ritmo. Mas a bola também não precisa voar pelo ar, ela pode correr pela mesa ao encontro das raquetes, aí o ritmo se faz outro, o som também muda, mas o que não muda   o vai e vem que liga um jogador ao outro, no encontro das raquetes com a bola.

Esse movimento pode parecer totalmente sem propósito, afinal não se tem um objetivo estabelecido. Se o que está em jogo não   ganhar, então o que  ? De que se trata ficar ali, por horas buscando acertar aquela bolinha? Ele diz “bom, muito bom, você está acertando mais”, mas o que estou acertando? Quando   que acerto? Não há uma resposta para essa pergunta, pelo menos não uma que eu consiga entender, mas tenho a sensa o de que não   importante entender. (Diário escrito por Camila Andrade, 10/10/2010)

ARTICULAÇÃO: ACOLHER

Pablo havia saído de uma internação em um hospital clínico. Eu o encontrei em casa muito abatido. Quando me viu, pegou uma folha para desenhar e me chamou para ir até a mesa para fazer um desenho também.

Ao terminar se sentou no sofá e pediu para eu pegar a prancheta e sentar do seu lado. Percebo que ele descansa enquanto eu desenho. Ele foi me dizendo o que desenhar: “faz uma linha grossa, agora uma linha fina de marrom, agora outra linha um pouco menor que aquela...”

Percebo que ele está muito cansado. Ele diz que precisa me levar no ponto porque está ficando escuro, e se ficar escuro não poderá me levar. Digo que está tudo bem, ele não precisa se preocupar porque ainda estava cedo e que estávamos no horário de verão. Só escureceria mais tarde.

Ele se sentou novamente e ficamos conversando. Sinto todo o seu cansaço e falo para não se preocupar comigo. “Tenta descansar um pouco. Eu vou ficar aqui cuidando de você” – eu digo a ele.

Ele responde “não, eu não vou dormir não”. E seus olhos se fecham... fica naquela tentativa de manter-se acordado, mas não consegue. Dorme sentado no sofá.

Dormiu durante 30 minutos. Neste tempo, fui tomada por uma alegria enorme. Ele dormiu ali comigo! Fiquei lembrando de todos os momentos que passamos juntos. As horas de ping-pong, a sinuca, os passeios no campo de são bento, as idas à papelaria, a ida à praia. Que bom que ele estava podendo dormir!

Fico cuidando do seu sono, respirando junto com ele.

De repente, ele levanta a cabeça, como num pulo, e diz: Brincadeira, hein?!!!

Pergunto o que houve e ele responde “esses pensamentos não param...”

E novamente fala para eu ir embora porque ele tinha muita coisa para fazer. Teria que desenhar. E diz que me levaria até o ponto de ônibus, mas lhe digo que eu não iria para o ponto hoje. E ele fala: “Jô, é até onde eu posso ir”. Falei que tudo bem, fomos andando pela rua até o ponto. Ele se despediu de mim com um abraço. Esperei que ele virasse a rua, e voltei o caminho. Achei importante acolher até onde ele conseguia ir comigo. (Diário de Campo, 2013)

PROPOSIÇÃO: CUIDADO COM DISSENSO

Nada vem sem o seu mundo: pensando com cuidado é o título de um artigo de María Puig de la Bellacasa (2012). O título é uma citação a um pensamento de Haraway (1994) em que a autora afirma que nada vem sem o seu mundo, dito de outra maneira, não encontraremos indivíduos isolados. Precisamos reconhecer a interdependência essencial aos seres dependentes e vulneráveis³⁷ que somos.

Bellacasa(2012), junto com Haraway, coloca em cena em primeiro lugar o que há de relacional na vida, defende a ideia de que o cuidado é ontológico. Afirma que pensar e saber são processos essencialmente relacionais, sendo impossível pensá-los sem uma multidão de relações. Essas relações possibilitam criar, experimentar e inventar o *pensar com*.

Uma vez que o mundo se define pela relação, há um trabalho para as coisas se tornarem coesas (juntas). A esse trabalho chamamos de cuidado: um ato necessário para criar e sustentar a heterogeneidade da vida. Pensar com cuidado não é no sentido de individualizar, segregar ou separar, é um pensamento que lida com o que há de relacional. É um fazer contínuo e as conexões, o que faz juntar, carregam em si um caráter temporário.

É importante insistir que a produção de conhecimento baseada no cuidado, amor e envolvimento não é incompatível com o conflito; que o cuidado não deve ser reduzido a suavizar as diferenças, nem o amor ligado à ordem moral que justifica quaisquer fins (hooks, 2000). Uma visão não-idealizada de práticas baseadas em envolvimento com compromisso precisa de uma abordagem em vários níveis, não-inocente, dos significados do cuidado. A relacionalidade é tudo o que há, mas isto não significa um mundo sem conflito ou dissensão (BELLACASA, 2012, p. 204, tradução nossa)

O dissenso é o que instala a diferença em um coletivo e é, para nós, fundamental para a formação de mundos possíveis. “Um encontro produz um mundo, muda a cor das coisas, difrata mais do que reflete, distorce a imagem sagrada do mesmo”(Haraway, 1994, p.70).

³⁷ Vulnerável no sentido daquele que está aberto ao encontro com o outro, àquilo que vem do outro.

Como podemos construir um cuidado reconhecendo o dissenso? Devemos estar atentos ao funcionamento e consequências de nossas práticas. Criar conhecimento é uma prática relacional que traz efeitos, tem consequências. O que a nossa escrita produz? O que vemos no nosso cotidiano? Nosso cotidiano é povoado de histórias, devemos tornar as versões de mundo mais densas, deixar que as marcas apareçam no conhecimento.

Pensar com cuidado não é apagar as diferenças, mas incluí-las ali onde aparecem, levar as últimas consequências o caráter relacional do mundo. Prolongar o dissenso e fazer, com ele, outras relações. Nos preocupamos em *fazer com* a diferença, somos responsáveis por prolongar as interdependências, sem negá-las.

ENTRE:

Adormecer de modo a conhecer. Como se os sonhos fossem ciência para o olhar exacto de quem dorme.

Nem sempre a teoria vem da vontade. Por vezes vem do desligar da vontade. Esquecido da intenção, o homem conhece. Como alguém que cai.

Conhecer como se cai. Conhecer como se fica perante uma surpresa. Não investigar: ter a surpresa de conhecer.

Gonçalo M. Tavares³⁸

³⁸ No livro *Breves notas sobre as ligações*, 2010, p.11.

CAPÍTULO TRÊS: PROPOSIÇÕES DE MÉTODO E CONSIDERAÇÕES FINAIS TEMPORÁRIAS

ARTICULAÇÃO: E AGORA?

O que fazer com todas essas narrativas? Elas sempre vão acontecer, a gente sempre tem casos pra contar, mas como dar conta disso? (Escritos no caderno de anotação, sem data)

PROPOSIÇÃO: UMA POLÍTICA PARA O COTIDIANO

É no exercício de se tecer uma maneira de estar com outros que vemos que a metodologia desta pesquisa é também um modo de fazer política, de nos engajarmos num modo de compor o mundo.

A médica e filósofa holandesa Annemarie Mol, no Campo dos Estudos da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS), traz grandes contribuições para as pesquisas em Psicologia Social quando nos orienta a atentarmos para as práticas cotidianas das nossas investigações. Através de uma concepção de política que é ontológica, ela marca que as condições para as coisas existirem não estão dadas de antemão, pelo contrário, elas são feitas e refeitas através das diferentes práticas a que se articulam.

O termo ontologia se refere às condições de possibilidades com que vivemos. “A combinação dos termos ‘ontologia’ e ‘política’ sugere-nos que as condições de possibilidade não são dadas” (Mol, 1999), ou seja, as práticas fabricam realidades. O termo política permite que nos atentemos a esse modo ativo de fabricação.

A realidade é feita, é local e é múltipla, tem como referência a performance. Falar de realidade múltipla é levar em conta a intervenção e a performance. Deste modo, a realidade é feita e performada (enacted) no decorrer das práticas. Em vez de uma realidade única, temos diferentes versões de realidade que as práticas ajudam a

performar. É por isso que Mol nos indica uma guinada para as práticas. Nas palavras da autora,

Se práticas ganham o primeiro plano, não há mais um simples objeto passivo no meio, aguardando ser visto do ponto de vista de séries, aparentemente sem fim. Ao invés disto, objetos aparecem - e desaparecem nas práticas em que são manipulados; e como o objeto de manipulação tende a diferenciar-se entre uma prática e outra, a realidade multiplica. O corpo, o paciente, a doença, o doutor, os técnicos, a tecnologia: todos estes são mais de um, mais do que singulares. Isto levanta a questão de como eles estão relacionados, pois mesmo se os objetos diferem entre uma prática e outra, há relações entre estas práticas. Logo, longe de necessariamente cair em fragmentos, objetos múltiplos tendem a ser, de alguma forma, coerentes entre si. Ficar atento à multiplicidade da realidade abre a possibilidade de estudar esta realização notável (Mol, 2002, p. 5, tradução nossa).

A autora se debruça sobre as práticas relacionadas com a anemia. Há pelo menos três práticas que a performam de maneiras diferentes: a clínica, a estatística e a patofisiológica. Estas três maneiras de lidar com a anemia coexistem, levam em consideração números, sintomas, a fala do doente, a análise da quantidade de hemoglobina no sangue e tantos outros elementos, mas cada uma delas age de uma maneira, criando diferentes versões, diferentes realidades.

Se levarmos em conta essas diferentes realidades, precisaremos de uma política para esta multiplicidade ontológica. É importante perguntarmos onde, o que e como essas realidades foram fabricadas. Nos aproximando do nosso campo de investigação, perguntaríamos: Onde as concepções de cegueira e loucura como desvio e doença foram e são fabricadas? O que está em jogo nas práticas? Perguntar isso faz diferença para o modo como serão performadas.

Dizer que a realidade é múltipla significa que ela é feita e performada (enact), ou seja, o modo como vamos para a pesquisa ou para o AT, o que fazemos lá, produz alguma coisa. Se a realidade é múltipla, conhecê-la envolve “engajar-se, manejar e interferir nas práticas, ali, no ponto em que elas formam realidades” (Moraes&Arendt, 2010). Neste processo encontraremos versões e não verdades sobre as coisas.

No campo dos estudos de ciências, tecnologia e sociedade, a teoria ator-rede (TAR) teve grande importância, mas consideramos também a importância de um deslocamento do modo como pensamos a fabricação da realidade, como exposto acima a partir das contribuições de Mol. A TAR trata o mundo como uma rede de relações, dá ênfase em como as configurações poderiam levar a uma estabilidade. Enquanto para a TAR estava em jogo acompanhar como os objetos se estabilizavam, autores como Mol, Moser e Law abriam um novo campo de investigação, agora interessados em lidar com um processo mais precário, contínuo e nunca acabado de fazer existirem realidades. Este foi um deslocamento que aconteceu nos estudos CTS, o social passou a ser tomado como um modo de ordenar elementos díspares e heterogêneos, exigindo um trabalho a ser feito no cotidiano das práticas de pesquisa. “São necessárias novas estratégias metodológicas para lidar com o passageiro, o distribuído, o múltiplo, o não casual, o caótico, o complexo” (Law,2004 apud Moraes&Arendt, 2013b,p.316).

Assim, Mol nos faz algumas proposições: a) convoca uma guinada para as práticas, para um fazer do cotidiano das práticas de pesquisa; b) marca que as práticas são performativas, existe um caráter ativo nas práticas; c) as realidades são múltiplas; d) conhecer envolve se engajar e interferir nas práticas.

Se os pesquisadores fazem, criam as realidades que investigam, se são práticas dos atores que colocam o mundo em cena, torna-se possível interferir nesta criação e encenar outros mundos. A nova orientação é, assim, uma nova política de intervenção, uma política ontológica(..) Significa também dizer que o que conta como realidade envolve negociação e trabalho. Assim, o que ganha força é a possibilidade de intervenção, de interferir na composição dos mundos, fazendo proliferar versões onde se contém mais e mais atores, onde nem sempre o que se estabiliza é o que interessa. (Moraes&Arendt, 2013b,p.316)

A partir destas colocações, refazemos a pergunta: Onde, quando e em que práticas certa concepção de cegueira e loucura como desvio e doença existem? Se a cegueira e a loucura não são dados universais, em que práticas estão articuladas? Se a realidade é feita e performada, em que mundo queremos viver? O que conta no mundo que fabricamos com nossas investigações?

“Num mundo cuja ontologia é de geometria variável, as narrativas são modos de manejar, de lidar com a multiplicidade de materialidades e socialidades articuladas em um contexto” (Moraes&Arendt,2011,p.117). Apostamos na narrativa como um modo de interferir nas únicas histórias de cegueira e de loucura que desarticulam e invisibilizam os modos como as realidades são construídas. Através das narrativas, nos aproximamos das conexões locais, das articulações com as vidas das pessoas, e podemos, assim, acompanhar as pequenas histórias, sempre locais e parciais.

Através da narrativa, podemos colher questões e direcionamentos para a nossa prática de pesquisa. Questões que são despertadas pelos encontros com outros. E mais, permite que o mundo seja povoado com histórias heterogêneas. “A narratividade não somente é densa, mas ela está também à espera de densidade. Ela está aí para suscitar mais densidade” (Despret, 2011).

E se as pessoas soubessem dos desenhos que Pablo faz? E se soubessem que um dos participantes da Oficina, cego e com 86 anos, levou o neto pela primeira vez à escola? E se soubessem que na Oficina acompanhamos o momento em que Paolo perdeu a visão e ficou um tempo sem ir ao IBC e depois retornou para a Oficina? E se soubessem que o medo dele era não conseguir mais guiar seus colegas pelos corredores da Instituição? E se soubessem que na Oficina criamos juntos um ponto de referência fixo, a porta, de onde todos poderiam se localizar na sala? E se soubessem que sempre que Pablo e eu saímos à rua eu levo na bolsa um caderno e um lápis? E se soubessem que ele nada fez um peixe na praia? E se soubessem sobre o primeiro dia que Emilio foi para o IBC sozinho? E se soubessem que nesse dia a sua mãe o seguiu pelas ruas do Rio de Janeiro, pelos ônibus e metrô que pegava, para ter a certeza que seu filho estaria bem? E se soubessem que quando chegamos para fazer o AT com o Pablo ele nos ensinou a desenhar e a jogar ping-pong?

Como Despret (2011) diz: “a narrativa não é uma explicação, mas é algo que acompanha.” E quanto mais numerosas elas são, mais podem tecer articulações e multiplicar as versões. Por isso, nos referimos às proposições neste texto. Latour (2007) se aproxima de Stengers e utiliza o termo proposição para descrever aquilo que é articulado, pois denota uma posição e está aberta às negociações do cotidiano.

Proposições articuladas significam que quanto mais narrativas, quanto mais versões, mais diferenças existirão no mundo. A este mundo, Latour recorre ao termo multiverso. Nas palavras do autor,

“o multiverso designa o mundo liberto da sua prematura unificação. É tão real como o universo, mas, enquanto este só consegue registrar as qualidades primárias, o multiverso registra todas as articulações. (...) Significa antes que não desejamos uma unificação que seria conduzida sem os cuidados devidos. (idem, ibidem, p.16 e 17)

Se registrarmos o mundo por afirmações e não pelas suas diferenças, ele se tornará um único mundo, sem narrativas e desarticulado. “Apostamos com Law(1997) que existem outras possibilidades de narrar que não se resumem a uma narrativa totalizante, última e definitiva” (Moraes&Arendt, 2011,p. 118). A ação de narrar tem a força de proliferar as versões de mundo, registrando as diferenças e mediações a que nos tornamos sensíveis.

PROPOSIÇÃO: TESTEMUNHAR

Meu encontro com Analice Palombini se deu através da escrita. Certa vez, no ano de 2011, participei de um seminário promovido pelo CEAV/CDDH de Petrópolis (Centro de Atendimento a Vítimas da Violência do Centro de Defesa dos Direitos Humanos) com uma performance intitulada “Estilhaços e fragmentos da vida³⁹”.

Para criarmos esta performance, recebemos uma carta escrita pelo marido de Victória Grabois, assassinado no Araguaia, juntamente com o pai e o irmão dela. Teresa foi um dos nomes que ela precisou adotar na clandestinidade. Antes da carta chegar preparei meu corpo para ler sobre a tortura da ditadura, o pau de arara, as feridas, a tristeza, mas quando ela chegou, uma surpresa. Diferente do que pensei, ela era cheia de saudade, de vida. Ele não escreve sobre a tortura, sua escrita mostra a dor, uma dor da distância. Falava da saudade, do amor pela família, do filho pequeno e de uma

³⁹ Performance feita com o Grupo Entre-Laços.

promessa por um reencontro. Este reencontro não aconteceu. Até hoje os corpos não foram entregues à família, nem tampouco esclarecidas as circunstâncias das mortes.

São três páginas que fizeram silêncio em mim. A escrita foi uma maneira de estarem perto um do outro. Pensamos em criar gestos a partir do que se passou em nosso corpo. Eu escrevi:

"Sinto sua falta e te espero. Qualquer barulho acho que é você. Acho que vou ficar louca! Enquanto espero, costuro! Não costuro nada até você chegar. É como se viesse de dentro de mim. Você vem em tinta e papel. O mesmo corpo que esperou 9 meses pelo nosso filho, agora espera por você. Posso sentir, sinto sua falta. Continuo costurando. Tento encontrar uma maneira de trazê-lo para mais perto... Costuro você em mim." (texto escrito por mim para a performance)

Em cena, percorro o espaço carregando uma mala, lá dentro havia cartas, linha e agulha. O som da minha voz reproduzido em uma caixa de som ecoava pelas paredes de pedra e pelas pessoas que nos assistiam. Sentei e costurei a carta em mim.

Na volta para casa, um novo encontro, encontrei uma mãe que perdeu o filho pela violência do Estado, conversamos até nos despedirmos na estação do metrô. Narrei esse encontro e toda a intensidade daquele dia em um e-mail que Edu encaminhou e fez circular pela rede de e-mails do grupo Limiar.

Analice (aqui chamarei pelo primeiro nome) respondeu:

Jô,

A intensidade do teu relato provoca o corpo e os afectos em todo o canto em que chegue e nos anima a pensar que são possíveis os gestos e as palavras ali onde a violência parece ter secado as suas fontes.

Grata ao Edu por compartilhá-lo conosco, o que me leva a compartilhá-lo com outros também lançados ao desafio de uma clínica imersa na vida, que não recua diante do inenarrável das histórias que se apresentam.

bjs,

Analice (13 de maio de 2011)

Anos depois, mais precisamente em 2014, recebo uma carta de Analice, agora na ocasião da qualificação do mestrado. Nesta carta, Analice aponta para algo que não

tínhamos nos dado conta. Aquela versão do texto que ora apresentávamos para a qualificação provocava o Movimento de contar histórias.

As experiências que vivemos em torno do acompanhar nos fazem contar histórias. “Outras versões da história de corpos-frestas que se abrem ao encontro com um outro”(Palombini, 2014).

Pelas linhas que seguem, Analice conta histórias que dão testemunho a isso. O encontro das acompanhantes com pessoas que vivem sob uma única história escrita em laudos e pareceres. Em um processo judicial fizeram anexar um relatório de quatro páginas em que contava a experiência de AT com Amaro, trazendo a sua voz e de sua mãe ao texto, dando a ver uma outra percepção dos seus modos de vida. Uma fresta em meio a um processo judicial iniciado há dois anos.

Na mesma semana, acompanhou a reunião de uma rede de profissionais, da assistência social e da saúde, responsável pelo cuidado de uma família com quem Analice e sua equipe há três anos mantêm o trabalho de AT. A cada dois meses, as ats e as equipes envolvidas se encontram para construir uma direção comum de cuidado. “Compartilhando histórias, fazem-se testemunhas da capacidade da família de acolher as crises alucinatórias do pai, ajudando-lhe na travessia das crises, sem recurso aos serviços pelo receio de uma intervenção, a internação, que a família não deseja.” Essas histórias contadas em cada encontro fazem com que o cuidado não caia numa rede de captura. O que aparece aí são histórias de amorosidades e cuidado que compartilham entre si.

Trabalho lento, delicado e paciente, de muitas costuras e bordados, mantido de forma constante há mais de dois anos, mas que se enfrenta, constantemente, com uma história infame e contada por outros, cujos corpos não se abrem em frestas para o encontro com esta família.(idem)

Por que trago aqui esses encontros? Histórias sobre a ditadura, sobre famílias, sobre vidas, sobre o comum. Porque o acompanhar se aproxima de um outro verbo: o testemunhar.

Isto nos engaja àquilo que Gagnebin (2006) retoma no sonho de Primo Levi, um químico italiano levado aos campos nazistas na II Guerra Mundial, no qual ele está contando os horrores vividos no campo de extermínio e o público se retira, vai embora, ninguém fica para ouvir.

No sonho de Primo Levi (...) para desespero do sonhador, [os ouvintes] vão embora, não querem saber, não querem permitir que essa história, ofegante e sempre ameaçada por sua própria impossibilidade, os alcance, ameace também sua linguagem ainda tranquila; mas somente assim poderia essa história ser retomada e transmitida em palavras diferentes. Nesse sentido, uma ampliação do conceito de testemunha se torna necessária; testemunha não seria somente aquele que viu com seus próprios olhos (...) a testemunha direta. Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente. (GAGNEBIN, 2006, p. 57)

No percurso desses anos nos damos conta de que "não ir embora" é necessário. Nas narrativas que escrevemos, nos documentos como o processo judicial, nas cartas, nas reuniões entre as equipes, de algum modo, estas palavras do outro precisam aparecer, conectar-se com as muitas outras versões de história que apostam nas reinvenções da vida. Porque deixar de fora suas palavras dos textos que escrevemos é deixar de fora o fato de que a reinvenção da vida se faz nos laços, nos vínculos que cada um constrói articulando outras pessoas, conquistas, perdas, a casa, a rua, as memórias.

“No caminho, perde-se a grande história. Este é o custo: não temos mais a visão geral. Mas, ao mesmo tempo, criamos algo que não existia antes: interferências entre as histórias [...], cultivar várias histórias uma ao lado da outra é alterar o caráter do saber e do fazer. É tornar o saber e o fazer complexo e múltiplo” (Law, 1997, p.3).

Os acompanhantes se tornam narradores sucateiros (Gagnebin, 2006), não deixam de pegar essas palavras, levá-las adiante para com elas refazer o presente, e também com elas multiplicar as histórias.

PROPOSIÇÃO: CIÊNCIA NO FEMININO

Faço parte de um grupo de mulheres⁴⁰ que se interessa pelo fazer - fazer ciência. Todas as quartas-feiras pela manhã nós nos encontramos em uma sala do bloco O da

⁴⁰ Grupo PesquisarCom, parte integrante da pós graduação em Psicologia. Dele fazem parte mestrandos, doutorandos e pós-doutorandos. E eu os nomeio: Marcia Moraes, Cristiane Bremenkamp, Marília Gurgel,

UFF. Nesses encontros, discutimos textos que combinamos de ler, compartilhamos questões das nossas pesquisas, inquietações, alegrias. Nossos temas são os mais diversos: saúde, educação, dança, corpo, cuidado, assistência, clínica, cidade, movimentos sociais, praças, o brincar, mediação escolar, mediação em museus... Há um comum entre nós: nos interessamos pelo método.

Vivemos a metodologia da pesquisa como questão que corta a carne, como bem expressa nossa orientadora Marcia Moraes. Tomamos o método como um modo de fazer política. Nossos encontros são ocasiões para pensar modos de estar com outros, com uma certa maneira de compor o mundo em que vivemos e de articular o "nós".

Em um desses encontros, Marcia propôs que lêssemos o texto *A Ciência no Feminino*, de Isabelle Stengers (1989). Stengers nos apresenta Barbara McClintock, mulher, cientista, singular, e a intervenção que provoca nas ciências com o seu modo de produzir conhecimento.

McClintock faz pesquisa com células de milho no campo da embriologia. Stengers (1989) aponta que seu modo de fazer pesquisa é com o milho e não sobre o milho. Num mundo em que fazer ciência era colocado como uma atividade masculina, em que pouco espaço e pouco reconhecimento era dado às mulheres, McClintock tentava ultrapassar a questão de gênero, e queria ser reconhecida pelo seu valor como cientista.

Para nós e para Stengers, a questão de gênero não pode ser deixada de lado. Não se trata de uma ciência feminina, não é apenas um adjetivo, mas como fazer ciência no feminino? Como queremos construir esta ciência? McClintock nos dá pistas valiosas a serem seguidas.

A cientista não toma o milho como um objeto destinado a responder as questões que a pesquisa coloca, ao contrário, é o milho quem coloca o problema. “Deixar falar o material” é a primeira pista. O material, no caso os grãos de milho, aparecem em sua

Luiza Teles, Josselem Conti, Luciana Franco, Carolina Manso, Amanda Muniz, Raquel Siqueira, Cristiane Moreira, Talita Tibola, Maria Rita Campello Rodrigues, Maria de Fátima Queiroz, Eleonora Prestrelo, Marília Silveira, Elis Teles, Alessandra Rotemberg, Nira Kauffman, Gabrielle Chaves, Camila Alves, Alexandra Justino, Maria Aparecida dos Santos, Cristiane Knijnik.

singularidade. O aprendizado das boas questões vem de aprender a escutar estas singularidades.

O milho estudado por McClintock é o produto de histórias emaranhadas, a história de sua reprodução, a de seu desenvolvimento, a de seu impulso no campo onde se depara com o sol, o frio, os insetos predadores, etc... Os cientistas têm, a propósito do milho, não que acumular observações neutras, mas que aprender dele que questões indagar-lhe, pois o milho é, como todo ser histórico, um ser singular. (Stengers, 1989,p.429)

McClintock compreende o milho em sua diferença. Cada grão deve ser compreendido em sua singularidade, e não como representante “do” milho. Só a partir daí que poderemos definir “princípios de narração” (segunda pista), permitindo contar histórias também singulares dos grãos de milho.

Por ano, eram possíveis duas colheitas de milho, mas para McClintock bastava apenas uma. “Eram tantos indícios a recolher, tantos fatores a serem relacionados...” E seus artigos eram densos, com um estilo diferente daquele modelo com o qual estavam acostumados: hipóteses, testagem, resultados. Sua escrita é recheada de detalhes, uma criação lenta e sutil, narração que passa pelas exigências do milho.

Barbara McClintock,(...) conhecia o milho como se conhece uma pessoa no mundo, e este conhecimento, em vez de abrir o milho a um saber anônimo, de torná-lo acessível a pesquisadores que, idealmente, poderiam ser considerados como intercambiáveis, acentuou sua singularidade: para compreender o fio do raciocínio de McClintock era preciso aceitar o esforço de se interessar pelo milho, de imergir na multidão de problemas que coloca o menor de seus grãos.(Stengers,1989)

O princípio de narração que McClintock nos engaja a pensar é um fio de narrativa que o pesquisador pode puxar. Na verdade, um fio que puxa do objeto e do pesquisador também. McClintock e tantas outras mulheres singulares (Marcia Moraes, Vinciane Despret, Analice Palombini, Maria Puig de la Bellacasa, Donna Haraway, Talita Tibola, Jeanne Favret-Saada, Luciana Franco, Marília Silveira, Silvana Mendes, Carolina Manso, Fátima Queiroz, e muitas outras) fazem ciência no singular. Ampliam as práticas na relação com o outro.

A ciência no feminino não é necessariamente feita por mulheres (mas aqui marcamos a importância dos estudos feitos por muitas mulheres), é uma ciência sensível que se surpreende e se interessa pelas boas questões que aprendemos no encontro com o outro. No português, a voz do neutro é masculina, uma neutralidade que supõe uma universalidade. A ciência feita no singular, marcada pelo feminino é construída⁴¹, e a sensibilidade faz parte deste método (terceira pista).

O método que experimentamos em nossas pesquisas é o *pesquisarCom* (Moraes, 2010) e é para nós um modo de fazer ciência no feminino, pois leva em conta:

Está com outros, interessar-se pelo que interessa ao outro, abrir mão das classificações, dos saberes antecipados tanto sobre o que é e deve ser o lugar do pesquisador quanto por relação ao que é e deve ser o lugar do pesquisado. Aí também o que está em cena é a definição de fronteiras. Porque é justamente nos momentos em que os nossos quadros de referência claudicam que podemos nos reinventar, nós, pesquisadores, e eles, pesquisados. É nas hesitações que nos transformamos. Há um gaguejar que é parte inextricável da relação de pesquisa. (Moraes, 2014, p.134)

O *pesquisarCom* se lança no desafio de desfazer e refazer certas fronteiras, se engaja numa aposta de construção de um mundo comum e heterogêneo. A maneira como narramos as nossas pesquisas performam realidades distintas. Povoamos o mundo com mais histórias. É, para nós, uma forma de interferir e colocar a questão: O que conta e o que não conta no mundo que fazemos existir com nossas pesquisas? Com-*por* com outros é um desafio. Narrar é uma aposta que fazemos.

Todas as quartas-feiras pela manhã, nós nos reunimos para *faire historie*. Esta é uma expressão de Despret e Stengers (2011) e é também o título do livro *As fazedoras de histórias*. Em francês “fazer história” tem sentido ambíguo: construir histórias, criar histórias; e outro sentido de “criar caso”, “criar problema”. Carregamos bem perto de nós essa ambiguidade: Criar problema é fazer história.

Criamos um problema: O que fazemos existir com as histórias que contamos?

⁴¹ Esta ideia foi disparada por Marília Silveira e é, por nós, defendida a cada encontro e estamos escrevendo um artigo para contar sobre a nossa versão do feminino na ciência. Este artigo é uma composição do grupo *PesquisarCom*.

PROPOSIÇÃO: RASTROS

A gente encerra uma ligação dizendo tchau, até logo, mas como se encerra uma ligação feita em um acompanhamento?

Falando do lado de cá, do lado de quem acompanha, sinto que esta ligação insiste em ficar. Foram tantos os acompanhamentos, histórias que não me preocupo de esquecer. Em algum lugar aqui dentro, elas estão registradas. Me impressiono a cada fio de memória que é puxado ao longo dos dias.

Encerrar não é apagar, nada apaga o que vivemos juntos. Sou outra a cada encontro e múltipla pelos vários encontros.

Às vezes vem o pensamento “E se eu tivesse feito assim? Ou de outro jeito... E se? E se...? Não dá para saber e não dá para transformar o laço em nó só para permanecer.

Laço tem disso, como diria Mario Quintana, aperta, afrouxa, solta...

Nos acompanhamentos criamos laços. Falo do lado de cá, de quem acompanha e é acompanhada, porque não dá para fazer um sem viver o outro. (Escritos no caderno de anotação, 20/02/2015)

Dentro do ônibus, a caminho de casa, insisto em encostar a caneta no papel para tentar guardar um pensamento ou para fazer o pensamento pensar. Uma senhora do meu lado, também sentindo o ônibus sacolejar, comenta comigo que seria difícil escrever com aquele ônibus balançando tanto. Nos olhamos e ela perguntou o que eu tanto tentava escrever. Respondi que estava escrevendo a minha dissertação de mestrado, na verdade, eram algumas ideias do que escrever, de como escrever. Ela fez mais algumas perguntas e antes de se levantar para descer em seu ponto, fez o seguinte comentário: “Deve ser muito importante o que você está pensando para querer escrever tanto. Boa sorte!” E justo naquele momento eu pensava em uma pergunta que a Marcia me havia feito. “Onde você quer interferir?”

Esta pergunta me acompanhou durante esses dois anos de mestrado, não a deixei um segundo longe de mim. “Quero interferir nas únicas histórias” – eu respondia. Interferir numa concepção de mundo empobrecido em que não aparecem as conexões que o compõem. As narrativas que tecemos ao longo dessas páginas são modos de interferir aí, de deixar visível as marcas que nos fazem.

Das muitas versões que este texto tomou forma, a cada vez que era lido uma mudança acontecia, uma diferença se fazia presente, uma nova história passava a fazer parte. Como disse a algumas páginas atrás, entrar em contato com essas histórias escritas nos diários de campo, fizeram com que mais histórias surgissem e eu precisei escrevê-las. Tenho a sensação de que este movimento não vai parar nunca, porque cada vez que contamos uma história temos a chance de trazê-la a vida, de reinventá-la, de fazer uma nova composição.

Chegado o momento de conclusão desta escrita, Marcia me deu outra pergunta para me acompanhar: O que você, afinal, aprendeu com este percurso?

Aprendi que contar histórias das vidas marcadas pela cegueira e pela loucura – contar muitas histórias – é uma das formas que o fazerCOM pode assumir. O COM que aparece nas frestas deste texto é um compromisso político e epistemológico que assumimos com os outros que acompanhamos. Compromisso que temos com a luta para colocar em xeque as versões hegemônicas e não marcadas do viver. As múltiplas histórias que contamos e todas as que não entraram nessas páginas povoam o mundo com outras sensorialidades e com narrativas de resistências contra as únicas histórias.

Aprendi que narramos sempre a partir de algum lugar, com certos elementos e não com outros. Operando pelo vínculo, pelo laço, pela conexão e é importante deixar isso aparecer nos textos que escrevemos.

Aprendi com Arlequim, com Aquele-que-só-diz-obrigado, com Maria Flor, com o grupo Entre-Laços, com a equipe Perceber sem ver, com o BoaCia, com Riobaldo, com Pablo, com Madalena, com Rita, com Candeia, com Alexandre, com Ofélia, com Clarice, com Sunaura, com Butler, com Vandrê, com Sr. Benedito, com a Silvana, com a Analice, com a Marcia, com o grupo PesquisarCom, com os textos que lemos, com as conversas, com os emails trocados, com as inquietações acolhidas, etc, - que acompanhar é um verbo, conjugado a partir dos diferentes tempos e pessoas.

A tomada de posição por histórias únicas em detrimento das únicas histórias nos faz marcar que jamais estamos sozinhos. É importante localizar as conexões que tecem as histórias e as fazem singulares. Isto é para nós um fazer feminino na ciência. Seguimos os rastros marcados por feministas que antes de nós, lutaram pelas marcas. E nós, levamos adiante este desafio de tecer com os outros o mundo em que queremos

viver. O feminino na ciência se faz pelo laço, pelo vínculo. Colocamos em cena a conexão, o afetar e ser afetado no encontro com a alteridade.

Aprendi que quando uma experiência pessoal toca o outro se torna política. Cria um “nós”. O que diz de um pessoal se conecta com outro e esse outro pode dizer “eu também” e neste momento, um laço se faz. É político quando abre a possibilidade de se conectar e compor um mundo comum.

Aprendi que a escrita não é de modo algum inocente. Sempre tem uma pretensão política. A nossa: fazer mundos porosos.

Aprendi que o ponto de chegada não é o mesmo da partida e o mesmo aconteceu comigo. Me fiz outra a cada encontro, me fiz outra nesta escrita. No encontro com o outro pude escutar histórias múltiplas e heterogêneas. E agora posso contá-las.

Aprendi que deixar rastro, colocar no texto o que me fez fazer, o que me fez pensar, permite que o trabalho seja refeito.

Aprendi que o trabalho não se encerra aqui! Convido você, leitor(a), a refazer este mundo, a mexer, virar, se debruçar, se inquietar, acompanhar, hesitar, equivococar, cuidar, pesquisar, escutar, narrar, povoar...

... e a suspeitar das únicas histórias.

*Quando nós rejeitamos uma única história, quando
percebemos que nunca há apenas uma história sobre nenhum
lugar, nós reconquistamos um tipo de paraíso.*

(Adichie, 2009)

BIBLIOGRAFIA:

Adichie, C. (2009) O perigo de uma única história. Disponível em http://www.ted.com/talks/lang/por_br/chimamanda_adichie_the_danger_of_a_single_story.html

Andrade, C. (2014) Supervisão Coletiva: uma clínica da clínica. Dissertação de Mestrado em Psicologia. Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.

Araújo, F. (2005) Um passeio esquizo pelo acompanhamento terapêutico: dos especialismos clínicos à política da amizade. Dissertação (Mestrado em Estudos da Subjetividade) – Universidade Federal Fluminense, Niterói, RJ.

Bellacasa, M. P.(2012) Nothing comes without its world':thinking with care In. The Sociological Review, Oxford.

Berger, E; Morettin, A.V.; Neto,L.B (1991) Introdução à clínica do Acompanhamento Terapêutico, in A Rua como Espaço Clínico. Acompanhamento Terapêutico Equipe de Acompanhantes Terapêuticos do Hospital-Dia A CASA,p. 17 a 40.

Canguilhem, G. (1965) O conhecimento da Vida. Editora Forense Universitária- Edição 2012.

Couto, M. (2012) Repensar o pensamento. Conferência Fronteiras de Pensamento.Vídeo disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=ahb9bEoNZaU>, acessado em março de 2014

Deleuze, G. (1997) Crítica e Clínica São Paulo: Editora 34.

_____. (2002) Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta.

Despret, V. (1999). Ces émotions que nous fabriquent. Paris: Les Empêcheurs de Penser en Rond-Seuil.

_____. (2004b). The body we care for: Figures of anthropozoo-genesis. Body and Society, 10(2-3), 111-134.

_____. (2011) Vinciane Despret comenta as apresentações de Henrique Cukierman e Solange Jobim - Pesquisas e Práticas Psicossociais 6(2), 160-345, São João del-Rei, agosto/dezembro 2011 disponível em http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapis/volume6_n2/Comentario_3.pdf

_____. (2012a) Experimentar a disseminação. Mimeo.

_____. (2012b) Que diraient les animaux, si... on leur posait les bonnes questions ? Paris: La Découverte.

_____. (2013) From secret agents to interagency. History and Theory, Theme Issue 52, p. 29-44. [Tradução livre por Diana Lazera.]

Fiadeiro, J; Eugênio, F. (sem data) O encontro é uma ferida.

- Foucault, M. (1972) A arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense.
- _____. (1978) História da loucura na Idade Clássica. São Paulo: Ed.Perspectiva.
- _____. (1985) História da Sexualidade. A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal.
- _____. (1987) Vigiar e punir: nascimento da prisão. Petrópolis:Vozes.
- _____. (2000) Em defesa da sociedade. Curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes.
- Franco, L. (2013) Pensando a escrita no trabalho de pesquisa – Por uma política da narratividade. Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.
- Fravet-Saada, J. (2005) Ser afetado. Tradução de Paula Siqueira Disponível em http://www.fflch.usp.br/da/arquivos/publicacoes/cadernos_de_campo/vol13_n13_2005/cadernos_de_campo_n13_155-161_2005.pdf.
- Gagnebin, J. M. (2006) Lembrar escrever esquecer. São Paulo: Ed. 34.
- Gonçalves Benevides, L.(2007) A função de publicização do acompanhamento terapêutico na clínica. O contexto, o texto e o fora-texto do AT. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Haraway, D. J. (1995) Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. Cadernos Pagu, n. 5, p. 7-41. Disponível em:<<http://www.ifch.unicamp.br/pagu/sites/www.ifch.unicamp.br/pagu/files/pagu05.02.pdf>>. Acesso em: 20 de maio de 2012.
- _____. (2009)Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, T. (Org.). Antropologia do ciborg: as vertigens do pós-humano. Tradução de Tomaz Tadeu. Belo Horizonte: Autentica,. p. 35-118.
- _____. (2007) The persistence of vision. In: MIRZOEFF, N. (Ed.) The visual culture reader. New York: Routledge.
- _____. (2008) When species meet: Minneapolis: University of Minnesota Press.
- _____. (2014) Conferência. Os mil nomes de Gaia: do antropoceno à idade da terra. Rio de Janeiro: Departamento de Filosofia da PUC-Rio / PPGAS do Museu Nacional da UFRJ. Víde disponível em: <http://osmilnomesdegaia.eco.br/>
- Kleist, H.V. (1952) Sobre o teatro de marionetes. Disponível em <http://pontocinza.files.wordpress.com/2008/03/heinrich-von-kleist-teatro-de-marionetes.pdf>
- Knijnik, C. (2009) Cacos Urbanos: Gesto, Cidade e Narração, Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.
- Latour, B.(1994) Jamais fomos modernos. Rio de Janeiro: Ed. 34.

_____. (1997) A vida de laboratório. A produção dos fatos científicos. Rio de Janeiro: Relume Dumará.

_____. (2000). A ciência em ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora. São Paulo, SP: Editora da Universidade Estadual Paulista.

_____. (2001). A Esperança de Pandora. Bauru: EDUSC.

_____. (2002). The promises of construtivism. In D. Idhe & E. Selinger (Eds.), Chasing technoscience: Matrix of materiality (pp. 27-43). Indianápolis, IN: Indiana University Press.

_____. (2007) Como falar do corpo? A dimensão normativa dos estudos sobre a ciência. In: NUNES, J. A. E ROQUE, R. (orgs). Objetos impuros. Experiências em estudos sociais da ciência. Porto: Edições Afrontamento, pp. 40-61.

_____. (2008) Reensamblar lo social. Una introducción a la teoría del actor-red. Buenos Aires: Manantial.

Law, J. (1997) Aircraft stories. Decentring the object intenchscience. Keele: mimeo

_____. (1999) Political philosophy and disabled specificities.

_____. (2003) Making a mess with method .

_____. (2004) After method. Mess in social science research. London and New York: Routledge.

_____. (2008) On sociology and STS. The Sociological Review, Vol. 56(4): 623-649.

Law, J. & Mol. A. (1995) Notes on Materiality and Sociality. The Sociological Review. 43, 2, 274-294, May, 1995

Lima, F. R. (2010) A experiência do cuidado de si: a clínica entre o cuidado do tempo e o tempo do cuidado. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Departamento de Psicologia.

Manso, C. C. (2010) Narrativas do cegar: (re)criações de um corpo cego. Dissertação de Mestrado. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

Martins, B.S. (2006a) E se eu fosse cego: narrativas silenciadas da deficiência, Lisboa: Edições Afrontamentos.

_____. (2006b).A cegueira como transgressão corporal: dos corpos marcados aos corpos que marcam. Documento eletrônico, disponível em:

_____. (2006c) Políticas sociais na deficiência: Exclusões perpetuadas. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/228/228.php>.

_____. (2009). O corpo-sujeito nas representações culturais da cegueira. Fractal: Revista de Psicologia, 21 (1), p. 5-21

Mol, A. (1999) Ontological Politics: a word and some questions. In J. Law & J. Hassard (Orgs.). Actor Network Theory and After (pp.74-89). London: Blackwell – The Sociological Review.

_____. (2002) The body multiple: ontology in medical practice. Durham, NC: Duke University.

_____. (2008) The logic of care: health and the problem of patient choice. London: Routledge.

Moraes, M. (2004) A ciência como rede de atores: ressonâncias filosóficas. História, Ciência e Saúde – Manguinhos, vol 11(2): 321-33, maio-ago.

_____. (2008) A contribuição da antropologia simétrica à pesquisa e Intervenção em psicologia social: uma oficina de Expressão corporal com jovens deficientes visuais. Psicologia & Sociedade; 20, Edição Especial: 41-49

_____. (2009) Da extorsão dos testemunhos aos mal-entendidos promissores: modos de intervir e pesquisar com um grupo de deficientes visuais. In: TEDESCO, S.; NASCIMENTO, M. L. (Org.). Ética e subjetividade. Porto Alegre: Sulina.

_____. (2010) PesquisarCom: política ontológica e deficiência visual. In: MORAES, M.; KASTRUP, V. (Org.). Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: Nau Editora.

_____. (2011) Pesquisar: verbo ou substantivo? Narrativas de ver e não ver. II Colóquio Internacional Entre_Redes Disponível em http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalapi/volume6_n2/Moraes.pdf

Moraes, M. & [Arendt, R.](#) (2011) Aqui eu sou cego, lá eu sou vidente: modos de ordenar eficiência e deficiência visual. Caderno CRH (UFBA. Impresso), v. 24, p. 109-120, 2011.

_____. (2013a) Guiar e ser guiado: ou do que é feita nossa (d)eficiência?. Universitas Humanistica, v. 76, p. 327-347.

_____. (2013b) Contribuições das investigações de Annemarie Mol para a Psicologia Social. Psicologia em Estudo (Impresso), v. 18, p. 313-321.

_____. (2014) Do pesquisarCOM ou de tecer e destecer fronteiras. In: Gilead Marchezi Tavares, Marcia Moraes, Anita Guazzelli Bernardes. (Org.). Cartas para pensar : políticas de pesquisa em psicologia /. 01ed.Vitória: EDUFES, v. , p. 131-138.

Moraes, M. e Kastrup, V. (2010) Exercícios de ver e não ver: arte e pesquisa com pessoas com deficiência visual. Rio de Janeiro: NAU EDITORA;

Moraes, M. & [Monteiro, A. C. L.](#) (2010) O corpo que nós fazemos: a deficiência visual em ação. In: Ferreira, A.; Luna, L. ; Moraes, M. ; Arendt, R.. (Org.). Teoria Ator-rede e Psicologia. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2010.v. 01, p. 98-115.

Moser, I. (2000) Against Normalisation: Subverting Norms of Ability and Disability. Science as Culture, Vol. 9(2): 201-240.

Palombini, A.(2006) Acompanhamento terapêutico: dispositivo clínico-político. *Psyche* (São Paulo), São Paulo, v.10, n.18. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382006000200012&lng=pt&nrm=iso.

_____. (2007) *Vertigens de uma psicanálise a céu aberto: a cidade. Contribuições do acompanhamento terapêutico à clínica na reforma psiquiátrica.* Tese (Doutorado em Saúde Coletiva) – Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Disponível em http://www.pepas.org/teses/vertigens_deuma_psicanalise.pdf.

_____. (2009) Entrevista para o Jonal do CRP-RJ. *Jornal n°23 - julho/agosto de 2009 – Título: 2009 - Ano da Psicoterapia: contribuições para o debate.* Disponível em: <http://www.crpj.org.br/publicacoes/jornal/jornal23-analicepalombini.pdf> Acesso em dezembro de 2012;

_____. (2014) Parecer escrito para a qualificação de mestrado. Não publicado.

Palombini, A. ; Jover, E.; Richter, E. et al.(2004) Acompanhamento terapêutico na rede pública: a clínica em movimento. Porto Alegre: UFRGS.

Ramminger, T. (2008) Entre a normatividade e a normalidade: contribuições de G. Canguilhem e M.Foucault para as práticas de saúde. *Mnemosine Vol 4, n°2, p.68-97.*

Ranciére, J.(2005) *A partilha do sensível: Estética e Política.* São Paulo: Editora 34.

Rodrigues, M. R. C. (2013) *Mosaico no tempo: uma inter-ação entre corpo, cegueira e baixa visão.* Tese de doutorado. Niterói: Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense.

Rolnik, S. (1993) *Pensamento, corpo e devir. Uma perspectiva ético-estético-político no trabalho acadêmico* In *Cadernos de Subjetividade/ Núcleo de estudos e Pesquisas da Subjetividade do programa de Estudos Pós Graduados em Psicologia Clínica da PUC – SP.– v. 1, n.2: 241-251 – São Paulo: PUC.*

Silveira, M. (2013) *Escritas de si, escritas do mundo: um olhar clínico em direção à escrita.* Disponível em atheneadigital.net/article/download/v13-n3-silveira/pdf-pt

Spink, P. (2003). *Pesquisa de campo em Psicologia Social: Uma perspectiva pós construcionista.* *Psicologia e Sociedade, 15(2),18-42.*

Stengers, I. (1989) *A ciência no feminino.* Trad. Alexandre Belford. *Revista 34 Letras, n.5/6, Rio de Janeiro, pp. 427-431.*

_____. (2006) *La vierge et le neutrino: les scientifiques dans la tourmente.* Paris: Les empêcheurs de penser en Rond.

Tavares, G. (2010) *Breves notas sobre as ligações.* Florianópolis: Editora da Casa.

Tibola, T. (2014) *Histórias de sintonias e fronteiras: escutar, ocupar, dissentir a cidade.* 2014.194 f. Tese (Doutorado em Psicologia) – Instituto de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro.